

O RIO DE JANEIRO e seus arredores em 1824

ERNST EBEL

No ano do sesquicentenário a *Brasillana* divulga um dos mais vivos retratos da côrte brasileira na era da Independência. O relato de Ernst Ebel, um dos menos conhecidos, é aqui "pôsto em linguagem", como se dizia outrora, devida e cuidadosamente anotado pelo Embaixador Joaquim de Souza Leão Filho, um perfeito conhecedor dos arcanos da linguagem do autor e um dos mais competentes peritos na iconografia do tempo.

Ebel morou em pleno Rio de Janeiro da era da fundação do Império. Estêve em hospedarias, conviveu com o povo. Não viu a sociedade com os óculos róseos de certos diplomatas em busca do exótico ou do estranho, nem com o amargor dos que vieram "fazer a América" e se viram frustrados em suas ambições.

A importância de seu depoimento singelo está no ambiente que êle retrata como nenhum outro. A independência estava próxima e o prestígio pessoal do Imperador ainda bastante alto. Os remadores do barco que o trouxe à terra usavam o topo verde e amarelo e o emblema em ângulo com a divisa: *Independência ou morte*.

Cardápio e custo de uma refeição comum, indumentária usual, condições de hospedagem, tudo isto é descrito com minúcia rara de encontrar-se nos viajantes aristocráticos. Não falta o elogio à capacidade e à relativa beleza da jovem escrava de 16 anos que teve a seu serviço.

Uma observação curiosa: "O carnaval", diz o nosso viajante, "que em todos os países católicos é tão alegremente festejado, passa aqui despercebido." A única diversão consistia no entrudo, "brincadeira absurda e a que se entregam não só conhecidos como tôda a sorte de gente."

Sôbre a escravidão seu depoimento é benévolo. "O tratamento aqui dispensado aos escravos é, de modo geral, bom. (...) Os escravos podem alforriar-se legalmente quando indenizam os senhores do que lhes custaram. Isto para muitos não é difícil, porque têm a liberdade de procurar trabalho mediante o pagamento de uma prestação. Mas o negro pensa raramente no dia seguinte e, quando logra ganhar alguns vinténs, gasta-os logo bebendo."

Não cria o nosso báltico germanizado na profundidade da crença religiosa dos brasileiros. Para êle a "antiga carolice brasileira se transformou numa total indiferença em matéria de religião."

Do Imperador teve o viajante a melhor das impressões: "É um jovem de vinte e poucos anos, de ótima constituição física, presença sem dúvida imponente e traços aristocráticos. No geral tem um ar sobranceiro sem ser sombrio e é dotado, de mais a mais, de coragem e pertinácia. (...) A Imperatriz é antes pequena, pouco bonita, e seu olhar por vêzes duro, quase mal-humorado, não irradia simpatia; em compensação é extremamente culta e ambos vivem na melhor harmonia." Como se vê, o escândalo que abalara um casal realmente feliz, ainda não se havia generalizado.

Excelente notícia é dada do grupo estrangeiro que aqui habitava e que constituía uma sociedade inteiramente à parte, como insistem em afirmar tôdas as testemunhas.

Não há aqui enfadonhas descrições científicas, nem cansativas estatísticas. Mas a vida comum do brasileiro mediano poucas vêzes foi tão singelamente retratada.

Ao deixar o país dêseja o viajante que êle "cresca e apareça". É o que esperamos ter feito, atendendo aos votos do amigo.

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

E15r Ebel, Ernst,
O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824;
tradução e notas de Joaquim de Sousa Leão Filho.
São Paulo, Editora Nacional, 1972.

p. (Brasiliana, v.351)

I. Rio de Janeiro — Descrição I. Título. II Série

72-0514

CDD-918.1541



Índice para catálogo sistemático:

1. Rio de Janeiro: Cidade: Descrição 918.1541

O RIO DE JANEIRO
e seus arredores em 1824

BRASILIANA

Volume 351

Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

ERNST EBEL

O RIO DE JANEIRO
e seus arredores em 1824

edição ilustrada

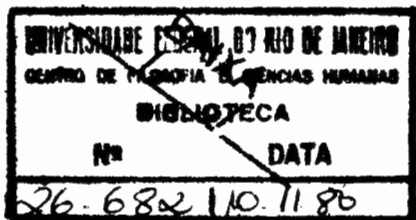
tradução e notas de
JOAQUIM DE SOUSA LEÃO FILHO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

918 1

8722

V 321



Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639

01212 SÃO PAULO, SP

1972

Impresso no Brasil



SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	XI
<i>Prefácio</i>	XV
Cowes, 6 de janeiro, 1824	1
À vista do Cabo Frio, 23 de fevereiro, 1824	5
Rio de Janeiro, 28 de fevereiro, 1824	9
Rio, 6 de março, 1824	25
Rio, 13 de março, 1824.....	77
Rio de Janeiro, 25 de março, 1824	95
Rio de Janeiro, 31 de março, 1824	109
Rio de Janeiro, 13 de abril	121
Rio de Janeiro, 30 de abril	129
Rio de Janeiro, 5 de maio, 1824	155
Rio de Janeiro, 25 de maio, 1824	171
Rio de Janeiro, 1.º de junho, 1824	181
Rio de Janeiro, 9 de junho, 1824	195
<i>Identificação das gravuras</i>	197

APRESENTAÇÃO

Descendente de antigos cavaleiros teutônicos ou, mais provável, de agentes da Liga Hanseática, o “turista” Ernst Ebel, de Riga, não esconde sua dupla nacionalidade: a alemã, língua em que escreve e comunidade na qual se integra enquanto no Rio, e a báltica (nessa altura estava a Letônia englobada na Rússia, como hoje, de novo, na União Soviética) já que sempre estabelece em função do rublo as paridades monetárias, russas são as medidas de pêso e distância que emprega, e advoga uma maior aproximação comercial entre o Brasil e o grande império dos Tsares.

Tendo conhecido o Rio de começos de 1824, seu livrinho — uma compilação de cartas escritas a um amigo — permaneceu, pela sua raridade, uma peça, por assim dizer desconhecida da nossa bibliografia exótica, conquanto seja dos mais interessantes depoimentos que possuímos sôbre a cidade e o país que acabava de conquistar sua independência — verdadeira reportagem — em que a pessoa do jovem soberano é olhada com simpatia e admiração. Na verdade, Ebel fêz de D. Pedro I o mais lisongeiro dos retratos — príncipe quase perfeito — juízo no qual, de resto, corroboram todos os estrangeiros contemporâneos,

diplomatas e viajantes, quais Maler, Monglave, La Hure, Stuart, Roussin, que focalizaram o cavaleiro emérito, o chefe destemido, o compositor e jornalista de talento, até o negociador persuasivo. É como o define Sir Charles Stuart, o mediador entre pai e filho, em carta a Canning de 6 de setembro de 1825, como o almirante francês, escrevendo a um amigo (1828).

Ebel foi quem primeiro assinalou a viçosa floração da *palma-mater* e, ao descortinar do alto da Serra o perfil litorâneo, aquele “gigante deitado prestes a despertar”, vaticina-lhe (como Eschwege o havia feito no seu *Journal v. Brasilien*) um brilhante futuro adiantando-se 24 anos à profética “Visão” do poeta (Gonçalves Dias) que o texto republicano do hino nacional iria consagrar.

Especialmente interessante para a história do café no Brasil é a descrição que faz das fazendas pioneiras da Tijuca (Saint Louis e Nassau) bem como da famosa Mandioca, de Langsdorff, visitada às vésperas do grande périplo que o Cônsul Geral da Rússia ia empreender pelo interior do país, acompanhado do artista Rugendas, dos naturalistas Menetries e Riedel, do astrólogo Rubzow, com os quais Ebel excursionaria pelos arredores.

Fora sumárias referências em obras especializadas, as únicas citações do livro que conheço são as feitas por F. Hinden, para escorar seu *Deutsche u. Deutscher Handel* (1921) e um trecho da terceira carta que o

Gen. Paranhos Antunes inseriu em “Estudos da História Carioca” (n.º 8 da col. *Cidade do Rio de Janeiro*), em tradução que cotejei com a presente.

De certo modo as apreciações de Ebel complementam o *Diário de Maria Graham*, o clássico traduzido e anotado por A. J. Lacombe, e são flagrantes não menos autênticos que as próprias aquarelas de Debret não somente do reboiço das ruas como ainda do cenário representativo da côrte e da sociedade. Trata-se, em suma, de contribuição fundamental que aparece no sesquicentenário da Independência, ilustrada com 30 inéditos de artistas contemporâneos.

J. de S. L.

NB — As anotações do autor vão assinaladas com um *A* e as do tradutor com um *T*.

PREFÁCIO

As páginas que se seguem escrevi-as para meu entretenimento ao voltar do Rio de Janeiro, em 1824, sem o propósito de jamais divulgá-las, razão pela qual ficaram elas até agora na minha escrivaninha.

Não obstante, para atender ao desejo de vários amigos que são de opinião que elas podem servir de guia útil a futuros visitantes daquela cidade, entrego-as agora à publicidade. Todavia, não pude furtar-me a reordená-las, omitindo, naturalmente, passagens que pouco interessariam ao grande público e antecipando minhas desculpas já que, positivamente, não sou um escritor.

O único valor que possa ter êste livrinho é o de contar sòmente a verdade, tanto quanto nos seja dado — criaturas humanas que somos sujeitas a equívocos — vislumbrar essa Deusa.

ERNST EBEL

ILHA DE WIGHT,
Cowes, 6 de janeiro, 1824.

Caro Amigo,

Afinal deixamos êste pôrto e, com êle, a Europa por algum tempo, pelo que vou logo dando cumprimento à minha promessa para que, ao menos em pensamento, possas participar do bom e do mau que uma peregrinação aos antípodas necessàriamente oferece. E, sem mais rodeios, eis o resumo do que foi a viagem até aqui.

Embarquei a 14 de novembro, em Helsingôr⁽¹⁾, no brigue Theodor, capitão Joh. Seebeck, levando tôda sorte de equipamentos de que precisam os navios que vão ao Rio de Janeiro. Tivemos que esperar muito tempo por vento favorável na numerosa companhia de duzentos outros navios igualmente detidos, o que não ajudou a tornar nossa posição mais agradável; foi pois,

(1) Pôrto dinamarquês no ponto mais estreito do Sund, de onde também partiram em 1803 os dois navios russos da viagem de circunavegação sob o comando de Krusenstern e de que foi cronista o barão de Langsdorff. T.

com verdadeira alegria que, a 3 de dezembro, um vento forte do sul permitiu-nos afinal levantar ferros.

A travessia foi até aqui das mais perigosas que jamais experimentei. Contínuos tufões de oeste atrasaram-na incrivelmente, colocando-nos muitas vêzes em situações que só a qualidade do barco e a perícia de seu comandante nos pôde salvar, especialmente, como foi o caso, durante a furiosa tempestade de 18 de dezembro, quando nos encontrávamos na proximidade de Dover e lá sossobraram mais de cem navios. Como continuassem contrários os ventos, decidiu-se por fim o capitão a fazer uma escala, o que ocorreu a 20 de dezembro.

Aproveitei a demora de quatorze dias nesta ilha para conhecer o melhor possível seus arredores. Bem merecido o nome que lhe deram de jardim, tal a alternância encantadora de colinas e vales que se avistam de pontos atraentes e românticos a superar a imaginação. Para tanto contribuem as inúmeras residências de campo dos ingleses ricos que aqui passam grande parte do verão em suas elegantes e bem construídas casas, ao estilo gótico, a ponto de acreditarmos transportados aos velhos tempos da cavalaria.⁽²⁾ Verdadeiras e muito pitorescas são as ruínas do castelo Carisbrooke, em que esteve prêso Carlos I e de onde

(2) Antes do "gothic revival" da era romântica, a arquitetura normando-inglesa criara o estilo chamado Tudor (da respectiva dinastia), que deixou sua marca por todo o país. T.

em vão tentou fugir. Mostram ainda a janela pela qual tê-lo-ia tentado.⁽³⁾ O conjunto está bastante danificado e apenas oferece alguns aspectos panorâmicos sobre a fértil vizinhança. Dei uma volta a pé pela ilha, que mede cêrca de seis milhas, em companhia de amável inglêsa, demonstrando assim serem as mulheres daqui mais andarilhas do que entre nós, no norte.

Cowes é uma cidade pequena, sem importância, pitorescamente situada à beira-mar — bem inglês o estilo de vida — mas entre as senhoras educadas que encontrei nenhuma mostrou aquela reserva de que em geral acusam as dessa nacionalidade; muito pelo contrário, foram do mais simpáticas e acolhedoras.

Aqui, como em tôda a Inglaterra, o domingo é o dia mais enfadonho da semana. Os inglêses, tão avançados sob tantos aspectos, crêem dever a Deus, além do serviço religioso, um retraimento reverente e voluntário que torna êsse dia monòtonamente insupportável.

(3) Essa tentativa dos Realistas de salvarem Carlos I das garras dos Parlamentares e do Exército teve lugar em 1648, ano anterior ao da sua decapitação. T.

À vista do Cabo Frio, 23 de fevereiro de 1824.

O capitão acordou-me cedo, esta manhã, com um grito: terra! E, ao subir para o tombadilho, avistei no horizonte montanhas azuladas que se erguem no litoral brasileiro.⁽¹⁾ É uma sensação particularmente grata avistar-se terra depois de seis semanas de ininterrupta navegação; nossa impaciência em pôr de nôvo os pés no chão cresce a cada minuto.

Minha travessia até cá foi sem dúvida feliz; ventos sempre favoráveis, ou quase, e o tempo tão bonito que, por vêzes, eu podia escrever à mesa, no convés, sem ser molhado pelas águas. Afora umas poucas baleias de tamanho médio — as chamadas *Nordkapern*⁽²⁾ —

(1) Azuladas também as viu Richard BATE em suas *Aquarelas*: a primeira. São tôdas, por sinal, do maior interêsse topográfico (Gilberto Ferrez, Rio de Janeiro, 1965). T.

(2) As *Nordkapern* pertencem à família dos *Glatwal* (*Balaenidae*), cujo nome científico é *balaena glacialis*, parente da *Südwal* ou *balaena australis*. Alcançam até 12 metros de comprimento. Em francês chamam-se *baleines blanches* e *white-whale* em inglês. (Ver ilustração na *Encyclopaedia Britannica*.) T.

e considerável número de bonitos, que nos seguiam aos bandos, entreteno-nos com seus saltos; vimos também com freqüência peixes-voadores, que se levantavam em cardumes. Se, por acaso, caíam sôbre a ponte, comíamos-los fritos, ao pequeno almôço, pois têm um sabor delicado.

Interessante fenômeno foi a fosforescência da água que me dava a impressão, na escuridão da noite, de nos movermos em mar de fogo. Chamas azuladas erguiam-se pelos costados do navio, deixando profunda e reluzente marola. Eu já tinha observado essa iluminação durante o inverno no litoral norueguês, mas por aqui ela é bem mais intensa.

Segunda curiosidade ocorreu entre os cinco e seis graus norte: ao soprar um forte nordeste, fomos surpreendidos pela correnteza que vinha de sudeste e nos desviou da rota umas 18 léguas para o noroeste em 24 horas. O mar todo rugia, levantando pequenas ondas como acontece na foz de um rio quando o vento é contrário. Deixo aos navegantes esclarecerem o fenômeno.

Minha saúde conservou-se excelente, para o que muito contribuiu o banhar-me tôdas as manhãs numa tina d'água salgada, regra que recomendo a todo viajante que atravesse esta zona. Às freqüentes observações da lua e das estrêlas, devemos agradecer que, sem cronômetro a bordo, nossos cálculos de direção resultassem certos e chegássemos praticamente à vista

do Cabo Frio à hora prevista. Devíamos ter cruzado a linha, à altura do meio-dia, a 23° 49 min, mas a correnteza desviou-nos tanto para oeste, que, segundo as observações, fizemo-lo a 27° 11 min.

O batismo costumeiro foi solenemente festejado, mas, apesar do capitão e eu termos pago o nosso imposto, não escapamos a que do cesto da gávea nos mimoseassem com violento jôrro d'água; bem mais brutal, porém, foi o que se passou com a tripulação, da qual sòmente dois marinheiros haviam atravessado o equador. Como eu lha tivesse presenteado com algumas garrafas de *cognac*, as conseqüências foram sérias, já que a alegria festiva se transformou numa algazarra que só a custo pôde ser apaziguada: que isto sirva de advertência a futuros passageiros para que, a título de generosidade, não incorram no mesmo êrro. A gente do mar não tendo noção da medida, o gesto só acarretará inconvenientes.



RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1824.

Eis-me felizmente chegado ao fim da viagem e alcançados teus bons votos. Contornamos rapidamente o Cabo Frio e, na manhã seguinte, tínhamos à vista a famosa baía do Rio de Janeiro, reconhecível pelo alto e desnudo penhasco que fica à esquerda de sua entrada, denominado em português Pão de Açúcar e, em inglês, *Sugarloaf*. Impressionante é, na realidade, a forma que tem. Ao aproximar-nos, avistamos o interior da baía e, a um tempo, a perspectiva da cidade, que logo desapareceu atrás de uma ilha. À distância e do lado esquerdo vimos a ilha Redonda, o belo e nôvo farol, construído sob a supervisão de Lorde Cochrane, o qual ainda não está de todo pronto.⁽¹⁾ Com o vento do mar, ao meio-dia, velejamos barra adentro, passando entre os fortes de Santa Cruz e São João,⁽²⁾ para ancorar nas

(1) Não há dêsse fato constância na *Narrativa de Serviços...* prestados pelo próprio almirante, conde de Dundonald (Londres, 1859).

(2) Como se lerá mais adiante, Ebel chamou de São João Laje o fortim da Laje. T.

proximidades de um terceiro, Villagagnon (sic), que nos dirigiu um tiro de advertência. Logo a seguir, recebemos a visita, em vários escaleres, de funcionários do Pôrto, da Alfândega, do Forte, etc.⁽³⁾ O cômico é que a Saúde fôsse a última a chegar, cujo oficial usou das maiores precauções para se acercar, quando os outros já havia tempo se encontravam a bordo. Os escaleres traziam a bandeira brasileira: amarela com uma cruz verde sob um globo terrestre (sic). Eram tripulados por dez a doze remadores prêtos; os oficiais — alguns falando um pouco de inglês ou francês — traziam no braço direito um emblema com a divisa: “Independência ou Morte”⁽⁴⁾ e nos quêpis a *cocarde* nacional verde e amarela.⁽⁵⁾ Fomos cortês e amavelmente tratados, permanecendo conosco dois jovens

(3) Um dêsses, o do prático, foi desenhado pelo Príncipe de Wied em sua *Viagem ao Brasil* (Edição Melhoramentos, São Paulo, 1969, p. 27). T.

(4) Divisa essa inspirada na de uma das três “Palestras” do recém-fundado “Apostolado dos Cavaleiros da Santa Cruz” (2 de junho de 1822), por José Bonifácio, paralelamente ao Grande Oriente da Maçonaria Brasileira, em cujo grão-mestrado seria êle sucedido por D. Pedro. O Imperador assumiu também a direção do Apostolado (*apud* S. Corrêa da Costa: *As quatro coroas de D. Pedro I*, São Paulo, 1942, págs. 47 e 48). Em 1823, essas sociedades secretas foram abolidas por D. Pedro e o Grande Oriente só se reabriria em 1831, com José Bonifácio novamente grão-mestre. T.

(5) Criado como emblema nacional a 18 de setembro, 1822, êste tope foi usado até 1825 ao alto da manga esquerda e consistia numa asna amarela com uma roseta verde acima, inscrita na primeira a divisa em aprêço. Vide *Uniformes do Exército Brasileiro* (Gustavo Barroso, Rio, 1922, p. 27). T.

soldados, mulatos, e dois guardas aduaneiros; mas continuamos ancorados, sendo já escuro demais para prosseguirmos até a cidade.

Pouco a pouco, fazendo-se silêncio, demorei-me no convés para gozar tranqüilo das impressões que esta primeira visão do nôvo mundo me despertava.

A noite estava linda e o calor aliviado pela benfazeja brisa marítima que naquele momento encrespava o mar, prateado pelo clarão do plenilúnio. Inúmeras e novas constelações, num céu desanuviado, espelhavam-se no escuro das ondas: as grandes estrêlas do hemisfério sul. Majestosa e solene, erguia-se a Serra do Mar, a cujos pés as vagas iam bater surdamente, pois a imensa e luminosa superfície aquática é cercada por uma cadeia de altas montanhas, cujos picos bizarros ora parecem erguer-se como colunas até o céu ora, sob a miragem do luar, confundem-se com as nuvens, a fechar o horizonte. Num semicírculo anfiteatral, a cidade aparece distante, à beira-mar. Seu casario, iluminado por focos sem conta, produzia aprazível efeito. De quando em vez, subiam foguetes à retagurda, cujas explosões, iluminando mágicamente o cenário um instante, não menos rapidamente se extinguíam. Festivamente, repicavam os sinos até nós — as Ave-Marias — para logo se calarem. Também iam-se apagando as luzes. Um silêncio, cada vez mais profundo, baixou sobre a terra e, como a lua se escondesse atrás das montanhas, recolhi-me logo ao beliche para que minha encan-

tada observação do mundo celestial não fôsse perturbada pelos roncões pouco poéticos dos soldados, a dormirem no convés os quais me reconduziam à realidade terrestre.

Na manhã seguinte, desci à terra com o capitão e os dois soldados, que nos conduziram à chefatura da polícia.

Estranha é a sensação do desembarque. Ao invés de brancos, só vi negros, seminus, a fazerem um barulho infernal e a exalarem um cheiro altamente ofensivo ao olfato. Além do mais, era intenso o calor e tivemos que fazer longa caminhada até a polícia, cujo chefe, no momento, tinha ido à missa. Depois de esperarmos mais de uma hora voltou êle, finalmente, mais a família, ainda compenetrado da sacra cerimônia. Fomos, porém, pronta e cortêsmente despachados, recebendo permissão para circularmos à vontade. Ali nos despedimos da escolta com uma gorjeta.

A custo encontramos o cônsul da Holanda, Sr. Hindrichs,⁽⁶⁾ a quem vínhamos recomendados e por quem fomos cordialmente acolhidos, contente eu de poder descansar um pouco antes de enfrentar o atro-

(6) Carl Hindrichs, da firma Hindrichs, Wiers & Co., morador em São Cristóvão. No *Almanak do Rio de Janeiro*, de 1827, aparece êle como vice-cônsul da Holanda e já falecido. Estava estabelecido à rua Direita, no trecho de que Rugendas deixou-nos um flagrante da azáfama que nela reina o dia inteiro. O original a lápis (na Biblioteca Municipal de São Paulo) serviu para a litogravura intitulada "Rua Direita". T.

pêlo da rua, do qual mal pode fazer idéia um europeu. O barulho é incessante. Aqui uma chusma de prêtos, seminus, cada qual levando à cabeça seu saco de café, e conduzidos à frente por um que dança e canta ao ritmo de um chocalho ou batendo dois ferros um contra o outro, na cadência de monótonas estrofes a que todos fazem eco; dois mais carregam ao ombro pesado tonel de vinho, suspenso de longo varal, entoando a cada passo melancólica cantilena; além, um segundo grupo transporta fardos de sal, sem mais roupa que uma tanga e, indiferentes ao pêso como ao calor, apostam corrida gritando a pleno pulmão. Acorrentados uns aos outros, aparecem acolá seis outros com baldes d'água à cabeça. São criminosos empregados em trabalhos públicos; também vão cantando em cadência. Mais adiante, passam dois aguadeiros, aos berros desafinados, mais uma negra vendedora de bananas e outra de confeitos — os chamados “doces” — apregoando ambas suas mercadorias também aos gritos. Vão elas ligeiramente vestidas: braços, fronte e pés nus. Tudo é transportado à cabeça, no que os negros demonstram tal habilidade que nenhuma gôta derramam dos líquidos, isso sem ajuda das mãos ou qualquer outra e sempre a cantar ou a berrar. O barulho é aumentado por uma tropa de muares, carregada de café, a qual pára em frente à casa, atravancando a rua; pior ainda: eis que surge enorme carroça de duas rodas, levando material de construção

e puxada por quatro bois, a qual faz um ruído ensurdecido — o das rodas maciças a girarem com o eixo — como se serrassem pedras ou ferros. Por cima de tudo, o badalar contínuo dos sinos. É realmente para atordoar.⁽⁷⁾

Ao meio-dia, fui almoçar no hotel inglês — o Campbell — à rua Direita, que goza da fama de ser a melhor *table d'hôte* da cidade (outra é o Bulcher, na do Rosário, que achei igualmente boa e mais barata). Lá encontrei uns dez ou doze fregueses, na maioria ingleses e americanos.

Sopa, uma dúzia de pratos apresentados a um tempo, pudim e frutas como sobremesa, mais meia garrafa de bom vinho do Pôrto — tudo preparado ao gosto inglês — e pelo preço de 800 réis ou cerca de 4 rublos por pessoa.⁽⁸⁾

Tive ali a oportunidade de conhecer curioso personagem: Rio-Rio, o Rei das Ilhas Sandwich, que, com

(7) De tôdas essas cenas foram captados flagrantes por quanto artista-viajante passou pelo Rio na época, copiando ou inspirando-se nas aquarelas do costumista português, Cândido Guilhobel (1787-1859), que as deve ter multiplicado como postais, já que mais de meia dúzia dessas coleções, variando de 30 a 60 figurinhas, chegaram até nós, procedentes quase tôdas do estrangeiro, uma delas datada de 1814. Também Ender as copiou e o tenente Chamberlain com elas enriqueceu suas estampas. T.

(8) O bávaro Schaeffer (*Brasilien als unabhängiges Reich*, Altona, 1824), à sua primeira passagem pelo Rio, em 1814, pagou por uma refeição apenas 200 réis; também a libra inglesa baixara, naquele ano fatídico, a pouco mais de 3\$000, ao passo que em 1824 já estava acima de 5\$000. T.





Ch. Beck

LEHNSSTE WEL

sua mulher e tôda uma Côrte veio aqui ter faz quinze dias e ainda passará mais uma semana. (9) Chegou em navio americano, especialmente fretado para levá-lo das ilhas à Europa e torna-viagem, a fim de, em primeiro lugar, visitar seu colega, o Rei Jorge, e fazer-se uma idéia visual da civilização inglêsa. Foi aqui recebido pelo Imperador, a quem presenteou com um manto real, artisticamente tecido de penas, tendo almoçado em palácio mais a rainha. É um belo homem, grande e sereno, de mais ou menos trinta anos, que sabe se impor, tendo um olhar vivo e acolhedor. Pele oliva, rigorosamente vestido à européia, possui uma natural

(9) Reho-Reho (soa em inglês Rio-Rio) era filho de Kameha-mahá, o grande chefe que, dominando os demais régulos, uniu o arquipélago descoberto por Cook em 1778, assumindo o título de rei. Foi visitado em 1822 por G. F. Mathison, autor de *Narrative of a voyage to Brasil, Chile, Perú and the Sandwich Islands* (Londres, 1825). Foi Rio-Rio quem primeiro acolheu os missionários norte-americanos, adotando a religião cristã e abolindo os tabus idólatras de seus ancestrais; considerava-se súdito do Rei da Inglaterra, a quem seu pai se havia submetido ao tempo de Vancouver (que andou pelas ilhas entre 1792 a 94), embora não lhe ratificassem em Londres a cessão. Segundo Mathison, Reho-Reho era casado com quatro mulheres, dado a libações freqüentes e vivia em condições primitivas, embora rico, e isso graças ao monopólio do sândalo, principal fonte de recursos local, que era exportado para Cantão em navios americanos. Seu primeiro-ministro chamava-se Krimaku e a rainha que o acompanhou e com êle faleceria na Inglaterra, de sarampo, era a favorita e não a primeira. O manto de penas, com o respectivo capuz, constituíam a indumentária de cerimônia. A independência do arquipélago foi reconhecida em 1842/43 pelos Estados Unidos e depois pela França e Inglaterra. Anexado pelos norte-americanos em 1898 durante a guerra com a Espanha, território federal em 1900, hoje o Havaí — seu novo nome — é um dos 52 Estados da União. T.

distinção de maneiras, o que eu dêle não esperaria. A rainha, pelo contrário, é uma perfeita selvagem, gorda e agigantada, de sólida ossatura, transparecendo igualmente de suas feições certo ar de bondade. Olha para tudo cheia de curiosidade e cumprimenta sorridente a torto e a direito. Veste-se também à européia, mudando seus trajes de sêda quase diàriamente e usa uma espécie de turbante. Como não tem tato ou noção de maneiras, o luxo de sua aparência é antes ridículo.

Certa dama da côrte ou amiga, que a acompanha, é mais simpática, apesar de não ser bonita. Entre as duas, reina a mais perfeita igualdade, o que não se passa com o rei, que, apesar de em nada diferenciar-se na indumentária do resto da comitiva, é por ela tratado com o maior respeito. Consiste a mesma de um chamado primeiro-ministro, de um intérprete, mais uma dúzia de criados. Mora na dita hospedagem, sem confôrto, mas gastando bom dinheiro, pois procura satisfazer a sofreguidão pelo luxo de sua mulher, devendo ter trazido forte soma em moeda sonante. Professa a religião cristã e visa, talvez, com esta viagem, civilizar sua gente, que, geogràficamente bem situada entre a Ásia e a Europa, poderá desempenhar um dia importante papel no cenário mundial.⁽¹⁰⁾

Minhas primeiras noites no Rio passeia-as o pior possível, visto que nenhum alojamento me havia sido

(10) Infelizmente, o rei faleceu pouco depois de chegado à Inglaterra. A.

reservado e tive que recorrer às estalagens, no geral péssimas.⁽¹¹⁾ Nas duas melhores — Campbell e Bucher — não encontrei lugar. A custo, dormi a primeira numa pensão francesa, tendo que me contentar com um quarto — melhor dito de despejo — sem porta e dando diretamente para um pátio estreito e sujo. Como cama, um colchão de palha colocado sôbre a tábua da mesa, isto é, o mesmo que nada; ratos corriam por tôda parte sem cerimônia, mosquitos (um pouco maiores que os nossos) entretiveram-me com seu “mavioso” concêrto noturno. Agradeçi, pois, aos céus quando às cinco horas, a luz matinal liberou-me da “apetitosa” cama e do respectivo “ninho”. As duas noites seguintes dormi no Ship ou albergue italiano, onde arranjei uma cama limpa, tendo porém, não só que partilhar o quarto com dois outros, como tampouco fui poupado pela música dos mosquitos (cujas picadas, entretanto, já não me molestavam tanto), e travei repetido conhecimento com as baratas — espécie de bezouros corredores — que infestam aqui tôdas as casas. Acresce que um bando de pombos invadiu-me o quarto, encarregando-se de me acordar cedo. Se considerares ainda

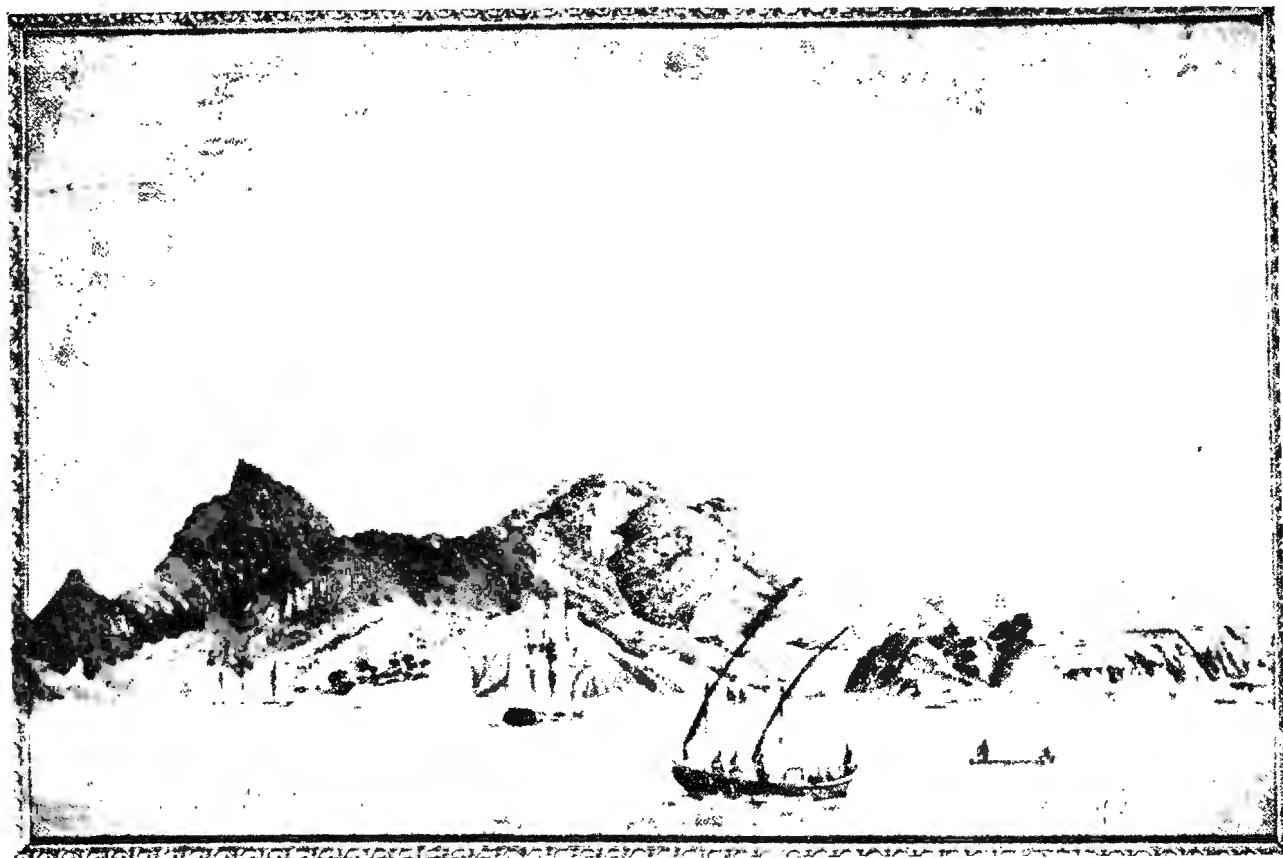
(11) Eis como a elas se refere Joseph Shore the younger (Rio de Janeiro, 15th. April, 1814): ‘If the accommodations of Mrs. O’Brian’s are considered the best in Rio, bad indeed is the best; no attendance, nor supplied with the most trivial thing in your room without calling for it, the beds made up on sofas of cane bottoms, comprising two sheets and one pillow, all of which are innocently cobbled, not being particular as to a few holes being left’ — (“Journal” inédito na coleção do tradutor).

o calor exagerado que me atormentava dia e noite, convirás que minha estréia por estas bandas nada teve de convidativa.

As roupas européias de lã logo cederam lugar às de brim; ao invés de casaca, usa-se em regra um paletó leve de linho; nada de gravatas ou luvas, que a transpiração não deixa calçar. Mesmo um lençol, à noite, é quente demais e, para suportá-lo, há que dormir em frente a alguma janela aberta, o que se pode fazer sem perigo para a saúde no verão, de novembro a maio. Nas ruas anda-se com chapéu de chuva, leve, que faz as vezes de guarda-chuva, sempre que as casas não ofereçam sombra.⁽¹²⁾ A alimentação não requer cuidados especiais; convém, contudo, tomar-se um copo de vinho e evitar-se quanto possível comer frutas, o que não foi para mim sacrifício pois ainda não encontrei uma só, mesmo madura, de que gostasse; tôdas têm um sabor adocicado, um tanto enjoativo, mesmo a famosa banana que, só assada com ovos, é gostosa. Até o abacaxi, tão comum por aqui, não tem o sabor aromático do europeu e lembra o menos convidativo do ruibarbo.⁽¹³⁾

(12) A observação tem sua razão de ser: na verdade, “transbordando para fora das sancas... nas ruas estreitas, os largos beirais mais adelgaçavam a nesga do céu...” (M. de Barros Latif: *Uma Cidade nos Trópicos*, São Paulo, 1948, pág. 14). T.

(13) Em seu *Notices of Brazil* (Londres, 1830, 1, p. 513), o reverendo Walsh, que, aliás, não está sozinho, achava-os “deliciosos — a melhor fruta do país — superiores às mangas e às bananas”: *de gustibus non est disputandum*. T.





A razão será que as frutas brasileiras, com exceção da laranja, não são aprimoradas, crescendo selvagens e sem enxerto. Em compensação, preparam uma bebida agradável e salutar de certa fruta, chamada caju, que tem a forma da pêra-d'água, de um vermelho e amarelo intensos, com uma noz recurva e escura na ponta, da qual se extrai um óleo cáustico. Depois de descascada, espreme-se a polpa, que é succulenta e, juntando-se-lhe açúcar, água e um pouco de aguardente, resulta uma limonada ligeiramente ácida, mas refrescante; além do mais eficaz, ao que dizem, para limpar o sangue, pelo que é receitada com freqüência como excelente remédio contra a sífilis.

Minhas coisas, desembarcadas do navio, ao passarem pela alfândega, foram revistadas, peça por peça, o que não é usual, isto porque num navio francês, chegado ao mesmo tempo, descobriram-se malas que continham grande soma de notas falsas brasileiras.⁽¹⁴⁾ Os funcionários, alarmados, ampliaram suas precauções e examinaram de perto todos os navios e passageiros chegados simultaneamente. O responsável por tal façanha — um comerciante francês, dantes aqui estabelecido — fê-las imprimir em França, mas o

(14) As notas de banco brasileiras são impressas em papel tão ordinário quanto as suecas, variando suas denominações até quatro mil-réis. Sofrem um deságio de 10 a 12% em relação à prata, mas guardam no comércio seu valor nominal e constituem o dinheiro que circula. Como moeda divisionária existem as de cobre, de 80 a 10 réis, cunhadas muito acima do seu valor intrínseco. A.

próprio governo mandou de lá aviso: nome do navio, formato e marcas dos *colis*. O falsário, na certa advertido a tempo do malôgro da iniciativa, veio por outro navio, já que o indicado chegou sem êle. O banco oferece um prêmio de dez contos de réis (10.000 *taler* Hamburgo-Banco) pela sua prisão.⁽¹⁵⁾

(15) Vejamos o que, a propósito, relata J. A. de Almeida Prado em seu erudito prefácio ao quinto álbum de viagens de *J. B. Debret* (Editora Nacional, São Paulo, 1970): “a polícia central de Paris denunciou a partida para o Brasil de falsários... Tamanha era a sua quantidade (de notas) que a operação despertou suspeitas... A comunicação suscitou pânico no Rio... Jean Marolle e seu cúmplice Delmas haviam embarcado no *La Cécile* com cédulas no valor de um milhão e meio, ocultas em bagagem dirigida à firma Naylor... Em tempo percebera Marolle ter despertado suspeitas e se transferira... para navio inglês... situação que forçou o Banco do Brasil a oferecer dez contos de réis, quantia enorme para a época... O chefe da polícia de Paris, Mr. Hainault, foi presenteado pelo Imperador (reconhecido) com uma tabaqueira de ouro com suas iniciais”. T.

Rio, 6 de março, 1824.

Consegui finalmente instalar-me e começo a viver com relativo confôrto. Por sorte encontrei boa morada na vizinhança do Sr. Hindrichs, a qual consta de 2.^o e 3.^o pavimentos de uma casa recém-construída, em rua movimentada e abrigada do sol, pelo aluguel mensal de 18 mil-réis ou 90 rublos, o que aqui é barato. (1) Não vás crer, todavia, quando falo de todo um andar, que isso signifique um correr de salas; muito pelo contrário, a maioria das casas no Rio tem apenas sôbre a rua três janelas de frente ou portas, melhor dito, que abrem para pequenas sacadas em balanço com seus gradis de ferro, limitando-se o mesmo a uma única peça, por assim dizer, comunicante por duas portas envidraçadas com outro compartimento, que é uma alcova e faz as vêzes de dormitório. A área

(1) O mil-réis vale cêrca de 5 rublos (*Banko-Noten*); portanto o rel, meio kopek. A.

que sobra dá comumente para um pequeno pátio e consiste, além da cozinha de tipo econômico inglês, de escuros cubículos — maiores e menores — divididos por partições delgadas, os quais servem unicamente para quartos de criado, ou para despejo.⁽²⁾ É uma disposição adequada ao calor, pois fica menos exposta ao sol, razão também para que o pé direito seja tão alto. Contudo, faltam a tais alojamentos as comodidades usuais e apenas uma pessoa pode nêles morar confortavelmente. Assim, como acabo de descrever-te, é o meu dividido. O terceiro andar consiste num sótão pròpriamente, bem alto e com magnífica vista, por cima dos telhados vizinhos, do qual se vêem os morros verdejantes que ficam dentro da área urbana. Como era tão fresco, logo o destinei para meu quarto de dormir. Mas, o mais difícil estava ainda por fazer, isto é: mobiliá-lo, pois, fora as paredes, nada há aqui que se possa alugar. Vi-me, portanto, obrigado a comprar todos os móveis e demais trastes necessários, o que me deu trabalho, mesmo com a ajuda de conhecidos daqui.

(2) E. W. Fry, um comerciante inglês, desenhou a planta dos três pavimentos de sua loja à Rua Direita n.º 66 (pelo visto uma das melhores), em que as partições internas no 2.º comportavam seis quartos pequenos de dormir, cozinha e sala de jantar, dando esta para os fundos (manuscrito inédito na coleção do tradutor, de 1810 a 1843). Como observa R. C. Smith (“Arquitetura civil do período colonial”, *Revista do DPHAN*, v. 17, p. 11), os portugueses e brasileiros foram pouco dados a descrever como moravam; há que recorrer aos visitantes estrangeiros, tais como Arago, Lucecock, Maria Graham e Ebel (um dos por êle citados), e, como sentissem a falta dos agradáveis interiores europeus, talvez exagerassem só vendo paredes nuas e peças sombrias.





e me custou cêrca de 100 mil-réis. Engajei imediatamente um negro para meu serviço, pois não há criados brancos. Pagava eu ao moleque 700 réis por dia. Êle me explorava em tudo e ainda por cima eu não podia contar com seu serviço a maior parte do tempo. Ocorreu-me então experimentar uma negra que soubesse lavar e passar a ferro: a lavagem da roupa no Rio não sòmente sai cara como a estragam pela maneira como é corada.⁽³⁾ Nunca tive idéia mais feliz. Apenas pus um anúncio no *Diário*⁽⁴⁾ — o jornal da cidade — foi-me oferecida por pessoa de confiança uma pretinha, a qual com seis mil-réis, mais seu sustento diário, que eu generosamente supria com meia pataca ou 160 réis, saía-me por 11 mil-réis (55 rublos) ao mês e eu dispunha de alguêm que não sòmente me lavava a roupa como a consertava e, em caso de necessidade, entendia um pouco de cozinha, ficando em casa, de mais a mais, o tempo todo, para minha maior segurança.⁽⁵⁾

(3) Confirmam a observação vários contemporâneos que, grâficamente, nos mostram como procediam as lavadeiras, batendo as roupas com furor para corá-las nas pedras dos riachos. Algumas iam mesmo da cidade às Laranjeiras devido à falta d'água no centro; segundo o referido comerciante inglês (E. W. Fry) em seu diário. T.

(4) Antiga *Gazeta do Rio*. Como jornal semi-oficial, circulou de 1821 a 31 sob o título de *Diário do Govêrno*, de 2 de janeiro de 1823 a 21 de maio de 1824, e, como *Diário Fluminense*, a partir desta data. T.

(5) O mesmo fizera Lady Cochrane no ano anterior, para conseguir lavadeira e criada (*apud G. Freyre: Inglêses no Brasil*, Rio, 1948, nota 126 à página 289). T.

Não rias, por favor, dessa tão chocante associação para teu conceito europeu. Pôsto que Delfina (não é êste um lindo nome para uma preta?) tivesse uns dezesseis anos e fôsse passàvelmente bonita — pouco se lhe dando, como te figurarás, esconder suas nudezas — estava eu tão longe de enxergar nessa criatura uma mulher, que seu sexo, para mim, nem entrava em consideração. Meus conhecidos europeus, levaram-me na chacota a princípio, é verdade, mas em breve reconheceram essas vantagens e seguiram meu exemplo.

Domingo passado, em companhia de amigos, fiz um passeio pelo arrabalde da Tijuca. Como meio de transporte há aqui uma espécie de sege de duas rodas, atrelada a um par de mulas, uma das quais vai montada por seu boleeiro, que se veste como os nossos postilhões alemães e calça botas altas de cano. Cortinas de couro na frente protegem-na do sol. Graças à sua leveza, tais veículos são mesmo funcionais, só que o aluguel é caro, pois, com a gorjeta que se costuma dar, saem pelo menos, a 7 ou 8 mil-réis (35 a 40 rublos) por dia.

Ao deixar a cidade, toma-se logo uma calçada⁽⁶⁾ construída a grande custo pelo precedente monarca até

(6) T. von Leithold, em seu *Ausflug nach Rio de Janeiro* (Berlim, 1820), faz idêntica observação e pagou tarifas aproximadas. A *chaise* (êste é o título) figura na estampa de Chamberlain (*Views and Customs of Rio de Janeiro*, Londres, 1822), que, a propósito da Tijuca, nos informa que os inglêses chamavam-na Pequena Sintra. De um belo desenho inédito de Landseer, vê-se que as havia bem elegantes e leves, na certa as importadas da Inglaterra, como a em que vai sentado Lordé Marcus Hill, secretário da missão Stuart. T.

sua residência de verão em São Cristóvão. A cada cem passos, fica um poste de iluminação, de pedra e cal, com seu lampião;⁽⁷⁾ à esquerda há um brejo que até agora ainda não puderam secar, e, à direita, são descampados; pitoresca cadeia de montanhas cerca o horizonte. Dessa calçada, “O Aterrado”, deixando-se o vilarejo de Mata-Porcos e tomando-se a esquerda, começa o caminho da Tijuca.⁽⁸⁾ Numa venda — lojas rústicas que lembram nossos *Melotschny Lafken* russos — desalteramo-nos com uma sangria, bebida agradável que consiste numa mistura de vinho do Pôrto, limão e açúcar.

O vendeiro, no momento, ocupava-se em recolher o seu café num pequeno sítio por trás da casa, o qual não estava ainda maduro. O grão de café tem um gosto insosso, adocicado. Ali plantava êle, igualmente, abacaxis e laranjas, à lei da natureza. Tampouco haviam amadurecido.

(7) Assim os descreve o padre Perereca (*Memórias para servir à história...* I, pág. LXIX): “de cem em cem passos umas colunas de pedra e cal, das quais suspendem grandes lampiões por varais de ferro”. Tanto Ebel como Schlichthorst (*Brasilien wie es ist*, Berlim, 1828) empregam em alemão a palavra lanterna, agregando êste que os postes foram mandados erguer, como medida de segurança pelo Rei, “que não se distinguia pela coragem, ao passo que o Imperador, transitando pela estrada a tôdas as horas, nem os fazia acender”. T.

(8) Ender (*O Velho Rio de Janeiro*, Gilberto Ferrez, 1959, p. 101) mostra-nos o “Largo de Mata Porcos” (rua Estácio de Sá), de onde a estrada bifurcava-se, à esquerda, para a Tijuca, e à direita, para São Cristóvão, como vem indicado num mapa de 1829, seguindo o caminho pelas ruas atuais de Haddock Lobo e conde de Bonfim (Tomo I da citada obra de Walsh). T.

A estrada segue depois marginando belas propriedades de campo e subindo gradualmente por entre sebes de mimosas, entrelaçadas de trepadeiras em flor: vermelhas, brancas e lilases. Borboletas esvoaçavam-nos em tórno. Grandes árvores tropicais, o nobre coqueiro e a areca, mangueiras frondosas e bananeiras pejadas de cachos, emolduravam a perspectiva que a cada passo se abria mais romântica, proporcionando aspectos novos e interessantes. Chegamos a um ponto onde o Imperador descobriu o ano passado uma fonte ferruginosa que mandou captar, erguendo belo chafariz de granito.⁽⁹⁾ Até ali a estrada ainda era sofrível, pôsto que fôssemos freqüentemente sacudidos por pedras maiores; logo depois, porém, onde pequeno córrego passa sob uma acácia de grande porte, nosso boleiro parou e, peremptoriamente, explicou-nos que não podia prosseguir.

De nada serviram nossos protestos. Fomos obrigados a apear, caminhando o resto do percurso, uma *werst*,⁽¹⁰⁾ até a fazenda de Baptiste, que era o objetivo da nossa excursão de hoje, isso sob sol escaldante.

(9) O mesmo reverendo Walsh escreveu (Tomo I, p. 504): "Um dia o monarca, passeando a cavalo, rumo à Cascatinha, que fica a 8 milhas da cidade, descobriu uma fonte ferruginosa sobre a qual fez erigir um sóbrio edifício em que colocou a seguinte inscrição — "Fonte d'água ferrea descoberta pelo Imperador Pedro I em 24 de dezembro de 1823" — cuja única figuração conhecida é a que aparece no seu livro. O chafariz já não mais existe, tendo dado lugar a uma portada com letreiro, que fica à direita de quem sobe para o Alto da Boa Vista. T.

(10) Medida russa que corresponde a 1 067 metros. T.

Contudo, não havíamos chegado ao fim das nossas decepções. Batista (?) que meus amigos conheciam pessoalmente e passa por ser anfitrião generoso (devo observar, entre parênteses, que cá, no interior, não se pode contar com restaurante; o forasteiro fica à mercê da hospitalidade dos fazendeiros), infelizmente, estava ausente. Encontramos apenas a filha, já crescida (segundo ouvi), e o respectivo capataz — um sujeito mal encarado — tomou-nos por lobos que ameaçávamos seu rebanho de ovelhas e negou-nos enèrgicamente a entrada. Após prolongada capitulação e à fôrça de persuasão de nossa parte, acabou nô-la consentindo, mas sèmente até a varanda. Recolheu-se a beldade ao seu gineceu e nós ficamos sob a estrita vigilância do velho cèrbero, sempre reccoso de um ataque ao reduto confiado à sua guarda.

Para consôlo nosso apareceram entrementes uns rapazes, filhos da casa, com os quais passamos para o jardim — se é que merece tal título — mas que um regato natural atravessa, formando pequena cascata à sombra de velhas árvores, irregularmente plantadas: lugar êsse indescritivelmente fresco e repousante. Numas lajes que lhe ficam ao meio, descansamos dos calores experimentados, sob o encanto dos colibris dourados que, em revoada, buscavam proteção contra os ardores do sol, enquanto — as asas a zumbir — sugavam o mel de flores perfumadas. De vez em quando, belíssima

borboleta perdia-se à nossa frente em suas evoluções, logo voltando às delícias (para elas) do calor.

Um ótimo almoço, em companhia dos rapazes, veio a calhar; tiramos depois uma soneca à sombra de copados cafeeiros. Como o sol já se punha e seus raios abrandassem, continuamos ao longo do riacho, que renques de bananeiras flanqueavam, até uma plantação recentemente formada num lugar a que chamam de Boavista, êste, sim, nome mais que justificado! À direita, a fazenda com suas cercanias arborizadas e um aqueduto ao estilo romano, cujas brancas arcadas contrastavam com o verde-escuro das bananeiras em tórno. À esquerda, um granito escarpado em plena mata, parcialmente avivada por quaresmeiras; macacos pulavam de galho em galho e ouviam-se, distantes, as notas estridentes de araras e outros pássaros. Atrás, por íngreme picada de montanha, subia uma tropa de mulas, carregada dos produtos do país, rumo à capital. À frente, uma árvore decrepita fixava o limite do belo vale, deixando ver ao longe risonha e encantadora paisagem com a cidade embaixo, a baía coalhada de veleiros, a Praia Grande do lado oposto, e, no horizonte, estranhas formações de montanhas tudo de uma feita e iluminado pelo sol poente; uma visão incomparável!⁽¹¹⁾

(11) Uma tela de N. A. Taunay, da coleção Castro Maya mostra-nos o idílico panorama com personagens no primeiro plano elegantemente vestidos que são alguns dos expatriados bonapartistas,



Page 251.

Abbildung der Folgen aus dem Barchan zur Wänsche der Ninkes 01/1



Sòmente o brusco desaparecimento da luz pôde arrancar-nos do sítio maravilhoso. Tomamos o caminho de volta que a escuridão entrada tornava ainda mais fascinante, tal a profusão de pirilampos a clarearem, com a magia de suas lâmpadas azuladas, tufo de mimosas.

O carnaval, que em todos os países católicos é tão alegremente festejado, passa aqui despercebido; sòmente os três últimos dias são marcados por uma folia que, fora de Portugal, em nenhuma parte encontra paralelo. Consiste esta em divertirem-se senhores e gentalha, do meio-dia às Ave-Marias, molhando-se com água uns aos outros. Para isso, enchem os pretos uns limões de cêra que põem à venda pelas ruas e com os quais a clientela trava combate até ficarem todos encharcados como pintos, inundando os interiores, ou até suspendê-lo de cansaço. Em muitas casas não se contentam as famílias com jogar limões senão que se servem de baldes e de esguichos para molhar os transeuntes. Onde as janelas estão fechadas, quebram as vidraças. Em suma, é uma brincadeira absurda a que se entregam não só conhecidos mas tòda a sorte de gente.⁽¹²⁾ Mesmo senhoras de qualidade acham

fazendeiros vizinhos (*apud*: *A floresta da Tijuca*, Rio, 1967, prancha V), em que aparece, ampliado, o pormenor. T.

(12) Debret dedicou uma das estampas de seu *Voyage Pittoresque* ao "Entrudo" (v. III, pr. 33), descrevendo a fabricação caseira dèsses limões de cheiro, primitivamente feitos com cêra; mas quem melhor captou o movimentado da cena, em veia caricatural, foi A. Earle,

graça em molhar um negro que passe.⁽¹³⁾ Apesar de tomar tôdas as precauções, tampouco escapei eu. Ai de quem ousar levá-lo a mal! Dois oficiais estrangeiros quiseram entrar à fôrça numa casa, de onde haviam recebido um banho involuntário; foram repelidos com tal furor aquático que, de golpe se lhes arrefeceu o ânimo e, ante gargalhada geral, tiveram que bater em retirada; noutra ocasião, chegou-se mesmo a facadas. Nestes três dias ninguém trabalha, quando muito pela manhã; muitas famílias ausentam-se mesmo da cidade.

Tais limões, de cêra, proporcionam boa receita, pois são consumidos em grande quantidade e ao preço de 20 a 40 réis cada um!

Segue-se a êste folguedo uma grande procissão na quarta-feira de cinzas, às 4 da tarde. Andores de vários tipos, levados por padres, passeiam pela cidade imagens, em tamanho natural, de santos, *Ecce Homo*, etc. São êles enfeitados a capricho e precedidos de meninas de seis a oito anos, vestidas de anjos, isto é, com vistosas

contemporâneo de Ebel, em sua aquarela: "Games during the Carnival at Rio de Janeiro" (Biblioteca Nacional de Camberra), a qual se passa na rua do Ouvidor, dela participando famílias inteiras: velhos e crianças, senhoras e escravas, até um padre.

(13) Vem a pêlo uma passagem do *Journal de son voyage au Brésil* (1842-43) em que a baronesa de Langsdorff, mulher do enviado francês às bodas do príncipe de Joinville ("uma senhora de qualidade"), demonstrou ter achado graça e participado do entrudo: "Nous nous sommes mis à faire nos boules de cire... Je n'ai rien vu de si animé. Mme de Saint-Georges (mulher do ministro da França), Ines la gouvernante, étaient inondées. Le lendemain nous avons eu ce même jeu chez nous. Cela a été fort gai" (Paris, 1954, pp. 73 e 74). T.

saias de roda, asinhas de gaze ornadas de flores e lantejoulas.⁽¹⁴⁾ O efeito não é mau! O cortejo caminhou mais de mil passos, subindo até o convento de Santo Antônio que fica num alto. Segui-o até lá. As ruas e janelas de tôdas as casas, estavam apinhadas de gente, especialmente do belo sexo, que, em dias comuns, raramente aparece, mas nesta ocasião, apresenta-se com todo o aparato, para ser visto e admirado. Não obstante — azar meu, na certa — por mais atentamente que as passasse em revista, não tive a sorte de encontrar uma cara bonita.

Ao anoitecer, quando deixei a procissão e voltava para casa, caiu um aguaceiro tão forte que logo inundou algumas ruas, chegando-me a água aos joelhos. Felizmente, apareceram dois negros com uma cadeirinha, que me safaram da situação contra metal sonante. Tais caderinhas são, por sinal, bem pouco funcionais e consistem numa concha ovalada, de teto maciço e dourado, tendo dentro uma cadeira, à qual vão fixados uns varais recurvos, que dois negros suspendem ao ombro, produzindo um balanço contínuo e desagradável. Envolvem-nas cortinas de pano, espessas e pretas, que vão usualmente corridas.⁽¹⁵⁾

(14) Debret caracterizou noutra de suas estampas (25, v. III) um desses anjinhos, conduzido pela mão por um irmão do Carmo; além das asas de gaze, envolvia-o um halo de tule engomado com as pontas enroladas. T.

(15) Sempre copiando a Guilhobel, foi desenhada por muitos forasteiros que captaram flagrantes de nossos *Views and Costumes*, quais Chamberlain, Smyth, etc. T.

Agora, caro amigo, tens que me acompanhar num passeio pela cidade, cuja situação procurarei descrever da melhor maneira. O Rio de Janeiro está situado a 22° — 53 min de latitude sul e 43° — 12 min de longitude oeste, à margem esquerda da baía, na direção sudeste-nordeste. O extremo sul da cidade assinala-se por um monte sôbre o qual fica o Convento de Santa Teresa; ao lado, e por ela em parte circundado, está o Morro de Santo Antônio com o Convento do mesmo nome;⁽¹⁶⁾ próximo ao mar, é o Morro do Castelo, fortificado, e, contíguo, o Calhabouço (sic) — a prisão dos negros — ao alto, a igreja de São Sebastião. Estende-se o casario ao longo da praia até o Morro da Conceição e o Mosteiro de São Bento, também sôbre uma colina, os quais constituem-lhe o extremo oposto. A cidade mede quase tanto de larga quanto de comprida e divide-se, de certo modo, em duas partes: a Velha e a Nova. A primeira vai da praia à rua do Vallo (Vala) e é a ocupada pelo comércio e o artesanato, sendo a mais densamente povoada; a segunda começa da referida rua em rumo oeste-sudoeste, atravessando a Praça da Lampadosa ou Largo do Teatro, o Campo de Santana ou da Aclamação, e chega até a Estrada Real. Nela moram a nobreza e o setor mais pobre da popu-

(16) Pertence à coleção Paula Machado esplêndida aquarela, vendo-se o convento franciscano e a capela da Ordem Terceira emoldurando o belo e movimentado Largo da Carioca, que formava o segundo conjunto monumental da cidade. T.

lação: portugêses como brasileiros. As ruas cortam-se quase tôdas em ângulo reto, mas há muitas travessas mais antigas, tortas ou irregulares, que facilitam a localização quando se tem uma idéia de sua planta.⁽¹⁷⁾

Acrescento a seguir uma curta descrição da baía, que se expande do sul-sudoeste para o nor-nordeste umas quatro milhas alemãs terra adentro, podendo ter de largura três (mede essa milha 7 420 m). O Pão de Açúcar marca-lhe a entrada do lado esquerdo. À direita fica o Forte de Santa Cruz, seguido do da Boa Viagem, dos vilarejos de (São) Domingos e da Praia Grande e finalmente do Armazém (a Armação), que é uma repartição pública. Junto ao Pão de Açúcar, continuando pelo lado esquerdo, está o Forte de São João Laje (sic); a seguir o moinho de pólvora sôbre uma colina⁽¹⁸⁾ e, à distância, o maciço da Tijuca com o Corcovado — um pico alto provido de telégrafo — e Botafogo, mais longe, a Glória do Outeiro e o Morro de Santa Teresa, onde começa a cidade, ficando-lhe em frente a Ilha de Villaganhon (sic), com seu forte. Por fim, fazendo face a São Bento, está a Ilha das Cobras, bem fortificada e servindo ao mesmo tempo de prisão pública; depois vem o pôrto pròpriamente dito, onde carregam e descarregam os navios. Vivendas

(17) Vários autores apresentam a planta básica de 1812, por vêzes atualizada e em escala reduzida, das quais, sem dúvida, a melhor é a que orna o livro de Ebel. T.

(18) Sabe-se que existiu na praia de Botafogo, talvez no Pasmado, um moinho ou depósito de pólvora. T.

agradáveis pontilham o litoral até a Quinta Imperial de São Cristóvão, daí alarga-se a enseada contando várias ilhas — algumas construídas — das quais a do Governador é de longe a maior. Fecha o horizonte esplêndida cadeia de montanhas, da qual se destacam a cúpola redonda da Mandioca e a Serra dos Órgãos, assim denominada esta por sua semelhança com os tubos de um órgão.⁽¹⁹⁾ Vêm desaguar no fundo da baía pequenos rios, sendo o Inhomirim o que mais avulta, mas não chega a ter importância.

Depois dessa sumária descrição, iniciemos o nosso passeio, começando pelo Valonguinho — a rua mais ao nordeste — onde ficam os mercados de escravos, os quais antes parecem uns barracões, e têm quase todos um quintal ao fundo.

Logo que chegam os navios negreiros — ocorrência freqüente — os escravos são desembarcados e depois que se restabelecem relativamente da viagem, no geral curta, lá são expostos para serem vendidos. Há dias fundeou um com 250 negros, na maioria crianças de dez a quatorze anos, que, acoradas nesses galpões em filas de três, pelo chão, assemelham-se mais a macacos, dando mostra, por sinal, de bom humor e satisfação, embora repelentes no aspecto e depauperados. Alguns compradores andavam à escolha dos que

(19) Há um soberbo desenho a lápis de Maria Graham, inédito do British Museum, tomado da Ilha do Governador sobre o fundo da baía que corresponde precisamente a essa descrição. T.

mais lhes convinham,⁽²⁰⁾ o preço variando entre 150 a 300 mil-réis a peça (750 a 1 500 rublos).

Não posso deixar passar êste ensejo sem abordar mais detidamente o tema da escravidão.

Os negros são importados da costa africana dêste e daquele lado do Cabo da Boa Esperança, Moçambique, etc.; e isso porque, em virtude de tratados,⁽²¹⁾ não podem ser adquiridos ao norte do Equador, mas como os que procedem dessa parte são os melhores e mais robustos⁽²²⁾ buscam os pombeiros recebê-los também de lá por vias travessas. Contudo, não abundam êstes no Rio. De preferência trazem rapazes e raparigas novos para que se criem aqui, já que nem sempre os adultos se habituam às novas condições. As diversas raças africanas diferenciam-se quase à primeira vista pelas suas peculiaridades fisionômicas como pelo seu caráter de origem. Certa casta de negros por melhor tratados que sejam, guarda seus vícios e instintos de origem, enquanto outros, como os de Moçambique, são de índole mais branda e domável.

(20) A cena aparece circunstanciadamente descrita por Debret e Rugendas em seus álbuns de 1835. T.

(21) Por uma das convenções assinadas em Viena — a de 22 de janeiro de 1815 — Portugal obrigara-se com a Inglaterra a abolir o tráfico ao norte do Equador. T.

(22) Êstes escravos, da Costa da Mina, eram “mais fortes e mais robustos”, segundo representaram para Lisboa em 1751 os comerciantes da Praça da Bahia, que foram favorecidos no resgate desde o princípio, graças à superioridade do seu tabaco sôbre o procedente do Rio (*apud* J. H. Rodrigues: *África e Brasil*, Rio, 1961, pp. 26 e 27). T.

Quase todos largam uma catinga, qual animais, que torna sua presença repulsiva ao forasteiro. O tratamento aqui dispensado aos escravos é, de modo geral, bom,⁽²³⁾ seus senhores sendo severamente proibidos de puni-los com mais de quarenta chibatadas e, nos casos de crimes graves, devem ser entregues às autoridades que, por certo, os castigam severamente, segundo as circunstâncias, mas tal rigor sendo necessário para mantê-los sob o jugo, já que ultrapassam de longe, em número, a população branca. Os escravos podem alforriar-se legalmente quando indenizam seus senhores do que lhes custaram.⁽²⁴⁾ Isto, para muitos, não é difícil porque têm a liberdade de procurar trabalho mediante o pagamento de uma prestação. Mas o negro pensa raramente no dia seguinte e, quando logra ganhar alguns vinténs⁽²⁵⁾ gasta-os logo bebendo. Suas necessidades são mínimas, de resto. A roupa praticamente nada lhes custa e eles podem manter-se muito bem com 80 a 100 réis diários.

(23) Tratando do tráfico em seu *D. João VI* (Rio, 1908, v. I, p. 421), observou Oliveira Lima que “Palmella... nas discussões pendentes com a Grã-Bretanha, não deixou de salientar, o que era um fato, o tratamento geralmente e mesmo comparativamente humano dos escravos no Brasil.” T.

(24) A legislação portuguesa do tempo (ainda é Oliveira Lima que o diz) tinha até reais contemplações com o escravo, “na verdade, por vêzes impraticáveis”. Uma, essa de só poder ser açoitado em poste público; outra ter o direito e os meios de mudar de senhor. T.

(25) Moeda de 20 réis, de cobre, valendo cêrca de dez kopeks. A.

Na maioria, os homens são bem proporcionados e muitos vi que poderiam servir, sem dúvida, de modelo para um Antinoo⁽²⁶⁾; os há mesmo cujos corpos, marrom-escuro, posta de lado minha natural preferência pela côr branca, merecem ser considerados verdadeiramente belos.

A roupa não passa, muitas vêzes, de um trapo a cobrir-lhes as vergonhas; a maior parte, porém, veste calças curtas de algodão ordinário, algum casaco velho ou rasgado que acaso recebem de presente; de resto, chapéus e sapatos constituem privilégio de negro livre. No geral, são êles joviais e passam o dia a cantar ou, melhor dito, a gritar. Como o sol não afeta seus corpos nus, carregam fàcilmente os fardos mais pesados, sempre à cabeça, estimulando-se com seu gênero de melopéias.

Como instrumentos musicais, possuem os negros dois: uma espécie de *balalaika* ou viola grosseira de muitas cordas e outro que consiste numa cuia que firmam contra o peito, à qual vem fixado um arco de uma corda só, de tripa, corda esta que emite um som especial, geralmente acompanhado de monótona cantilena e de um chocalho estridente.⁽²⁷⁾ Essa música é

(26) Tipo ideal de beleza plástica, favorito do Imperador Adriano e natural da Bitínia (Ásia Menor). Afogou-se no rio Nilo. Levantaram-lhe os antigos vários templos, deificando-o. T.

(27) São êstes, respectivamente, a viola de sete cordas e o berimbau de barriga, que Chamberlain chama de "mandimba de Lugungo". Debret descreveu como devem ser manejados ("O negro trovador")

verdadeiramente abominável, mas sem ela êles não passam; para mantê-los bem dispostos nos vastos galpões em que trabalham muitos negros, seus feitores freqüentemente incumbem a um de distrair os demais com batucadas e folguedos, assim conseguindo melhor rendimento no trabalho.

As mulheres são no geral feias e mesmo de corpo deixam a desejar, tendo forte tendência para a gordura, mas seus braços são comumente bonitos, os pés e as mãos pequenos, finos até, apesar de não se calçarem. Muitas são tatuadas ou marcadas no rosto com luas, estrêlas e mais sinais característicos.⁽²⁸⁾ A outras faltam-lhes os dentes incisivos de cima ou limam-nos em ponta, processos êsses de embelezamento africano que as tornam francamente horrendas aos olhos de um europeu. Suas roupas consistem numa camisola sem mangas e numa anágua; as há, entretanto, que se vestem decentemente. As mais endinheiradas cobrem-se ainda com espesso manto de baeta e adornam suas negras gaforinhas com flores e papéis recortados de côr. Consideram marca de beleza armarem tais ornatos bem

para obter-se o desejado efeito. Esqueceu Ebel um terceiro ainda mais popular — a marimba —, instrumento magistralmente desenhado, assim como a viola, pelos artistas da *Viagem Filosófica* de Alexandre Ferreira (São Paulo, 1970, prs. 45 e 46). Debret mostra as duas variantes da marimba com ou sem a cabaça percussora e ainda mostra um quarto: o reco-reco (aquarela de 1826, da Fundação Castro Maya). T.

(28) Martius, Rugendas e Debret retratam lado a lado, as várias raças africanas, em suas esplêndidas estampas etnológicas, distinguindo-as por suas roupas e tatuagens. T.

alto sôbre a cabeça, qual um topete, e gostam de usar colares de pérolas vidradas, como também se enfeitam com peças miúdas de prata.⁽²⁹⁾

Todos os escravos professam a religião católica: as negras, principalmente, vão à igreja sempre que podem, paramentadas de conformidade com suas posses. O português que falam é um *patois* desagradável para os estrangeiros, difícil de entender mesmo pelos familiarizados com a língua.

No que respeita à índole do negro em geral, a opinião é uma só: de nada serve tratá-lo bem. Há que mantê-lo sob severo contrôle: os homens sendo por demais inclinados à bebida, ao roubo e à preguiça; as mulheres, — sobretudo aquelas *Vênus Vulgívas* — tão difícil é moderar-lhes o instinto, que praticam seus atos com o maior despudor. As conseqüências são as que se vêm por tôda parte, contudo raramente aparecem aqui caras tão viciadas quanto noutras grandes cidades européias.

Sempre me pareceram exageradas as muitas histórias sentimentais que tenho lido sôbre os escravos; agora que os conheço melhor, tenho-as como absolutamente ridículas.

(29) Debret (Tomo II, pr. n.º 22) dedicou uma artística e minuciosa apresentação, dêsses ornatos de cabeça que as distinguem racialmente, assim como as tatuagens. Também nos mostra numa de suas estampas inéditas os mantos de baeta a que se refere o autor. Usavam-nos, sobretudo, as negras de Angola. T.

Conquanto não vá contestar que entre êles possa haver gênios e os tem havido, qual um Toussaint (L'Ouverture), um Cristoph (Rei do Haiti), etc. nenhum observador de espírito aberto poderá negar que esta raça se encontra como que na meninice e se caracteriza por uma típica apatia que a inabilita para qualquer alto sentimento moral, só lhes deixando a inconsciente alegria da infância, pelo que nunca pensam no dia seguinte, sendo incapazes de qualquer vocação duradoura; na realidade só querem comer, dormir e amar. Isto se observa sobretudo entre os negros nascidos na África, mesmo quando chegados novos. Os nascidos no país já são mais aculturáveis, mas, quanto aos primeiros, pouco adianta tratá-los bem, como já disse. A observação pode parecer um paradoxo, ela é, porém, indubitavelmente verdadeira e confirmada por gente a mais fidedigna. Na realidade, se todos os que se intitulam amantes do próximo e vivem a declamar sobre os direitos do negro, passassem entre êles algumas semanas, logo mudariam de opinião. Em vez de apoiar os desígnios secretos da Inglaterra que, na abolição do tráfico negreiro, vê o próprio benefício, ao passo que tolera os vergonhosos seqüestros humanos pelos barbarescos, deveriam as potências unir-se e, adotando leis rigorosas, tornar mais brando o tratamento dos escravos como, em parte, é o que se vê por aqui. Esta gente estará, então, melhor no Brasil do que em sua própria

terra, sob o despotismo e a tirania arbitrária de seus régulos.⁽³⁰⁾

Se considerares o que estou dizendo uma apologia do tráfico, muito te equivocas! Quando algum dia os americanos se esforçarem pela civilização dos negros na África de modo que êles vejam satisfeitas suas exigências quanto a um govêrno fundado no reconhecimento dos direitos humanos, então, sim, será uma ignomínia roubá-los e removê-los do gôzo pacífico de suas conquistas. É meu ardente desejo que ela progrida o mais rápidamente entre os negros. Mas, enquanto, o contrário é o que se passa, isto é: vê-los submetidos em sua própria terra a um arbítrio revoltante e ilegal, a ponto de, em comparação, parecer humano o duro tratamento que sofrem às mãos dos europeus; enquanto assim fôr, será contribuir para o bem dos mesmos afastá-los de sua pátria. Já datam aqui de largo tempo, as leis adotadas em seu favor, graças às quais os escravos são até certo ponto, protegidos do arbítrio de seus senhores. O que se impõe é uma observância mais estrita, fácil de ser imposta, para que cesse o revoltante tratamento que recebem no transporte, impedindo que nos navios recebam número maior do que razão-

(30) Do mesmo modo expressava-se oficialmente D. Fernando José de Portugal, governador da Bahia (1788-1800), ao referir-se aos excessos habitualmente praticados na Costa da Mina "por Príncipes despóticos que desconhecem a civilidade e o direito das gentes" (segundo ainda J. H. Rodrigues, pág. 31 de sua citada obra). T.

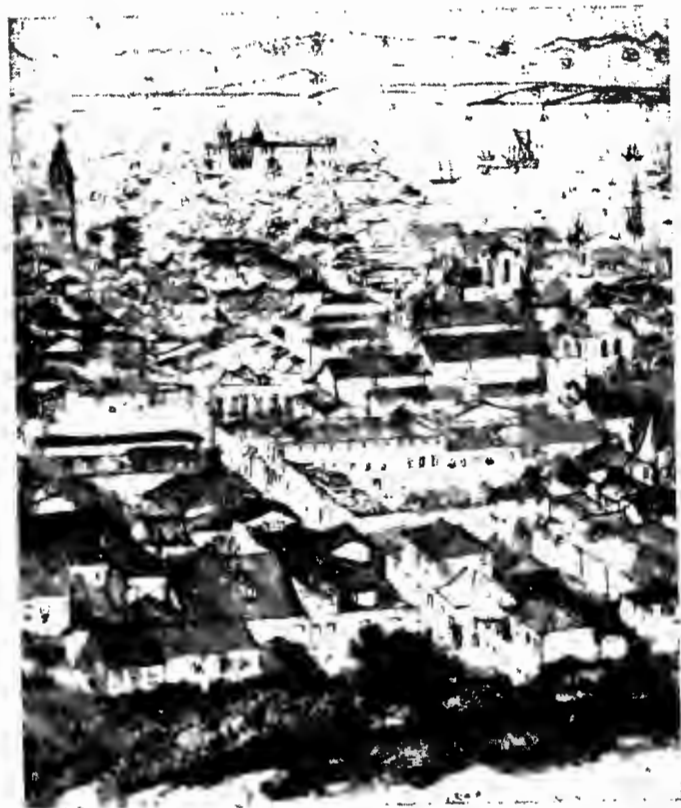
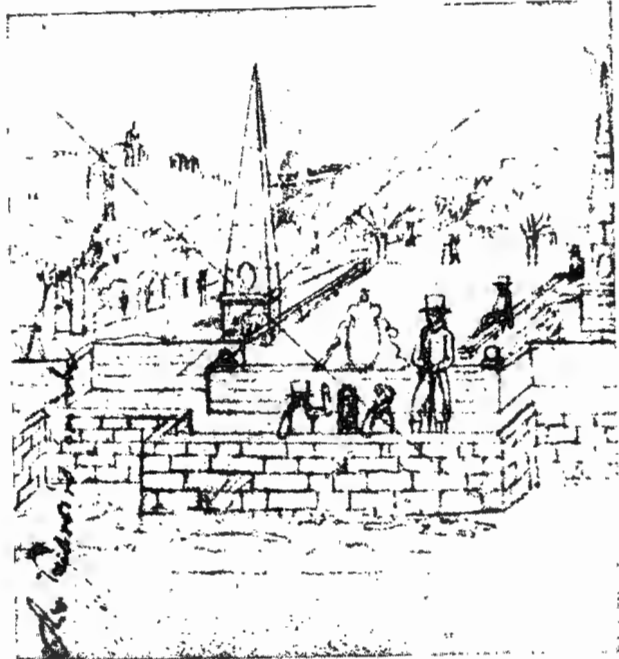
velmente comportam.⁽³¹⁾ É certo que o tráfico não terá como resultado paradeiro imediato, somente os escravos sairão um tanto mais caros. Com isso não serão servidos os ingleses que, já os possuindo em excesso nas suas colônias, visam, com a total supressão do tráfico, dificultar aos demais países americanos a prosperidade de seus estabelecimentos;⁽³²⁾ as belas palavras “direitos humanos”, são apenas pretexto para seu benefício.⁽³³⁾

No que respeita aos mulatos, subiram eles um degrau como os negros nascidos cá, mas não são tão

(31) Conta o referido Walsh que seu navio, na volta (1829), abordou um dêsses negreiros que conduzia para Salvador 500 escravos, viajando agachados sob a coberta em condições o mais desumanas, como os apresenta numa estampa em corte. Confirma Walsh, aliás que entre êsses escravos, os havia procedentes da Costa da Guiné, mas que o capitão afirmava ter embarcado em Angola. Tal prática não era necessariamente a regra; bem diferentes parecem as condições em que viajavam, sentados no passadiço, numa escuna ligeira que E. E. Vidal introduziu em seu grande panorama circular da Guanabara (Fundação Castro Maya). T.

(32) Não é outro, aliás, o conceito expresso, a respeito, por Oliveira Lima em seu *D. João VI*: “à Inglaterra não era por certo alheia a consideração egoísta da desigualdade que para suas colônias... resultava da crescente produção agrícola brasileira graças ao braço servil”. T.

(33) Não passou despercebido ao Príncipe de Joinville (*Vieux Souvenirs*, p. 124), na visita que fez em 1838 à famosa mina do Gongo-Sôco, como ingleses, “conquanto combatendo ardorosamente o tráfico, exploravam 400 escravos na extração de ouro”. Compreendendo a imprescindibilidade dessa mão-de-obra nos trópicos (até então a única existente, a despeito de “Lord Brougham’s 1843 Act”, que lhes proibia a compra e venda de escravos, ainda conservavam eles na São João del Rei Gold Mining Co. outros 800 escravos (*apud* G. Freyre, *op. cit.* p. 252). T.









numerosos; quanto ao sexo feminino, têm elas em regra corpos mais bem feitos que os das negras. Entre estas, o número de alforriadas é maior do que se crê e são facilmente identificáveis por andarem calçadas. Os homens usam chapéus. E, quanto aos selvagens autóctones, vi apenas alguns botocudos, remanescentes de tribo numerosa que desapareceu por motivo de moléstias. Algum tempo haviam sido aprisionados, mas, portando-se bem, terminaram postos em liberdade. Andam completamente nus, horrivelmente desfigurados por suas orelhas pendentes e pelos discos que introduzem também nos lábios inferiores. A despeito de bem alimentados, parecem vorazes.⁽³⁴⁾ Vi igualmente mais de uma família de tapuias, pequenos de estatura e de feições rotundas mas bondosas. Sua tez é levemente acobreada e vestem-se como os negros. Andam em total liberdade e alguns trabalham no Arsenal. Aí também encontrei uns quantos chineses, engajados como operários, os quais, fisicamente parecem-se aos tapuias até nos olhos, porém têm-nos mais vivos e alongados.

Esta digressão já vai longa e afastou-nos do passeio. É tempo, pois, de continuá-lo. Do Valongo,

(34) Não faltam representações contemporâneas desses índios demonstrando como ainda faziam parte do panorama social da cidade. Maria Graham foi à Praia Grande (aldeia de São Lourenço) para vê-los. O príncipe de Wied deles deixou-nos publicados pela primeira vez em recente edição com (Melhoramentos, São Paulo, 1969), bem mais fiéis os estilizados pelo gravador da edição original (Fr

seguindo por duas ruas, chegamos ao Morro da Conceição, onde está um dos trapiches de açúcar,⁽³⁵⁾ os quais consistem em grandes galpões ou armazéns em que são depositadas, sob contrôlo do Estado, as caixas de açúcar que procedem de Campos ou de Santos. Há no Rio cinco dêsses trapiches para o açúcar, situados ao longo da praia: quatro do lado de terra e um na Ilha das Cobras, comportando cada um de duas a três mil caixas, as quais são perfuradas à chegada, para que se faça uma prova cabal por comitê juramentado que determina as diferentes qualidades (redondo, meio redondo, batido e mascavado), denominações essas marcadas a fogo nas respectivas caixas. São elas pesadas e numeradas ao mesmo tempo e o pêso real é inscrito a tinta preta, aceitando-se a tara indicada nas caixas pelos plantadores. Ao reembarcarem-nas não há repressão e, em via de regra, o pêso indicado corresponde ao real, pois reina a maior seriedade nessa administração.

Em outubro e novembro, chegam à cidade grandes partidas, razão pela qual baixam os preços. O Govêrno cobra uma taxa de 10% do vendedor, custando a armazenagem, qualquer que seja o prazo, 30 réis por arrôba (cêrca de 35 libras russas), que vendedor e comprador pagam cada qual a metade.⁽³⁶⁾

(35) É o trapiche de São Francisco. T.

(36) Revalidando uma concessão de 1614, caducada, data de 1636 a construção do trapiche da cidade pelo então nomeado alcaide-mor,

Há trapiches especiais para as outras mercadorias, tais como peles,⁽³⁷⁾ farinha, trigo, etc.

Do Morro da Conceição atravessamos outras ruas e, deixando o Mosteiro de São Bento à esquerda, encontramos-nos no comêço da Rua Direita, que é a principal, e em frente ao portão do Arsenal. Entremos!

É uma azáfama contínua a que aqui reina, já que o Imperador está empenhado em pôr a sua marinha em condições. Ao abrigo de vários telheiros, foi começada a construção de novas canhoneiras. O principal edifício, maciço, armazena na parte baixa as munições de guerra e em cima ficam os funcionários como os alojamentos para empregados outros acomodam oficinas e paióis.⁽³⁸⁾ Como o Imperador vem quase todos

Salvador Correia de Sá. Instituídas pelo aforador as cobranças de 40 réis pela pesagem de cada caixa de açúcar e outro tanto pela sua armazenagem, que as partes rachavam pela metade, disputaram seus herdeiros o privilégio, a despeito da resistência oposta pela Câmara mais de uma vez, até 1850, quando o mesmo lhes foi resgatado pelo govêrno imperial por 500 contos. (Vide V. Coaracy: *O Rio de Janeiro no século 17*, Rio, 1965, pp. 87 e 88). O trapiche ficava na Praia dos Mineiros, junto ao Arsenal e frente à Ilha das Cobras. T.

(37) O Trapiche da Sola, por exemplo, no Valongo. T.

(38) O Arsenal foi começado em 1696 em terreno cedido pelos beneditinos. Frans Frühbeck (R. C. Smith e G. Ferrez: *Brazilian Journey*, Filadélfia, 1960, pr. n.º 8) mostra-nos o antigo portão e o edifício principal ainda em construção (1817), aparecendo os telheiros de que fala Ebel. Debret fixou-o também, mas de direção oposta e de longe, como W. J. Burchell do Castelo — *O mais belo panorama do Rio de Janeiro* (G. Ferrez, Rio, 1966, pr. n.º III). Visto da Ilha das Cobras, o barão de Planitz mostra-nos numa litografia panorâmica o importante complexo, já ampliado (Nápoles, 1844). Nêle foi criada a marinha do primeiro Reinado. T.

os dias ver com que tudo ande depressa, trabalha-se intensamente. Encontravam-se presentes vários oficiais de marinha em uniforme, entre os quais Lorde Cochrane, agora ao serviço dêste país. Seu físico não prima pela distinção.⁽³⁹⁾ Estava no momento sendo recebida grande partida de cabos, na presença do Intendente do Arsenal em pessoa, antigo almirante, tão respeitável quanto idoso. Enquanto êle olha, a pesagem procede com rapidez, mas mal vira as costas, os responsáveis pelo serviço valem-se de tôdas as artimanhas para suspenderem-no. O fornecedor que espere semanas até que se disponham a retomá-lo. Os operários são quase todos criminosos, brancos e prêtos, algemados indiferentemente, aos pares, com pesados ferros, mas ainda não desaprenderam a prática do roubo. Conhecido meu, levou certa vez umas poucas garrafas de *cham-pagne*, na esperança de acelerar o ritmo do trabalho com êsse volátil espírito; tendo-se porém afastado um instante do néctar que uma toalha cobria, logo desapareceu a metade e o culpado, como era de se esperar, não foi encontrado. Devo ainda mencionar outro hábito perigoso, que é o de fumarem, atirando imprudente-

(39) Também O. von Kotzebue, que o conheceu à sua passagem pelo Rio em 1823, traçou-lhe retrato não mais lisongeiro: "O seu exterior e suas maneiras têm algo de repulsivo... só se exprime por monossílabos... não olha de frente". Não sabia o oficial russo como conciliar "seu espírito guerreiro com a sede de ouro que nêle censuram" ("Kotzebue", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo 80, p. 517). T.

mente os tocos de charutos acesos entre artigos inflamáveis. Demonstrando minha estranheza ao intendente, respondeu-me êste nada ter a objetar porque ainda nenhum inconveniente se havia registrado. O conjunto dêsses edifícios está cercado por um muro do lado de terra e as duas entradas são fortemente guardadas.

Junto ao Arsenal, está o principal logradouro para a locação de transportes por água, que são de duas espécies: botes a dois e quatro remadores, providos de toldos de lona, e canoas, do formato de cochos, que medem vinte pés de comprido e dois negros tripulam, um em cada ponta. Estas são baratas e, por poucos vinténs, vão a tôda parte, ao passo que os primeiros não se conseguem por menos de 480 réis.

Seguimos agora ao longo da praia ou do cais. A praça a que vamos dar, fica repleta até os muros de artigos postos à venda, tôda sorte de lenha, bananas, tremoços, mandioca, feijão, etc. Aí prevalece um cheiro insuportável tal a imundície que nela se acumula, pois no Rio não há esgotos nem latrinas; tudo o que sai das casas é aqui em parte descarregado pelos negros no mar, para que as marés levem o que elas alcançam. Mais adiante, está a Praia dos Mineiros, onde vêm ter os habitantes das Minas em suas faluas grandes de meia-coberta.⁽⁴⁰⁾ Segue-se-lhe a Praça do Comércio, repleta

(40) Não faltam ilustrações contemporâneas da Prainha dos Mineiros e das barcaças de que êstes se serviam para seus transportes: Ender, Debret, Rugendas, etc. T.

presentemente de âncoras abandonadas e de grandes pedras. Perambulam, de permeio, negras vendedoras da apetitosa carne-sêca que preparam com feijão e farinha em seus braseiros, ao relento ou debaixo de sujas barracas de lona, prato êste muito apreciado dos negros que aí se aglomeram, servindo-se essas simpáticas criaturas da natureza dos dez dedos que Deus lhes deu, ao invés de colheres.

Nessa praça está a Bôlsa, belo edificio mandado construir pelo Rei após sua chegada, verdadeiramente notável.⁽⁴¹⁾ É um quadrilátero de faces iguais, tendo ao centro soberba rotunda com sua cúpola apoiada sôbre colunas. Nos cantos, ficam quatro grandes salas para uso dos comerciantes em seus negócios. Ia tudo muito bem, até que os cidadãos nêle reunidos para uma eleição, pouco antes da partida do rei, sofreram uma agressão por parte da soldadesca, muitos tendo sido mortos à bala. Desde então, nenhum comerciante lá pôs os pés, razão pela qual o imperador acabou por transferir para êsse edificio uma parte da Inspetoria da Alfândega, faz poucos dias. Entrementes, tôda a

(41) Na realidade, só em 1820 foi inaugurada a Praça do Comércio, de cuja primitiva traça conhecem-se três soberbas aquarelas (interior e exterior) por Grandjean de Montigny, que foi o arquiteto. O salão principal tem a forma de um retângulo dividido em quatro secções, como hoje se conserva. Duas galerias abobadadas de colunas dóricas sustentavam no cruzamento uma cúpula, inspiradas e decoradas no melhor de Percier e Fontaine. No dia da inauguração, Grandjean recebeu, merecidamente, das mãos régias, o hábito de Cristo.

fachada norte começou a afundar e, por isso, está sendo agora demolida.⁽⁴²⁾

A Alfândega fica ao lado da Bôlsa. Compõem-na vários armazéns grandes e numerosos balcões para os funcionários. Das 8 da manhã às 2 da tarde, reina no local grande atividade o ano inteiro, pois o comércio do Rio tornou-se muito importante e cresce de ano para ano. Tôda sorte de artigos europeus imagináveis são aqui importados.⁽⁴³⁾ Os inglêses e franceses, especialmente, inundam o mercado com mil produtos de suas manufaturas. Os navios que chegam só podem descarregar de meia-noite às sete da manhã; depois têm acesso os barcos mais leves. As mercadorias são armazenadas sob rigorosa inspeção, serviço para o qual engajam pessoal de responsabilidade. Tudo é revistado peça por peça e, se necessário, marcado a chumbo. A tarifa é de 24% do valor respectivo depois de prévia taxaço, quase sempre abaixo do real e, com freqüência, arbitrária e errada. Artigos inglêses, provenientes da

(42) Ficamos sabendo por Ebel que a fachada norte, não terminada ainda e que sustentaria duas estátuas sedestres Europa e América — um tímpano armoriado e quatro pedestais com as estátuas do Comércio, Agricultura, Indústria e Navegação, teve que ser demolida em 1824 devido à pouca firmeza do solo nessa parte da cidade, sabidamente aterrada sôbre antigos paludes. T.

(43) Graças a Ender (pr. 45 do álbum citado) conhecemos agora o conjunto do importante e sólido edifício, portão encimado pelas armas de Portugal, bem como o movimento que reinava frente ao mesmo (aquarela n.º 346 da coleção vienense). A prancha n.º 73 apresenta uma alvarenga descarregando no trapiche da Alfândega. T.

Inglaterra em navios ingleses, pagam apenas 15%, graças ao tratado vigente.⁽⁴⁴⁾ Pelas observações que fiz, tenho a firme convicção de que seria possível estabelecer um intercâmbio direto e vantajoso de manufaturados russos, tais como cabos, cordoalha,⁽⁴⁵⁾ velames, vidro, etc., artigos estes que, importados da Rússia, sairiam mais baratos e são melhores do que os de qualquer outra procedência, havendo dêles aqui grande consumo. Seria da maior importância e, acredito, não encontrará maiores obstáculos se o governo russo pleitear a conclusão de um tratado de comércio que lhe assegure os mesmos favores de que gozam os ingleses.⁽⁴⁶⁾ Sua utilidade, tendo em vista inesgotáveis fontes de suprimento da Rússia e o sistema atual de fabricação, ultrapassaria na certa qualquer expectativa.

A principal receita da coroa é a alfandegária, pois praticamente ela não cobra outros impostos. Os fun-

(44) *Tratado de Comércio e Navegação* entre Portugal e o Reino Unido da Grã-Bretanha assinado no Rio de Janeiro a 19 de fevereiro de 1810. Era essa uma situação privilegiada em relação à própria Metrópole, cujos produtos pagavam 16%, sendo ilusória a reciprocidade no mesmo insituida. T.

(45) A cordoaria foi tradicional e sabidamente uma especialidade manufatureira russa. T.

(46) Outras nações pretenderam-no sem êxito (a França e a Suécia desde 1816). Tais favores foram reafirmados em 1827, mas sucessivamente estendidos à França, Áustria, Prússia, Dinamarca, Estados Unidos, Holanda, etc. (graças à cláusula de nação mais favorecida). Cessariam em 1828 quando a tarifa *ad-valorem* foi adotada sem distinção de origem. Em 1844 é que se introduzirá a primeira tarifa protecionista, elevada para 30%. T.

cionários são atentos e amáveis na medida do possível, o que não acontece em tôda parte na Europa; sòmente a liberação das mercadorias — tal o seu acúmulo e a insuficiência de espaço — processa-se por demais lentamente. Os principais negociantes gozam ainda por cima da vantagem de só precisarem pagar as pautas alfandegárias de três a seis meses depois de despachadas, o que, à vista do juro alto, importa em considerável benefício. Os carregadores na Alfândega são todos negros e pagos pelo govêrno. Movimentam êles as mercadorias, de um lado para outro com tão pouco cuidado que qualquer forasteiro se exaspera.

Dando-se volta à Alfândega pelo lado do mar, chega-se à Praia, em que se encontra o Mercado do Peixe.⁽⁴⁷⁾ Os prêtos armam suas bancas sob uma coberta de madeira, protegendo de certo modo do sol o pescado e as tartarugas. Daqui, alcança-se outra praça quadrangular, de belas dimensões — o Largo do Paço — que é pavimentado e flanqueado de importantes construções e duas igrejas. Ocupa todo um lado o palácio real, que não passa, por certo, de um casarão sem mérito arquitetônico e já não serve de residência para a família imperial, a qual reside definitivamente na Quinta de

(47) Outro aspecto dantes desconhecido e que Ender nos revelou com seu desenho (pr. 51 do álbum citado). Neste local erguer-se-á em 1840 o grande mercado da Candelária, outro projeto de Grandjean, maior que o de Liverpool no testemunho do referido comerciante inglês. T.

São Cristóvão. Outro lado — o do mar — tem ao centro um chafariz de pedra, ornado de coruchéus e outros motivos ornamentais, ao qual chega a mais pura das águas pelo grande aqueduto e, por isso, vemo-lo sempre apinhado de escravos e negras que aqui vêm buscá-la para uso de seus patrões ou para venda. Dêstes chafarizes maiores há uns cinco no Rio, sem falar nos muitos menores. O cais nessa praça — sólida muralha de pedra de cinco pés de alto, ultrapassando-a mesmo — está provido de bancos também de pedra, onde depois que o sol se põe vem ter muita gente para gozar da fresca brisa do mar.⁽⁴⁸⁾

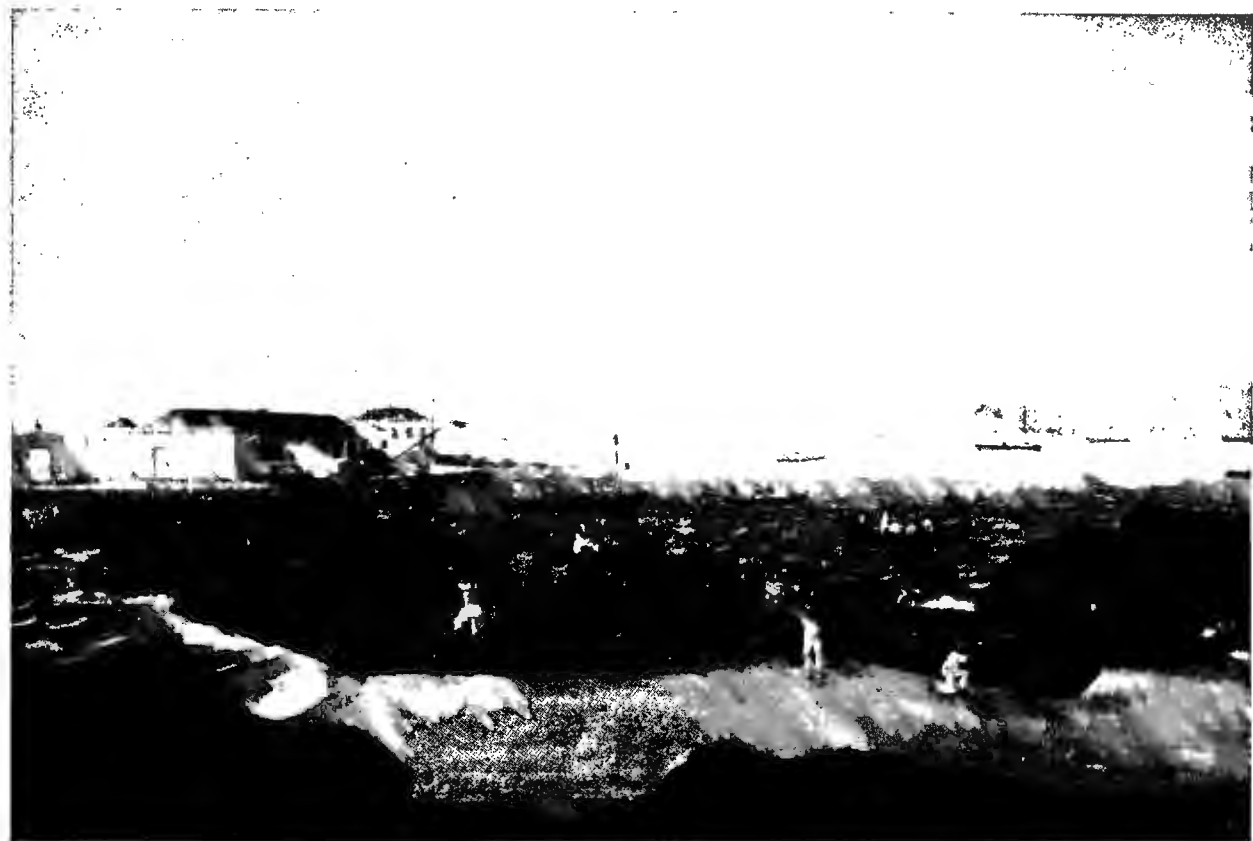
Continuamos ao longo do cais até a Praia (D.) Manuel, que é o mercado de pássaros aí expostos à venda, cujas lindas plumagens te encantariam. Além da variedade de papagaios, verias o belo cardeal com seu cocar de penas escarlates e, mais que todos, admirarias a linda viúva, do tamanho de um rouxinol, cuja cauda, negra e reluzente, mede três vêzes o comprimento. Ainda por cima, seu canto é mavioso, coisa rara entre os pássaros do trópico.

Deixando o cais e tomando uma transversal, à direita, chegamos à rua da Misericórdia, ao fim da qual está o Hospital⁽⁴⁹⁾ destinado em primeiro lugar à

(48) Ender, Earle e Debret são dos retratistas do Rio antigo os que melhor representaram o Terreiro do Paço, captando os flagrantes a que refere o texto. T.

(49) Conjunto dos melhor conservados da época colonial (hospital, igreja e ladeira da Misericórdia), qual representado por Ender (pr. n.º









classe pobre, tendo os padres também a obrigação de enterrar em seu cemitério os escravos que morrem no recinto da cidade, bem como os demais indigentes.

Cansei-me de tanto andar e o estômago está-me lembrando que já são duas e meia, hora local de jantar; subo às pressas a rua da Misericórdia, onde nada mais há de interessante. Passando debaixo do arco do Largo do Paço, que une este edifício à Biblioteca, atravesso-o e subo pela rua Direita até a casa de um amigo, onde restaurarei minhas fôrças com uma boa refeição.

São agora cinco horas e, como escurece o mais tarde às seis, temos que andar depressa para continuarmos o passeio. Pela manhã, havíamos percorrido a cidade no seu comprimento. Nessa direção, alinham-se as ruas da Candelária, especializada no comércio de velas, numeroso no Rio; da Quitanda, onde os portugueses têm seus armazinhos — um ao lado do outro — e todos, sem exceção, tão acanhados que dentro mal se podem mexer três a quatro pessoas, sendo os tecidos pendurados de fora,⁽⁵⁰⁾ sem gôsto, e só em poucos encontram-se artigos de qualidade. A rua dos Ourives, que se segue, em comparação é deveras brilhante; embora corte a cidade em tôda sua extensão,

25) e numa aquarela inédita de Viena, nesta visto da Praia D. Manuel, em que aparecem não gaiolas de pássaros, mas feixes de lenha, braseiros, etc. T.

(50) Não era este um hábito exclusivamente português. Walsh observou que tudo era arrumado à porta das lojas, pois eram ainda raras as vitrinas que os franceses foram os primeiros a introduzir. T.

quase só tem bijuterias muitas das quais bem sortidas em peças de prata. Examinadas de perto, todavia, confesso que, destas, raras encontrei realmente bem trabalhadas ou finas: pareceram-me dignas de nota umas quantas bandejas do Pôrto, de estilo inglês. Entre os joalheiros, há um principal que dizem ter, em pedras, de oitenta a cem contos de réis.⁽⁵¹⁾ É um regalo para a vista a grande variedade de pedras preciosas: topázios, ametistas, esmeraldas, brilhantes e outras, no geral bem lapidadas mas ilude-se grandemente quem acreditar que vai aqui fazer pechinchas. Pelo contrário, essas pedras são tão caras quanto na Europa, onde podemos comprá-las, se não pelos mesmos preços, com pequena diferença.

Depois vem a rua da Vala, que corresponde — pode-se dizer — aos limites da Cidade Velha, nada oferecendo que chame a atenção. Visitemos, pois, as transversais desta parte da cidade, isto é: as ruas dos Pescadores, das Violas, de São Pedro e do Sabão. A da Alfândega concentra os marceneiros e seleiros quase com exclusividade; os empregados nessas oficinas, tanto de portuguêses como de brasileiros, são todos prêtos. Tampouco há algo que ver nas ruas Trás do Hospício e do Rosário. Ao entrarmos, porém, na rua do Ouvidor, acreditamo-nos transportados para Paris, porque nela se estabeleceram os franceses e, na verdade, com aquela

(51) Um conto de réis significa um milhão de réis ou 5.000 rubles B. A. A.

elegância que lhes é peculiar. Não só ali se conseguem os tecidos mais finos e as mil miudezas do luxo e da moda, como estas atraem o transeunte pelo bom gosto e pelo brilho da apresentação. Por trás de uma mesa bem polida, senta-se *Madame* ou *Mademoiselle* elegantemente posta, ocupando meia dúzia de negrinhas, vestidas com esmêro e escolhidas pelo físico, ocupadas a costurar (e como já está escuro) à luz de numerosas lâmpadas argânticas⁽⁵²⁾, que, refletindo-se em grandes espelhos, duplicam a claridade. Aí vendem de tudo o que o mais exigente *petit-maitre*, a dama mais elegante possam desejar; naturalmente, por bom dinheiro. No salão do *maitre-coiffeur* se quiseres cortar o cabelo, serás conduzido a um caprichoso gabinete, guarnecido de espelhos, onde poderás fazê-lo *à la française* ou *à l'anglaise* e com *huile antique*, à vontade, por preço deixado à tua discricção; serás, todavia, mal visto se deres menos de mil-réis (cêrca de 5 rublos).⁽⁵³⁾ César o *maitre-tailleur*, acaba de instalar seu *atelier*, duplo: o primeiro ocupado por vinte prêtos e meia dúzia de costureiras, enquanto no segundo três cortadores e dois *commis*, franceses, não têm mãos a medir na tarefa de

(52) Aimé Argand (1755-1803), físico suíço, de Genebra, e inventor da lâmpada que tomou seu nome: iluminação a gás, com emprêgo de mangas de vidro. Introduzida em Londres (1796), depois em Paris (1816), ficamos sabendo que já era empregada no Rio em 1824. T.

(53) Um mil-réis correspondia, em 1824, a um *dollar* ouro, que equivale mais ou menos, a dez cruzeiros de hoje (1972). T.

cortar e atender à clientela, apresentando-lhe os tecidos mais elegantes, recém-chegados de Paris, de que estão sortidos seus reluzentes e luxuosos estabelecimentos.⁽⁵⁴⁾

Mas, vejamos agora o resto da cidade! O extremo sul da rua do Ouvidor dá para o Largo de São Francisco de Paula e a igreja dêsse nome, que é a maior da cidade. A praça é antes acanhada e tem pela frente as ruínas recentes de outra igreja abandonada pela metade e que, à vista da decadência atual do espírito religioso, provavelmente jamais será concluída. Musgo e plantas brotam-lhe dos muros e as cabras que por êles sobem a miúdo, produzem grotesca impressão.⁽⁵⁵⁾ Mas, para que mais paredes sombrias numa terra em que a divindade se espelha mil vêzes no esplendor da natureza!

Atrás dessas ruínas se instalaram os locadores de cavalos e carruagens que construíram suas cocheiras pegadas às paredes. Ao lado, está o nôvo teatro cons-

(54) Também Walsn, cinco anos depois, ficou impressionado, descrevendo (v. I, p. 466) quase com as mesmas palavras a elegância parisiense que resplandecia nas ruas do Ouvidor e dos Ourives. Acrescentava êle: “a francesa é a mais numerosa das colônias estrangeiras, contando 1.400 pessoas em 1829 e 140 lojas de todo gênero. A inglêsa não subia à metade dêsse número e suas lojas não ornamentavam as ruas, consistindo em armazéns, como atacadistas que são” de maquinarias, vidros, louças e tecidos, provenientes dos centros industriais de Manchester e Birmingham. A terceira em importância era a alemã. T

(55) Ainda de Ender é a mais correta apresentação da igreja, e do largo, abrangendo-o sua estampa (n.º 694) da esquina do Ouvidor às obras da Sé. Dá-nos também a confirmação gráfica dessa descrição da igreja inacabada e já em ruínas. As estampas 83 e 87 do citado álbum de Ferrez completam-se. T

truído pelo Rei em 1810, grande edifício⁽⁵⁶⁾ de esquina, cujo pórtico em arcadas dá para a espaçosa praça, também chamada da Lampadosa.

Seguindo daí em linha reta, chega-se ao Campo de Santana, agora da Aclamação, porque nêle foi D. Pedro I proclamado, pelo povo, Imperador a 12 de outubro de 1822, tendo sido levantado para êsse fim elegante e pequeno pavilhão, onde êle e a Imperatriz, mais os filhos, se postaram durante a cerimônia. Está ainda de pé.⁽⁵⁷⁾ O campo é tão grande que 20.000 homens podem nêle fàcilmente manobrar. No centro, fica vistoso chafariz de pedra, sempre rodeado de escravas que ali lavam roupa, batendo-a com tôda fôrça. Só um lado do campo apresenta bela construção: o Museu Imperial, também levantado pelo Rei. As casas nos três outros lados são na maioria inconspícuas, salvo

(56) Outro belo desenho de Ender (estampa 90) mostra o teatro inaugurado em 1813. T.

(57) Esta solenidade foi retratada por Debret numa tela do Museu de Belas Artes e na correspondente prancha de sua *Viagem Pitoresca* (v. III, n.º 47, São Paulo 1940). Hipólito Taunay fixou numa gravura aquarelada da Biblioteca Nacional o “palacete”, também chamado “varanda” já levantado, desde 1817, por D. João para o casamento de D. Pedro e para as próximas festas de sua coroação, em madeira. Foi posteriormente reconstruído em pedra e cal (daí o equívoco de Ebel). Constitui o primeiro exemplo de portas e janelas em arco pleno que depois caracterizaram a arquitetura urbana do Rio de Janeiro imperial. Desapareceu numa explosão de fogos quando se preparavam os festejos da aclamação de D. Pedro II (agosto de 1841). T.

a do Conde de Rio Sêco (sic)⁽⁵⁸⁾ e duas mais, de permeio. Daí parte a Estrada Real ⁽⁵⁹⁾, logo deixando a cidade. Se voltarmos à Praça do Teatro e dobramos à esquerda, chega-se à rua do Lavradio, que em direção sudoeste conduz ao Morro de Santa Teresa. Outra vez à esquerda, no fim da mesma rua, passa-se sob os arcos do Aqueduto, que são imponentes vistos dêsse ponto,⁽⁶⁰⁾ e continuamos pela rua das Marrecas, passando em frente ao belo chafariz do mesmo nome,⁽⁶¹⁾ para atingir a dos Barbonos, na qual fica a igreja dos inglêses e de onde, pelas ruas da Ajuda e dos Ouvires, estamos de volta à Cidade Velha.

Acabamos assim de dar um giro por tôda a cidade; só falta acrescentar que, salvo alguns edifícios públicos e os dois chamados palácios, as casas, no mesmo estilo, com apenas três janelas de frente, mas estendendo-se para os fundos, são de três andares, raramente quatro.⁽⁶²⁾ O *rez-de-chaussée* é utilizado como loja ou

(58) Ebel novamente equivocou-se. Trata-se do Palácio do Conde dos Arcos, o último Vice-rei; presente da cidadania baiana reconhecida que o fêz construir em 1818. T.

(59) O "Aterrado", como se chamava, e a que Ebel, talvez pela ressonância onomatopaica, teima em referir-se como "Estrada Real". T.

(60) Desenhados por Maria Graham, um dos inéditos do Museu Britânico, incluído na tradução de sua *Viagem ao Brasil* por Américo J. Lacombe (São Paulo, 1956).

(61) Representado numa aquarela anônima à página 104 da monumental edição comemorativa do *IV Centenário do Rio de Janeiro* (Gilberto Ferrez, 1965).

(62) O citado álbum *Aquarelas de Richard Bate* (Rio, 1965) mostra muitos exemplos fidedignos no centro da cidade dêsse casario

armazém e sòmente nos arrabaldes afastados, em casas térreas e pequenas, serve de residência. Nalgumas dessas, vêm-se ainda estreitas grades de madeira⁽⁶³⁾ em vez de janelas envidraçadas, que nas melhores são providas de sacadas de pedra com elegantes gradis de ferro, por vêzes dourados, as quais, sendo na realidade portas, permitem-lhes o acesso. As ruas são tôdas pavimentadas, mas no geral deixam a desejar.⁽⁶⁴⁾ Corre pelo meio uma valeta que acumula as sujeiras, e só chuvas torrenciais e benfazejas podem lavá-las. À noite, são relativamente bem iluminadas por inúmeros lâmpões e, como medida de segurança, circulam pelas principais patrulhas de três a quatro soldados o tempo todo.⁽⁶⁵⁾

que o comerciante armador soube fixar sobretudo à rua Direita, onde tinha sua loja desde 1808. Só que, ao tempo de Ebel os balcões de madeira, corridos ou não, já haviam sido ali substituídos por grades de ferro, importadas da Inglaterra. À esquina do Ouvidor ficava o consulado inglês. (Vide J. W. Moore: *The revolution of 1831*, São Paulo, 1962). T.

(63) Tais grades de madeira, na verdade, ainda eram comuns ao tempo de Ender, como se vê nas estampas intituladas “Val-longo” e “Igreja da Lapa”, prevaleceram na paisagem urbana mesmo depois da chegada da família real. T.

(64) Veja-se a prancha 43, II, do *Voyage* de Debret, que também apresenta a planta de uma das casas maiores do Rio. T.

(65) No tão citado álbum *O Velho Rio de Janeiro* (pr. 11), Ender mostra o uniforme preto da polícia real e dá-nos vários exemplos, às esquinas, dos lâmpões, como também se vê da aquarela de Miss Peppin, *Weste side of Rua Direita*, incluída por Bate no seu exemplar da obra de Walsh. T.

Rio, 13 de março, 1824.

Faz seis semanas, verificou-se aqui estranho acontecimento. Certo capitão holandês, Brower, chegou do Cabo da Boa Esperança com um carregamento de mercadorias e 16.000 piastras de prata⁽¹⁾ consignadas a Hindrichs, Wiers e Cia. Como demorasse em descarregar as moedas, ao desembarcar, no fim do quarto dia, explicou que o dinheiro lhe havia sido roubado do beliche, à noite, na véspera. O caso deu que falar e Hindrichs, desconfiado, em suas funções de cônsul holandês, fê-lo prender assim como tôda a tripulação. Os homens haviam ficado até agora detidos sem nada revelarem, até que, dias atrás, o contra-mestre, a quem

(1) As pratas hispano-americanas de oito *reales* eram comumente chamadas *piastres*, em francês, *silver-dollars*, em inglês. As que entre nós foram remarcadas, acompanhando a quebra do padrão, entre 1643 e 1821, com valores progressivos (480, 600, 640 e 960 réis) chamaram-se patacões a partir de 1809, quando essas peças de três patacas foram mandadas cunhar por um alvará desse ano nas casas da moeda do Rio e do Salvador (31-X-1809). T.

o tempo ia pesando, admitiu que o roubo se verificara no Cabo, de onde o dinheiro não saiu e isso com a conivência criminosa do co-proprietário do navio, Wilson. As caixas, cheias de ferro velho, foram jogadas ao mar pelo capitão, com a ajuda do imediato e do carpinteiro, tendo fracassado em duas tentativas, primeiro de dar com o navio na costa e em seguida de queimá-lo. Uma vez revelada, essa confissão foi logo confirmada pelos ditos imediato e carpinteiro também metidos a ferros: só o capitão manteve com teimosia sua negativa. Acompanhei o Sr. Hindrichs às duas prisões, onde as declarações dos homens foram novamente tomadas notarialmente, tendo havido na acareação perfeita concordância.

A prisão da cidade está junto ao Morro da Conceição. As celas são de três espécies: porões para os grandes criminosos;⁽²⁾ salas grandes, providas de grades, para os presos comuns, no pavimento térreo, podendo êstes receber visitas de parentes através das grades. Testemunhei uma cena tocante, quando uma senhora bem vestida visitou seu marido prêso, mais o filho, que, ao ver o pai, prorrompeu em choro e tudo fêz, aos gritos para entrar, a ponto de o carcereiro comovido abrir-lhes a porta, a êle e à mãe. Pequena espórtula da nossa parte pôde apenas aliviar mas não

(2) Sempre Ender (pr. 60), deixou-nos o artista do antigo Aljube, que ficava no princípio da ladeira da Conceição, documento iconográfico bem mais autêntico que o que conhecemos de Debret. T.

remediar a triste situação. Os presos pecuniosos podem ter quartos individuais, sendo o tratamento de modo geral bom. Nas masmorras, onde fica a gente de baixa extração, condenada a trabalhos forçados, reina muita ordem e são bem arejadas, a despeito do grande número de presos.

Vem chovendo há dias sem cessar, no entanto a temperatura não baixa. Fala-se em mortes súbitas, especialmente dos que se expõem, cabeça descoberta, à insolação; contudo não se conhecem aqui moléstias contagiosas. Também eu senti-me mal alguns dias, mas procurando logo um médico competente, o inglês Coates,⁽³⁾ sob seus cuidados, restabeleci-me prontamente. A êste propósito, pude observar que as farmácias brasileiras, encontram-se em péssimas condições. Existem, por sinal, em número impressionante: três, quatro — ao lado uma das outras — o mais das vêzes faltando-lhes os principais ingredientes. Os farmacêuticos pouco entendem do latim, de modo que as receitas têm que ser escritas em português. Há que se ir munido de

(3) Era o médico da legação inglesa. Juntamente com seu compatriota, o Dr. Dixon, prestou serviços gratuitos a numerosos colonos e soldados, irlandeses e alemães. Abandonados os primeiros à sua sorte, amotinaram-se, acabando repatriados ou emigrando para o Canadá. Foi o Dr. Coates que forneceu ao Rev. Walsh as valiosas informações do seu capítulo sobre a medicina e a saúde pública no Rio. Chegado em 1818, ainda clinicava em 1843 segundo o já referido diário inédito de E. W. Fry. O americano J. W. Gould, no seu *Relato de uma viagem ao Rio*, publicado em 1839, refere-se ao "famoso Dr. Coates" (*apud* R. Borba de Moraes: *Bibliografia Brasileira*). T.

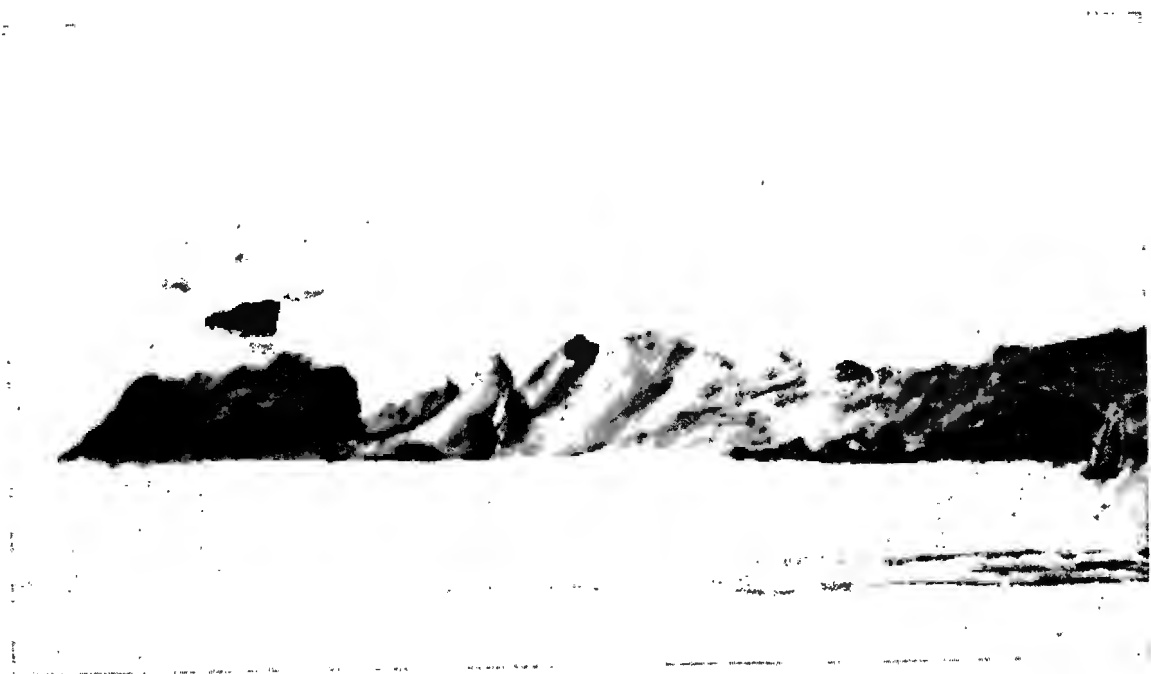
um copo se os remédios forem líquidos, pois não os facilitam. Agora está-se instalando um francês na rua da Ajuda, sendo de esperar que, quando êle abrir seu estabelecimento, tais deficiências serão corrigidas, já que se trata de um profissional capacitado que vem fartamente provido do necessário.⁽⁴⁾

Em matéria de teatro, preveniram-me os amigos da pouca satisfação que me proporcionaria; todavia fiz questão de conhecê-lo, confirmando-se, de resto, o juízo antecipado, razão pela qual não me animei a frequentá-lo mais que duas vêzes. Internamente o edifício tem as dimensões da Ópera de Berlim e é de admirar-se sua decoração a ouro sôbre fundo verde, a platéia sendo guarnecida de bancos e havendo três ordens de camarotes mais uma galeria.⁽⁵⁾ O camarote imperial ocupa todo o fundo e é ricamente ornamentado.

Da primeira vez, ouvi uma opereta com bailados, mas tanto o canto como a dança foram mais que mediócras; da segunda, durante a quaresma, assisti a

(4) Será por acaso a luxuosamente instalada que seu compatriota Debret escolheu para modelo de um dos belos originais, ùltimamente reproduzidos no seu quarto álbum (Coleção Castro Maya). datado de 1825? T.

(5) Tambem Leithold, no já citado *Rio de Janeiro*, comparou-o à Ópera berlinense. Segundo Moreira de Azevedo comportava 1.000 pessoas na platéia e contava 112 camarotes. Não há imagem contemporânea de primitiva sala de espetáculos. Debret pintou-lhe o pano de bôca para a coroação de Pedro I (II, pr. 49). Da sua primeira fachada o desenho de Ender é. arquetetônicamente, o mais exato (pr. 91 do citado álbum). T.









uma representação religiosa — Santa Cecília — espetáculo êsse que me pareceu excessivamente pesado. Os atores moviam-se sem naturalidade, gritavam e pateavam demais. A êste segundo espetáculo estavam presentes o Imperador e a Imperatriz em traje de gala. Logo que baixou a cortina no entreato, levantarãem-se ambos e, a um tempo, todos os ocupantes dos camarotes. O proscênio via-se bem iluminado com oito lustres. A casa estava repleta, apesar de custar o assento na platéia mil-réis. As senhoras só aparecem de camarote e todas paramentadas.

O Passeio Público é um parque aprazível, embora de reduzidas dimensões. Contudo, é atravessado por belas alamêdas sombreadas de tamarindos, cajueiros, goiabeiras e mangueiras. Crescem nestas últimas parasitas floridas de vermelho e lilás. Cêrcas de bambu, caprichosamente trançadas, delimitam canteiros repletos de arbustos variados tais como: rosas-de-jericó, flores-de-cêra, ervilhas-de-cheiro, pés de camélia, cardamomo, cana-índica e ainda de numerosas espécies de flores européias, tudo bem tratado. Bancos de pedra convidam a sentarmo-nos defronte a um belo chafariz d'água cristalina e refrescante, tendo ao fundo um terraço murado de pedra no qual as ondas vêm bater e de onde se goza a brisa do mar e de uma vista encantadora sôbre a baía.⁽⁶⁾ O parque andou muito

(6) Existe interessante aspecto dêsse terraço, contemporâneo das reformas porque passou em 1817 o Passeio de mestre Valentim, de

tempo abandonado e só recentemente, graças aos esforços do grande botânico, frei Leandro, a quem sua direção foi entregue, como a do Jardim Botânico, está sendo recuperado e diàriamente embelezado.⁽⁷⁾ É pena que lugar tão aprazível esteja na extremidade da cidade; daí ser tão pouco freqüentado!

Merece igualmente menção o passeio à Quinta Imperial de São Cristóvão, pôsto que tanto o edifício quanto o parque que o circunda, nada ofereçam de extraordinário. Nas cercanias, um alemão, Fröhlich, instalou-se numa casa nova e magnífica. Chegou ao Rio faz uns doze anos; teve modesto comêço alugando um sítio por onde passavam os mineiros com seus carregamentos de café, dos quais êle comprava diretamente. Com esforço e honradez, prosperou no ramo. É quem hoje faz os maiores negócios. Sua casa é grande e de alvenaria; as peças são elegantemente mobiliadas, os tapêtes franceses e bem construídas as dependências em que armazena o café. Do bonito

1793, que é o sumário esbôço de Frans Frühbeck (n.º 10 da citada obra de Smith e Ferrez), no qual se vêem os dois obeliscos e o chafariz flanqueado de muros paralelos de pedra em que aparecem figuras, sentadas e de pé. A planta primitiva, geométrica e em leque, está reproduzida no *Rio de Janeiro* (IV Centenário, p. 204). T.

(7) Frei Leandro do Sacramento, sumidade em botânica, que já havia inaugurado em 1815 no Passeio um curso dessa matéria e é autor de vários trabalhos sôbre nossas plantas, era estimado por Saint-Hilaire que lamentava que seus serviços a instituições européias não tivessem sido devidamente galardoados nem ligado seu nome a alguma espécie botânica. T.

jardim, parte uma extensa alamêda de cafeeiros, conduzindo a um cais de pedra que entra pelo mar e lhe serve de embarcadouro.⁽⁸⁾ Foi aí que pela primeira vez tive noção da fertilidade da terra.⁽⁹⁾ Mudanças de laranjeiras viram árvores copadas em cinco anos e carregam-se de frutos; sob sua sombra pode-se estar de pé. Ainda mais depressa crescem os mamoeiros, a cujos troncos lisos aderem curiosamente os mamões. A bananeira, de fôlhas imensas e frutos numerosos não vive mais de um ano, brotam-lhe em tórno tantos pés que em dois anos formou-se pequeno bosque. Não há necessidade neste clima paradisíaco de desvelos especiais, como temos na Europa, pelas árvores. Planta-se e tudo dá desde que se combatam as ervas daninhas, as quais,

(8) Friedrich e Wilhem Fröhlich desempenharam importante papel no comércio do Rio na década de 1820. O mais velho dos irmãos começou efetivamente seu negócio em 1812, estabelecendo-se no Largo do Paço, o qual subsistiu até 1860. Adquiriu uma propriedade à rua de São Cristóvão n.º 2, a um quilômetro de distância do palácio, entestando com o Aterrado. Foi autorizado a levantar um trapiche na Praia das Palmeiras. Seu palacete, como o chamavam, dava frente para o Campo de São Cristóvão e, na certa, é o desenhado por Ender (estampa n.º 141 do seu álbum).

Wilhelm deixou herdeiros que, como o pai e o tio, foram sócios da "Germânia". A atual rua Frolick, que sobe o morro do Barro Vermelho partindo da Figueira de Melo, testemunha a importância social de que gozou. *Apud* F. Hinden, *Deutsche u. Deutscher Handel* in Rio, 1921, p. 45. T.

(9) Essa idéia generalizada da fertilidade tropical do nosso solo só seria desprestigiada na segunda metade do século dezenove pelos levantamentos dos engenheiros ferroviários, observa G. Freyre (*op. cit.* págs. 118 e 119). T.

lògicamente, também se expandem aqui como em nenhum outro lugar.

A fim de conhecer a margem direita da baía, embarquei-me na Praia (Dom) Manuel, de onde largam regularmente canoas de meia-coberta a quatro remadores, pagando-se pela travessia 40 réis, mas naturalmente na companhia da ralé. Convém, portanto, fretá-las individualmente mesmo a 320 réis ou uma pataca. A distância mede três quartos de légua e a travessia dura uma hora, sendo bem mais rápida quando o vento é favorável.

A Praia Grande não passa de um vilarejo de casas térreas e modestos quintais. Tem sua Praça do Comércio, onde está o chamado palácio do govêrno. Tal como (São) Domingos, que a continua, ficam à beira-mar, com montanhas em tôrno. Aqui possui Herr Terries um engenho de açúcar, de que é o único a refiná-lo. Seu diretor Constant, foi dono antes de uma grande refinaria em Londres.⁽¹⁰⁾ Processa-se o açúcar em tonéis de madeira, sendo depois triturado; o refino

(10) Joseph A. Terrisse, suíço de nação, associado aos irmãos Henry e Louis, ao referido Constant e a outros compatriotas — (A. Köhly, A. Tavel, Weguelin e Riedy), fundou em 1821 a *Société Philantropique Suisse* para socorrer os necessitados de Nova Friburgo. Foi vice-presidente da mesma o cônsul da Prússia W. Theremin, já que a Suíça só passou a ter representação consular em 1827 na pessoa de Louis Terrisse, que faleceu jovem em 1836, segundo o mesmo diário de Fry. T.

faz-se a carvão de lenha. O mesmo (Terrisse) destila o seu álcool e fabrica filtros para purificação da água que se leva em viagens marítimas. Empreendi a seguir agradável passeio, contornando a pé o morro que vai até à Boa-Viagem, antigamente um convento, hoje fortificado, que fica numa ilha ligada à terra firme por ponte de pedra em arco, mas que, tendo ruído, foi substituída por outra de madeira, miserável.⁽¹¹⁾

Ao forte não se pode subir, salvo quando rezam missa na igreja ao lado. Para proteção do caminho, reforçaram a rampa com forte muralha, que conduz a uma pequena porta: a base dêste anteparo, porém, é tão pouco segura que já está dando mostras de vir abaixo, típico exemplo do que são as obras públicas neste país. O Imperador por mais que se empenhe, não consegue corrigir a incompetência e a cupidez de seus subordinados. Ao voltar e da extremidade de uma eminência, junto à qual fica o forte São João de Icaraí, gozei de esplêndido panorama. A estreita e escarpada verêda passa sob touceira de mimosas que se entremeciam às piteiras e euforbiáceas, e outros belos arbustos em flor. A perspectiva, daí, é ampla e grandiosa: à esquerda, o mar alto, cujas vagas espumantes lavam as bases dos rochedos; em frente, o Pão de Açúcar, o Corcovado e a cidade; além o pôrto com sua floresta

(11) Numa de suas aquarelas inéditas, Ender deixa-nos ver a referida ponte, que ainda é a mesma que desenharia E. Hildebrandt em 1844, de mais perto. T.

de mastros,⁽¹²⁾ cruzando-se os escaleres festivamente em tôdas as direções, e, como pano de fundo, a Serra do Mar, a emparelhar com as nuvens.

Deixamos São Domingos às sete horas na companhia de duas graciosas francesas, que ainda mais amenizaram a travessia, sob o esplêndido luar, com suas encantadoras canções. De volta à cidade, seguimos pelo cais, batido pela ressaca, até o Passeio Público, onde passamos outra meia hora agradabilíssima sob o fascínio dos raios lunares que penetravam as escuras alamêdas. A despeito da noite divina, o parque de nôvo estava deserto.

Tenho tido êstes dias várias oportunidades de ver o Imperador e a Imperatriz, pois que o casal vem quase diàriamente à cidade, de carro ou a cavalo. Êle, um rapagão sacudido, está quase sempre à paisana, com

(12) Durante a navegação a vela, a escala pelo Rio era, por assim dizer, forçosa para os navios que se dirigiam aos portos do Pacífico, do Oriente e aos mares do Sul, não sòmente devido ao regime dos ventos. Havia ainda os negreiros, que, em número de 50 e mais, entravam por ano, segundo estatística de M. Graham (pp. 256 e 257). Em 1808 apenas 90 navios de bandeira estrangeira entraram. Já dois anos depois, 422 (portuguêses e estrangeiros) faziam escala pela Guanabara, segundo A. K. Manchester (*British Preeminence in Brazil*, p. 76). O Padre Perereca, em suas Memórias, mostra como aumentou o movimento de 1817 a 1818 (de 1 656 passara o número a 1 872), movimento êsse mantido em ascensão até o advento da navegação a vapor. Os próprios paquetes inglêses, que mensalmente chegavam e partiam, demoravam-se no pôrto vários dias até mesmo semanas. Avista-se pelo menos uma centena de velas no grande panorama de Burchell (1825). Walsh em 1829 contou, certa vez, do morro de São Bento umas 260 bandeiras de tôdas as nações (*op. cit.*, v. I., p. 453). T.

chapéu de palha. Ela não é bonita nem a favorece sua maneira masculina de vestir-se, o mais das vêzes com uma sobrecasaca, chapéu prêto e redondo, montando como homem. Constituem-lhe a escolta seis a oito cavaleiros, o mais das vêzes militares. O Imperador, que todos saúdam à passagem, descobrindo-se — os portugêses ajoelham-se mesmo, à antiga — conserva no geral um semblante severo, mas devolve sempre os cumprimentos da maneira mais afável, sobretudo quando percebe que partem de estrangeiros.

É grande o número de igrejas, algumas por terminar, mas já caindo em ruínas.⁽¹³⁾ Arquitetonicamente não têm mérito particular. Para nelas entrar há que subir uns poucos degraus que dão acesso a pequeno adro murado; as tórres são baixas e providas de uma, às vêzes duas balaustradas. As principais são a Candelária, São Francisco de Paula, o Rosário, a Capela Real e umas poucas conventuais. Nenhuma delas é especialmente grande e a mais vistosa, (São) Francisco de Paula, está situada na bela praça do mesmo nome. Reposteiros de damasco guarnecem-lhe as portas, mas o interior é antes pobre; só o altar-mor e alguns laterais são ornamentados com flores artificiais e banquetas douradas. Comumente, acendem quantidade de

(13) Além das da Sé nova, que ficou pela metade, havia ainda, no Castelo, as da igreja inacabada do Colégio, avultando desventrada nos panoramas do Rio, desde a expulsão dos padres até, pelo menos, 1826, como se vê no panorama de Landseer, da coleção C. Paula Machado. T

velas⁽¹⁴⁾ Enquanto a quadros e esculturas, nada há que chame a atenção.⁽¹⁵⁾ Como não têm bancos, fica-se ajoelhado ou de pé o tempo todo, mais freqüentemente na primeira posição e, nessa, mostram as mulheres uma habilidade especial sem amarrotar os vestidos, muitas vêzes elegantes. Causa estranheza, de resto, as muitas caras pretas, misturadas *pê-le-mêle* com as brancas ou morenas (melhor dito), não havendo aqui noção de classe. Qualquer estrangeiro pode entrar nas igrejas sem o menor constrangimento depois que a antiga carolice brasileira se transformou numa total indiferença em matéria de religião. O mais das vêzes, os homens freqüentam-nas por hábito ou, quiçá, para olhar as mulheres bonitas, invisíveis alhures. Talvez pela mesma razão, seguem as procissões, que, durante a quaresma, têm lugar tôdas as sextas-feiras. Os sacer-

(14) A atual obra de talha de São Francisco data de 1856 a 65. Ebel, portanto, viu paredes quase nuas e altares guarnecidos apenas de floreiros e banquetas. Sòmente o altar-mor e algumas pilastras já apresentavam trabalhos do mestre Valentim, que faleceu ocupado nessa obra T.

(15) Afeito ao fulgor dos minaretes do Kremlin e ás altas agulhas das catedrais góticas, estranhou Ebel o acachapado das nossas tôrres e não vislumbrou atrás das banquetas e flores artificiais, a talha dos altares; provàvelmente não terá entrado em São Bento ou na Penitência, cujas "*frises dorées d'or moulu*" La Caille já gabava em 1751, tal como Walsh em 1828; mas isso não é de admirar quando o consciencioso Saint-Hilaire nada achou a dizer das igrejas do Rio como tampouco apreendeu a grandiosidade da obra do Aleijadinho em Congonhas, nome que nem cita, embora saísse "*ébloui par la quantité des dorures*" do Pilar, em Ouro Prêto, o mesmo acontecendo com Luccock. T.

dotes, depois que perderam sua influência política, já quase não a têm espiritual, raros são vistos pelas ruas. O povo nem toma conhecimento de sua presença. Não fôsse o número de festas e solenidades religiosas mal seriam percebidos. Só aparecem, de manhã, pelas esquinas, desleixados em suas sobrepelizes, a estenderem uma bandeja com que pedem esmolas aos transeuntes para rezar missas pelas almas.

Rio de Janeiro, 25 de março, 1824.

Nestes ainda fortes calores, é um prazer organizar passeios marítimos. Começa-se por visitar os navios que chegam, na ânsia de sabermos as novidades da Europa, ou fazem-se excursões maiores até São Cristóvão e outros pontos na baía, para só voltar ao escurecer. Numa dessas excursões visitei Herrn Hölting,⁽¹⁾ alemão proprietário de uma destilaria de aguardente nas proximidades de São Cristóvão, situada numa pequena ilha que mede apenas mil passos de contôrno e é tôda murada por um baluarte de pedra. Tanto o edifício, como a importante e custosa aparelhagem são uma perfeição. Foi o cônsul geral da Suécia, Westin,⁽²⁾ quem fundou

(1) Engelbrecht Hölting, comerciante de Bremen, membro da "Sociedade Germânia", de cuja diretoria fêz parte. T.

(2) Lorenz Westin (1787-1846), mais o irmão Wilhelm, fundaram essa destilaria na Ilha Pombera, murada pelos quatro lados, a qual media 700 metros quadrados (*vide* "Planta da Capitania do Rio de Janeiro", de 1858, no Arquivo Militar). Westin chegou ao Rio em 1808, procedente de Lisboa, onde trabalhava para uma firma inglesa.

esta bela emprêsa, em que meteu 32 contos de réis e acabou vendendo por 7 contos e 500 mil-réis⁽³⁾ ao atual proprietário que nela trabalha ativamente e possui navio próprio para transportar sua produção até Buenos Aires. A pipa custa de 50 a 70 mil-réis. Recém-distilada, a aguardente é uma bebida nociva que só as classes baixas e os negros consomem, mas quando envelhecida algum tempo perde essas propriedades maléficas. Velha, pareceu-me mesmo de gôsto excelente.

Na quinta-feira passada, a imagem de São José foi levada da Capela Real à Igreja da Misericórdia, de noite, à luz de archotes e com ruidoso acompanhamento musical. Estava outra vez presente o par imperial. Ao descer de sua carruagem (o Imperador só anda de cabriolé, a dois cavalos, que êle mesmo quase sempre conduz) e, subindo os degraus que dão para a Capela, estendia a mão a beijar, a torto e a direito, sem diferenças. O cortejo era de se ver, tal a profusão de tochas, velas e lamparinas. No dia seguinte, a mesma

Estabeleceu-se aqui com casa própria. Reconhecido o Reino-Unido, nomeou-o a Suécia agente diplomático, tendo sido encarregado de negociar um tratado comercial (1816) que não logrou levar a têrmo. Ficou de cônsul-geral de 1818 a 1841, dando impulso ao intercâmbio comercial com seu país. Participou da elaboração do primeiro código comercial, segundo Gualberto de Oliveira (*O sueco Lourenço Westin*, São Paulo, 1950). Faleceu em Minas Gerais na sua fazenda Jardim. (*Apud* G. W. Freyreiss: *Reisen in Brasilien* (prefácio), Instituto de Estudos Ibero-Americanos, Esotocolmo, 1968.) T.

(3) Ainda em 1818, anunciava Westin na *Gazeta* que recebia em sua "fábrica de alambicação" para retificar aguardente por 5\$000 a pipa (*apud* G. Freyre, op. cit., pág. 230). T.

sacra figura, que chamava a atenção pela imensa cruz levada às costas, voltou em procissão à sua estância permanente, onde ficou exposta de modo que os fiéis, subindo uns degraus, ajoelhavam-se aos pés da cruz e deixavam de passo um óbulo na bandeja especialmente colocada ao lado.⁽⁴⁾

Correu há dias o boato de que uma senhora, conhecida pela sua crueldade, havia morto a pancadas uma de suas escravas. A reação foi tão generalizada e rumorosa que as autoridades, informadas, deram-lhe ordem de prisão. É verdade que ela logo conseguiu sair; todavia por êste exemplo se verifica que conduta assim escandalosa não passa sem punição. Contudo parece ser verdade e é curioso que quase tôdas essas desumanidades aqui praticadas contra o negro partam das mulheres. O elemento feminino da população trataria os escravos com mais dureza que o masculino.⁽⁵⁾ Que capítulo edificante não poderia escrever algum inimigo da mulher sôbre qual seria a sorte de nós homens se o belo sexo também mandasse na sociedade!

Já começo a me habituar perfeitamente ao clima, não só por gostar do calor como porque os mais

(4) O "dia seguinte" é a sexta-feira: o da procissão do Senhor Morto. Foi, pois, a imagem de Cristo, carregando a cruz, que Ebel viu, e não a de São José, nas duas ocasiões, T.

(5) Esta "curiosa" observação, aliás, corroborada por Afrânio Peixoto numa de suas novelas (*A Bugrinha*), ao pôr na bôca de um dos personagens, podem ser as mulheres, quando más, piores que os homens para os escravos.

fortes começam a abrandar. Entretanto, meus ouvidos europeus não se conciliam é com o barulho das ruas. Bem cedo, às cinco horas começa o espetáculo.

Primeiro, um retumbante tiro de canhão da Ilha das Cobras estremece as janelas e obriga-me a despertar, conquanto a escuridão seja ainda total. Às cinco e meia, um corneta da guarda policial, vizinha, soa a alvorada e de que maneira dissonante! Logo a seguir badalam os sinos por tôda a cidade, especialmente os da Candelária, justo ao lado, tão ruidosa e demoradamente como se quisessem acordar os mortos. Nos dias santos, soltam, ainda por cima, rojões às dúzias, para que os fiéis não durmam a primeira missa. Às seis em ponto, passam os presos a buscar água, rangendo as correntes. Os papagaios, de que a redondeza está saturada, soltam seus gritos estridentes e, antes mesmo das sete, a ralé dos cangueiros e vendilhões já está de pé a tagarelar e a berrar. Saio normalmente, então, para tomar o meu café à rua da Alfândega, onde servem o melhor. Por duas chécaras de leite (cá não se conhece o creme) e pão com manteiga, pago um tostão ou cem réis, mas freqüentemente tenho que esperar meia hora até que chegue o leite, pois é trazido do interior, da distância de uma légua, por negros que usualmente correm a trote se as chuvas não barram as estradas. Depois do café passeio durante uma hora a fumar o meu charuto, já que antes das oito e meia não abrem os negociantes suas lojas. Às duas e meia é a hora habitual do jantar

from the Corcovado Sta. 10.6% 10' - 10.7%



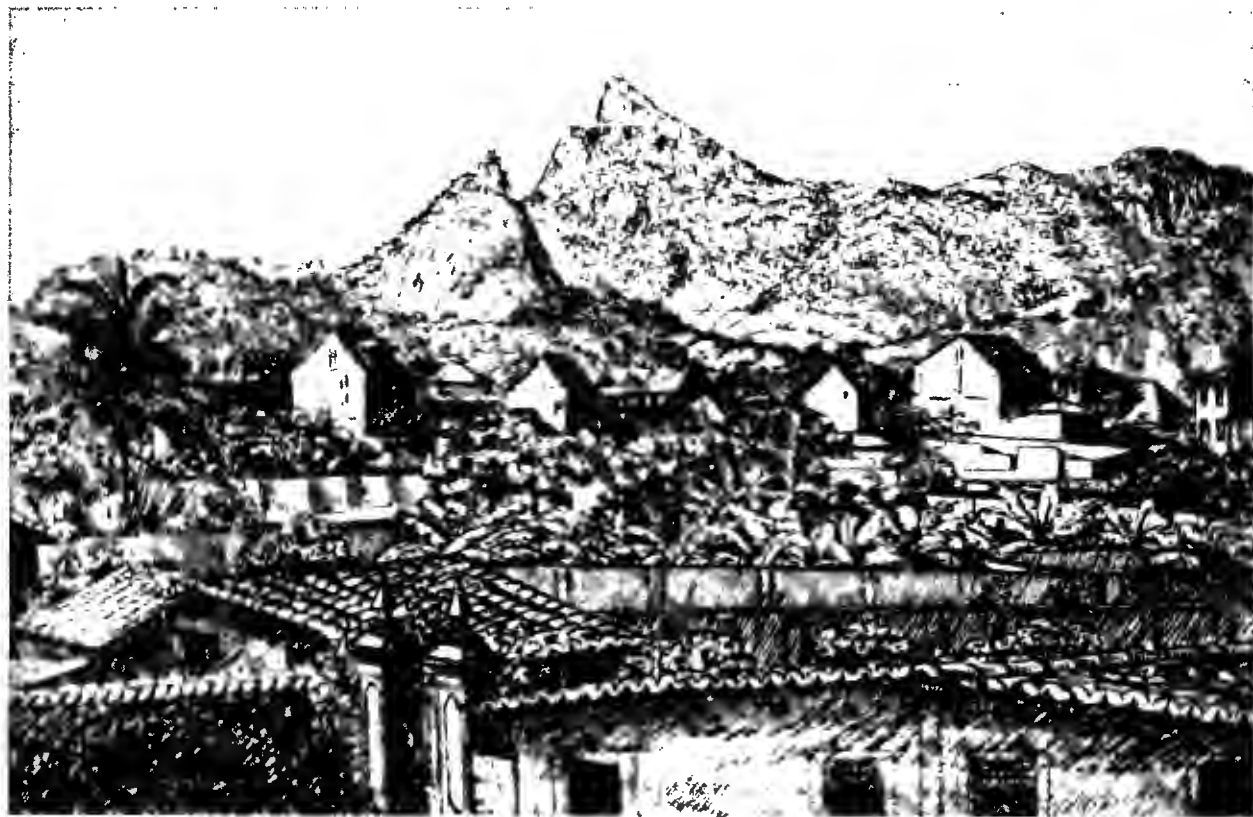


12* 1914

Hank at ...

Camino de Filosofía e Ciencias Naturales - Universidad





(os ingleses somente às 4 ou 5 horas);⁽⁶⁾ pouco trabalha-se depois porque o sol já se põe às cinco e meia e escurece de repente. À noite, joga-se uma partida de *lhombre* ou *whist*;⁽⁷⁾ as vezes, dá-se ainda uma volta pelo cais, mas às onze está todo o mundo na cama, a dormir.

O que incomoda de mais o forasteiro é a variedade de insetos que o apoquentam. Malgrado estar eu morando em casa nova, que mantenho na maior limpeza, logo se infiltraram inúmeras baratas. Não é que causem danos, mas são repugnantes como as nossas *tarakanen*. Uma espécie miúda rói a madeira dos móveis.⁽⁸⁾ Também não pude evitar os perigosos bichos-de-pé, pequenos vermes que se instalam de noite na planta do pé, desovando seus saquinhos, os quais há que extrair com cuidado para que não ocasionem inflamações. Os negros mostram grande habilidade nessa operação.⁽⁹⁾ Mas, entre os mais interessantes estão as formigas. Em tôdas as casas depara-se uma infinidade de formiguinhas

(6) Debret confirma estes horários no seu capítulo: "O jantar" (II, pág. 137), bem como o tiro de canhão às cinco e meia e o badalar dos sinos para que "os fiéis não durmam a primeira missa" (III, pág. 141). T.

(7) Antigos jogos de carta de origem espanhola o primeiro (*hombre*) e inglesa o segundo (*whist*). T.

(8) O caruncho?

(9) Augustus Earle, artista inglês que passou três vezes pelo Rio (a segunda entre 1821-24) e cujas aquarelas de veio caricatural, algumas reproduzidas num artigo de David James para a *Revista do SPHAN* (vol. n.º 12) tem por tema essa operação. T.

pretas, inofensivas, que nos armazéns são mesmo apreciadas como inimigas figadais de outra variedade maior e cinzenta,⁽¹⁰⁾ a qual não só come os tecidos de brim ou de lã como costuma perfurar peças inteiras, inutilizando-as. Tão pronto aparecem as pretas, estas exterminam-nas totalmente.

É extremamente curioso e admirável estudar os hábitos d'esses pequenos insetos. Gostam de água e de laranja. Cortei uma, certa vez, e deixando-a sôbre a cantoneira do meu quarto, em pouco tempo surgiram milhões de formigas; bastou, porém, que eu me aproximasse para que logo desaparecessem sem deixar traço. Achava-me no campo, outra ocasião, sentado a uma mesa perto da janela aberta, quando notei que formigas desciam pela parede, vindas do jardim; matei-as uma após outra, contudo vinham mais em fila. Deixei então que ficasse uma só; apenas chegou ela ao centro da mesa, onde estavam uns passarinhos mortos, retirou-se rapidamente e em curto prazo vieram muitas outras, de três em três, em ordem de marcha. Dois minutos depois, estava a mesa coberta de formigas que logo fugiram ao sacudi-la eu levemente. Como são admiráveis as táticas dessas ínfimas criaturas! Outra variedade pode causar os maiores danos a uma plantação e onde estas se estabeleçam nada podem contra elas o fogo e a água. Muitas vêzes numa noite despem todo um

(10) Refere-se Ebel às traças ou aos cupins? T.

cafeeiro de sua folhagem e floração. Tal espécie é, porém, perseguida por outra, inimiga — os matadores — (assim as chamam os brasileiros) as quais têm umas tenazes afiadas como foices e são muito procuradas para venda. Basta transportá-las em pequeno número para o local em que as primeiras fazem estragos: logo sobem pelo pé de café e divertem-se, não comendo, mas decepando-as pelo meio com suas tenazes. Em pouco tempo fica o chão por baixo juncado de formigas mortas. Assisti com espanto, mais de uma vez, a essa curiosa batalha. Logo que são eliminadas as daninhas, desaparecem os matadores.⁽¹¹⁾

Como instituições científicas, possui o Rio uma biblioteca e um museu. A primeira está instalada no Largo do Paço em edifício adaptado para o fim, de três andares, e contém cerca de 60.000 volumes, na maior parte antigos. Seu diretor foi amabilíssimo, prontificando-se a mostrar-me tudo. No primeiro está a grande sala de leitura, franqueada ao público pela manhã; lá encontrei meia dúzia de leitores.⁽¹²⁾ Para o

(11) A primeira espécie miúda deve ser a correição. As formigas daninhas são evidentemente as saúvas, mas qual poderá ser a terceira, cujo nome regional, pelo visto, caiu em desuso? Um as formigas grandes que vivem em paus ocos? Não sendo Ebel entomólogo, estará naturalmente baralhando suas observações sobre formigas, traças, larvas e cupins. T.

(12) Na vinda para o Rio, trouxe o Rei os 20.000 volumes da Biblioteca da Ajuda, instalando-a no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, à esquina da rua Trás do Carmo e do meio beco entre o Carmo e a Capela Real, com entrada pelo Largo do Paço. Dois passadiços asseguravam comunicação direta entre o palácio, o antigo convento e

museu, fêz o último Rei construir belo edifício próprio na Praça da Aclamação, o qual guarda, numa série de salas e peças menores, notáveis coleções de história natural.⁽¹³⁾ Digna de admirar-se é a de minérios brasileiros contendo ouro, prata e platina, como a de pedras preciosas, algumas de feitio singular, ambas dispostas em boa ordem. Ainda há uma segunda coleção de pedras e minérios brasileiros, bem assim europeus, bastante completa. Conchas existem em quantidade, mas não especialmente belas. A de quadrúpedes e pássaros está a exigir melhor apresentação. De insetos há profusão, mas expostos mais para exibição do que cientí-

o hospital. Foi aqui ampliada com a valiosa livraria do Conde da Barca Proclamada a Independência, no ajuste de contas com Portugal, foi a biblioteca nacionalizada e seu primeiro diretor era frei Antônio de Arrábida. Walsh achava que ela em nada ficava a dever em matéria de acomodação e facilidades para leitura às que conhecia da Europa (v. I., p. 406 de suas citadas *Notices*). T.

(13) A chamada Casa dos Pássaros, na Lampadosa, era, ao tempo do Vice-rei Vasconcelos, o Gabinete de taxidermia do catarinense Xavier dos Pássaros, que supria a coleção real de Queluz de aves e animais empalhados do Brasil. A fim de dar lugar ao Erário Real, foi o gabinete transferido para a Casa do Trem em 1811 (*apud* Paulo Berger, estudioso das ruas da cidade). Depois da compra do gabinete mineralógico Pabst von Ohaim, passaram as coleções para a Academia Militar, no Castelo, até que D. João criou o Museu Real (26.5.1818) e o instalou em casas compradas a um particular no Campo de Santana que começaram a ser reconstruídas em 1819. O nôvo edifício não estava pronto em 1826 (segundo Schlichthorst), mas o bloco central já aparece com o seu frontão flanqueado por dois pares de coruchéus, vistos de trás, no panorama de Burchell. A ampliação foi obra de Araújo Pôrto Alegre e ainda estava inconcluída em 1853 (desenho de Reis Carvalho), faltando-lhe a platibanda que se vê na litografia de Bertichen (1856). Vide págs. 180 e 190 do *Rio de Janeiro 1565-1965*. T.

ficamente classificados, o que também é o caso quanto à dúzia de caixas presenteadas pelo Imperador que formam um belo conjunto, mas de pouco valor didático. A coleção Beseke, de insetos europeus, oferecida ao museu, dêsse ponto de vista, ainda é a melhor. O manto que o Rei das Ilhas Sandwich presenteceu ao Imperador, também aí se encontra. Foi todo tecido de penas vermelhas. Figuram alguns quadros, entre os quais um retrato de D. Pedro, mas muito duro, que oferecem fraco interêsse. Entre as coleções particulares, sobressai a de pássaros do país de Herr Virmond,⁽¹⁴⁾ bem selecionada e melhor conservada, especialmente no que respeita aos colibris. Possui o museu um raro exemplar de tamanduá de quatro pés de comprido e uma bela coleção de borboletas, besouros e outros insetos que, com o tempo, duplicará de valor, pois que Hr. V. começou a pintá-los a capricho e propõe-se fazê-lo com tôda ela. A de Herr Beseke, já mencionada, está dedicada exclusivamente aos insetos. Pôsto que representante de uma firma hamburguesa, mantém permanentemente negros a seu serviço para caçá-los como ainda recebe grande número de crisálidas e casulos dos mais belos espécimes que êle mesmo procria, obtendo assim exemplares perfeitos. Por intermédio de seu filho, que fundou em Hamburgo um comércio especializado, vem suprindo os principais gabinetes europeus. O Dr. Dixon

(14) Friedrich W. Viermond, outro comerciante alemão, da Renânia, e sócio da "Germânia". T

possui também uma variada coleção de insetos, mas não especialmente bem conservada.⁽¹⁵⁾

Para terminar o capítulo, devo incluir ainda o nome de um Dr. Lemus,⁽¹⁶⁾ morador à rua do Sabão, de quem podem-se conseguir espécimes de história natural da melhor qualidade, mas por preços altos.

(15) A impressão causada pelo museu em Maria Graham foi mais lisonjeira. Entre sua primeira e segunda visitas (1821 e 1824), notou ela apreciáveis progressos (págs. 304 e 305 da tradução de 1956).

(16) Seria o Dr. José Lemos, um angolense, que ensinava terapêutica cirúrgica no Hospital Real Militar?

Rio de Janeiro, 31 de março de 1824.

O dia 25 de março foi a data festiva em que o Imperador jurou a Constituição brasileira por êle próprio outorgada. O programa da solenidade foi amplamente divulgado e a cidadania constituiu uma guarda de honra voluntária de duzentos homens, em elegante uniforme branco de couraceiros, que se apresentou da melhor forma.⁽¹⁾

Desde as 7 da manhã, movimentou-se a tropa, postada ao longo das ruas pelas quais passava o cortejo. Tôdas as janelas e portas estavam guarnecidas de damasco vermelho, pendendo das sacadas ricas colchas de veludo e sêda, franjadas a ouro. As ruas viam-se

(1) Ebel, pelo visto, assistiu ao primeiro desfile dessa guarda de honra, criada em dezembro, de 1822, pelo Imperador em homenagem aos paulistas que o acompanharam no lance do Ipiranga; primeiramente, portanto, em São Paulo, depois na Côrte, e um terceiro esquadrão em São João del Rei (cada qual de 158 homens), mas, na realidade só existiu o do Rio de Janeiro; os futuros dragões da Independência. Vide pr. 23, vol. III da obra de Debret. T.

totalmente apinhadas e das janelas, paramentadas,⁽²⁾ debruçavam-se as senhoras. O tempo foi maravilhoso, mas muito quente.

Ao meio-dia, saíram o Imperador e sua família de São Cristóvão. O séquito desceu pela rua do Ouvidor, rumo à Capela Real no Largo do Paço, onde D. Pedro e depois a Imperatriz prestaram às mãos do Bispo o solene juramento de defender a integridade e a independência do Brasil como de governar segundo a Constituição.⁽³⁾ Os disparos de todos os canhões e uma estrepitosa explosão de foguetes anunciaram ao povo o auspicioso acontecimento que o mesmo aplaudiu com vivas entusiásticos. Somente às quatro, terminou a cerimônia religiosa, pondo-se o séquito em movimento para conduzir de volta a São Cristóvão a família imperial. Assisti à sua passagem da casa de Hindrichs, que tinha reunido para êsse fim numerosa companhia de damas e cavaleiros. Eis como fôra organizado: dos dois lados da rua, alas de soldados com suas espingar-

(2) Colorido cenário seguramente idêntico ao desenhado por Miss Peppin, quando da Aclamação do Imperador dois anos antes. O cortejo era esperado da rua do Ouvidor e na Direita os soldados formavam alas. Vê-se o chão forrado de folhagens, senhoras nas fachadas, ornamentadas estas com sanefas e colchas, carmezin (*Aquarelas de Richard Bate*, Rio, 1965, est. n.º 27). T.

(3) A cerimônia terá sido em tudo semelhante à da Coroação verificada na mesma Capela e pintada por Debret em tela gigantesca (4 x 6 metros), hoje no Palácio Itamarati, cena esta gravada para o seu *Voyage Pittoresque* (v. III, pr. 48). O bispo era D. José Caetano da Silva Coutinho. T.

das floridas de ramalhetes, ao invés de baionetas, continham a custo a multidão em contínuo movimento, de modo a deixar livre a passagem pelo meio. Abriam-no dois piquetes de cavalaria, com sua banda montada, farda verde-amarela, sapatos e meias brancas de sêda e tricórnios; vinham depois os vereadores em traje espanhol antigo, prêto e branco, chapéus redondos de aba revirada e penacho de plumas, os espadins brancos.⁽⁴⁾ As crinas e caudas dos cavalos estavam trançadas com fitas de côr, as selas eram antiquadas e os estribos enormes. Seguiam-se parte da guarda cívica e, numa fila de coches de dois assentos, os dignitários da Côrte levavam as insígnias da coroa. Cada coche, puxado a dois cavalos ou bêstas, ia guiado da sela; sòmente um — mais elegante e pertencente ao Conde de Rio Sêco — o era da boléia, por sinal, que com bem pouca habilidade. Logo atrás, numa carruagem, de quatro assentos e puxada a seis, viam-se os representantes diplomáticos estrangeiros,⁽⁵⁾ e, noutra, igualmente a seis

(4) Conforme o Padre Perereca (v. II, pág. 214), o Senado da Câmara era composto do Presidente, de três Vereadores, um Procurador e um Escrivão que desfilaram acompanhados dos principais cidadãos quando da Aclamação de D. João VI. Iam a cavalo e seus trajes consistiam em “capas de sêda preta com bandas brancas e chapéus ornados com plumas brancas”, exatamente como os representou Debrê na prancha “Aclamação de D. Pedro II” (v. III, pr. 51). T.

(5) Não reconhecida ainda a Independência, o corpo diplomático limitava-se, em 1824, a quatro encarregados de negócios: da Áustria (representante pessoal de S. M. Apostólica junto à sua família brasileira),

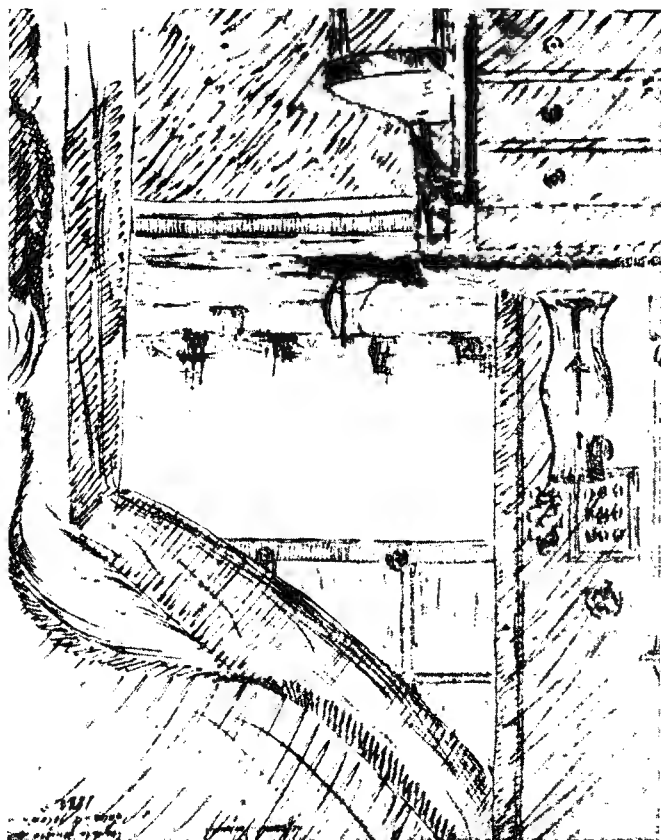
cavalos brancos, estava a Princesa Imperial de cinco anos, D.^a Maria da Glória, acompanhada de sua aia. Ao aproximar-se, aclamavam-na das ruas com o maior entusiasmo; das janelas atiravam-lhe flôres em profusão que cobriam literalmente o coche, a ponto da linda criança ter que proteger sua cabecinha a tôda hora. Foi essa, aliás, uma simpática e tocante demonstração de quanto os brasileiros querem à sua princesa, a primeira nascida no país.

A seguir, precedidos da guarda de honra, imperial e cívica, apareceram o Imperador e a Imperatriz, em coche de gala de quatro lugares e puxado a seis, ambos em traje de gala. Êle com o manto solene da coroação, de penas de tucano amarelas,⁽⁶⁾ ela em traje espanhol, azul e prêto. Entusiásticas aclamações e lenços brancos saudavam o augusto par. D. Pedro sorridente como de costume, respondia todo o tempo.

da Inglaterra e da França (provisórios, para tratarem officiosamente do reconhecimento) e dos Estados Unidos, êste sim, oficialmente (desde 1822 nomeado pelo Presidente Monroe). Os três Cónsules Gerais da Rússia, da Suécia e da Prússia, não tendo caráter diplomático, estavam excluídos: questão de etiquêta. A descrição de Ebel, por certo é mais circunstanciada do que a do próprio *Diário do Govêrno*, citada por Vieira Fazenda. T.

(6) Segundo Olga Obry (*Grüner Purpur*, Viena, 1958, p. 250), sem porém citar a fonte, a nota indianista do papo de tucano, ao invés do arminho, teria partido de D.^a Leopoldina; para Pedro Calmon (*História do Brasil*, V, pág. 1 538), do próprio Imperador: “sua maneira de honrar a terra”. Poderia ser também de José Bonifácio, inspirado no poema *O Caramuru* (canto VII, estrofe 63): “valia mais que o ouro o papo de tucano”. T.





Além do troar prolongado da artilharia, a passagem do cortejo pela Candelária foi saudada com estrondosa salva de foguetes, cujos rojões acesos espalhavam-se pelas ruas. Tropa numerosa fechou-o, dando-nos finalmente liberdade para restaurarmos as fôrças, extenuadas pela longa espera, com uma lauta ceia.

Foi esta minha primeira oportunidade de partilhar de um banquete à brasileira, melhor dito, à portuguesa, já que a maioria dos convidados era de portugueses.

Uma abundância supérflua de pratos, gostosos e bem preparados, frutas e doces à sobremesa, desfilaram um após outro. A reunião foi animada (sentamo-nos intercaladamente). Dentre as senhoras, algumas eram bem interessantes e espirituosas, o que eu não esperava da educação do belo sexo, aqui tão descuidada. Também participaram elas dos brindes, à hora do *champagne*, contribuindo para a animação geral. Depois do jantar, um conviva pôs-se a tocar guitarra, enquanto algumas damas se sucediam cantando; por fim chegou-se mesmo a valsar. Passamos assim agradavelmente a noite, até que as senhoras se retiraram, acompanhadas, como de rigor, por seus cavaleiros.

Quando eu me dirigia, enfim, para casa, assustou-me de súbito o alarme de um incêndio. Indagando apontaram-me o Largo do Teatro, para onde dirigi-me às pressas. Ainda distante, já via o imenso clarão e, ao aproximar-me estava o teatro todo envolto em chamas. Exatamente às onze e meia, dez minutos depois da

representação,⁽⁷⁾ os Imperadores mal se haviam retirado e saído os últimos expectadores, irrompeu o fogo e tão depressa que, em menos de meia hora, o edificio todo ardia. D. Pedro voltou ato contínuo e parmaneceu no local até às cinco da madrugada, vendo que se salvassem os prédios contíguos, pois das chamas mesmas ninguém podia aproximar-se.

Foi grandioso e terrível o espetáculo, as labaredas subindo até o céu, qual um vulcão. Estofos leves, em massa compacta, chegavam às nuvens; lúgubres dobravam os sinos, quase abafados pela gritaria nas ruas. A cidade inteira, a baía e os inúmeros navios pareciam flutuar incandescentes, enquanto o plenilúnio, juntando ao clarão do céu sua luz diáfana, a derramar-se pelas montanhas longínquas, dava uma mostra eloqüente da distância que vai de sua paz celestial para o drama que se desenrolava em terra. O teatro queimou até o chão e, na manhã seguinte, só restavam de pé os muros maciços exteriores, por dentro continuando um bra-seiro.⁽⁸⁾ Nenhuma das casas próximas foi atingida.

(7) Representara-se o drama: "Vida de Santo Hermenegildo" (*apud* Vicira Fazenda: *Revista do I. H. e G. B.*, vol. 157). T.

(8) Que o alarme foi retumbante, basta lembrar que dois navios de guerra franceses — da estação naval surta no pôrto — desembarcaram suas bombas de incêndio e destacamentos de marujos. Outros socorros também vieram, mas tudo inútil. Repetiu-se o clamor popular, de quando se construíra o teatro com pedras removidas da vizinha Sé, inacabada: sacrilégio que seria castigado um dia! E o teatro ainda iria queimar por duas vêzes: em 1851 e 1856 (*apud* Moreira de Azevedo: *Pequeno Panorama*, Rio, 1862). T.

Estima-se o dano em 400 contos de réis. Trata-se de uma emprêsa privada, pertencente a um português, Fernandes, a quem o govêrno havia apenas adiantado certa soma.⁽⁹⁾ Que custosa celebração pirotécnica para um dia de gala!

Levianos boatos logo eclodiram de que o incêndio fôra propositado — um atentado visando à pessoa do Imperador — o que se revelou de todo infundado. Tampouco D. Pedro, pelo visto, dêle tomou conhecimento, pois que apareceu por tôda a parte, sem maior escolta, como de costume. O mais provável é que a quantidade de velas e ouropéis com que a casa fôra adornada para a ocasião tenha sido a causa espontânea da desgraça e, por isso o fogo propagou-se tão ràpidamente.⁽¹⁰⁾

(9) O dito Fernandes era Fernando José de Almeida, vulgo Fernandinho, que viera para o Rio em 1801 como cabeleireiro do Vice-rei, D. Fernando José de Portugal (depois Conde e Marquês de Aguiar). Obteve a concessão do Príncipe Regente para construir o teatro com o lucro das loterias, inaugurando-o em 1815. Sua traça deve-se ao Marechal de Campo João Manuel da Silva. Fernandinho reconstruí-lo-ia com dinheiro tomado ao Banco do Brasil e de acionistas que compraram seus camarotes. O Imperador foi um dêles — aquêlê vasto camarim, ocupando tôda a largura da sala e com entrada própria. Reinauguraram-no quando do aniversário da Imperatriz (janeiro de 1826), ocasião em que o concessionário foi feito comendador de Cristo. A decoração interior só ficou pronta em abril, para a abertura da estação lírica. (Moreira de Azevedo, op. citada). T.

(10) Ainda segundo a mesma fonte (Moreira de Azevedo), a verdadeira causa foi uma imprudência do ator principal, ao saltar de um balancim sôbre o palco. É o que alega, baseado em testemunhas *de visu*. T.

A 26 de março, reunidas tôdas as tropas no Campo de Santana, prestaram elas ao Imperador e à Constituição seu juramento de fidelidade. Também o dia 27 foi feriado geral. Nas três datas, houve iluminação na cidade para cujo realce mais contribuíram as igrejas com suas tôrres e janelas caprichosamente perfiladas a lamparinas; queimaram-se à noite por toda parte fogos e foguetes. Em frente a algumas igrejas, deitaram fogo a barris de alcatrão. Como se vê, ninguém no Rio parece inquietar-se com os perigos de incêndio.

A 30 de março, inaugurou-se a nova sede da Germânia⁽¹¹⁾ assim se chama a Sociedade que os alemães fundaram. É a única do gênero no Rio, tanto mais necessária quanto é grande a carência de círculos sociais condignos. O local consiste numa sala de bilhar e noutras de jogos, jantar e leitura. Fica à rua Direita, por um lado fazendo frente ao mar, de modo que será possível conservá-las frescas. Cinquenta é o número de sócios, novos podendo ser admitidos mediante balotagem, assim como estrangeiros. Geralmente as reuniões são à noite, para jogar cartas ou matar o tempo em tórno do bilhar. Como leitura, só se conta com os

(11) A Sociedade Germânia havia sido fundada em 1821 no Restaurante Wüllfing-Rubel, à rua dos Ourives 109. Trinta sócios compareceram à primeira reunião (7 de agosto), dos quais oito eram de outras nacionalidades. Pagavam de jóia 16\$000 e uma anuidade de 24\$000 (*apud* Hinten, op. citada, que transcreve como fonte o texto de Ebel). T.

jornais brasileiros e uns quantos livros alemães antiquados; presentemente está interditado o local da Bôlsa.

Outra utilíssima instituição é a Sala de Leitura Birnie, à rua Direita, cujos assinantes são na maioria inglêses. Aí se encontram quase todos os diários inglêses, um par de franceses, o *Correspondent* de Hamburgo, jornais êstes que os paquetes inglêses trazem com certa regularidade, mensalmente, da Europa; assim ficamos a par de tudo o que se passa no mundo.⁽¹²⁾

(12) Mais explícito, Walsh (v. I, pág. 467) escreveu: "Estabeleceram (os inglêses) uma livraria circulante bem suprida de tôdas as novidades editoriais da Europa e publicando seu jornal, o semanário *Rio-Herald*". A "British Subscription Library" viu suas contribuições passarem de 12\$000 por ano para 18 e 20\$000 (entre 1821 e 1831), acompanhando a baixa do câmbio, conforme o mesmo diário inédito de E. W. Fry. Seria êste Birnie o mesmo Diogo (James) Birnie que desde 1808 se anunciava como leiloeiro, à rua da Alfândega, 10 (*apud* G. Freyre, *op. cit.*, pp. 152 e 154)? Em 1874 estava à rua de São Pedro, 65. T.

Rio de Janeiro, 13 de abril.

Sentou-se outro dia à nossa mesa um comerciante, americano que passou por dramática aventura. Semanas atrás, havia êle saído daqui com diversos passageiros num navio inglês com destino a Buenos Aires. Por indesculpável negligência do oficial navegador, bateu o mesmo nuns rochedos, perto de Montevidéu, e naufragou. O capitão, com alguns marinheiros, apossaram-se imediatamente da respectiva baleeira e remaram até a costa a fim de buscar o socorro que pudessem. Entretantes, o navio fazendo água, três dos passageiros (o referido americano, um francês e um espanhol), com a ajuda de dois marinheiros, construíram uma espécie de chata de várias pranchas e, nela confiaram-se ao mar, na esperança de atingirem a costa. Infelizmente soprava o vento de terra e os levou para mais longe.

Sem água nem provisões, ficaram à deriva uns cinco dias. O espanhol atirou-se na água em desespêro e o francês tentou matar o americano com o propósito

de comê-lo. Êste, porém, jovem e robusto, conseguiu dominar o canibalesco adversário, isso depois de sérios ferimentos na cabeça, pelo que não teve fôrças para safar-se sòzinho. Nessas terríveis condições, ficaram ainda dia e meio até que, por acaso, veio-lhes ao encontro um navio português que os socorreu e os trouxe de volta. Três outros navios haviam passado perto e, por incrível que pareça, largaram-nos ao seu destino. O americano é um homem educado e viaja sobretudo por prazer; seus ferimentos são sérios mas espera ir-se recuperando. Por notícias posteriores, soubemos que os permanecidos nos destroços, inclusive um comerciante daqui, foram salvos graças ao rápido socorro trazido de Montevidéu.

A temperatura, algo mais amena, permitiu-me agora subir aos pontos altos da cidade. O Mosteiro de São Bento, que domina a parte norte, oferece bela perspectiva sôbre o fundo da baía e a Ilha das Cobras. Dizem que o mesmo possui grandes tesouros, mas pelo que pude ver, nada que chamasse atenção de um europeu.⁽¹⁾ Ao sopé do Morro de Santo Antônio, todo coberto de vegetação, vêem-se boas hortas, bastante produtivas; nêle fica o convento da mesma invocação, grande edifício dotado de bonita igreja. Mais fatigante

(1) Com efeito, eram os beneditinos grandes proprietários na cidade como legatários da famosa sesmaria de Manuel de Brito, a mais antiga da cidade, e outra na Ilha do Governador, onde possuíam grande engenho. Ebel refere-se, naturalmente, a tesouros de sacristia que constituem o apanágio das catedrais e conventos europeus. T.

é a subida à Santa Teresa, em cujo alto se encontra o convento dêsse nome. A ladeira é pavimentada e calçada dos dois lados. Do convento, cujas janelas são protegidas por grossas grades de ferro, eriçadas de pontas ainda por cima, goza-se de belo panorama sôbre uma parte da baía, a cidade quase tôda, assim como dominam-se em sua extensão os bem proporcionados arcos de pedra e cal do Aqueduto que vem do Corcovado, o qual supre os chafarizes da cidade. O quarto morro, antes colina, é o do Castelo, assim chamado por causa do forte, que é, aliás, de somenos importância, mas de acesso bastante íngreme. Ali se encontra o telégrafo semafórico que se corresponde com o Cabo Frio, por meio de postos ao longo do litoral, o qual está em contínuo movimento. Consiste o mesmo nuns postigos quadrados que se abrem e fecham. Sòmente o governo tem a chave. Lá se acham também dois mastros de bandeira, num dos quais é içada a nacional em dias de festa e, no outro, as várias bandeiras com que sinalizam o número dos navios que entram, bem como a respectiva nação.

Não lhes fica longe a igreja de São Sebastião, em que se pode ver o notável marco de pedra que Pedro de Cabral (sic) fincou para assinalar a descoberta do Brasil em 1500. Nêle estão insculpidos o milésimo e as armas de Portugal.⁽²⁾ Daqui abrange-se o mais completo

(2) Êste foi o maior êrro cometido pelo autor, em geral fidedigno e seguro nas suas informações. Com certeza não entrou na igreja e falava de oitava. T.

panorama da cidade, que, com seus telhados sujos, poucos edifícios e praças dignos de nota e as tôrres baixas de suas igrejas, está longe de ser bonita. Só o Morro de Santo Antônio, ao centro, com seu arvoredado tropical, e os de Santa Teresa e São Bento, situados nos dois extremos, são pontos atraentes, sem esquecer o majestoso fundo de montanhas. Soberba, porém, é a visão que daqui se tem da baía. A Igreja da Glória, Botafogo e uma profusão de chácaras ficam-nos aos pés; mais distantes, à margem direita da enseada, o Pão de Açúcar com sua bela coroa de morros e o mar infinito, vários navios aproximando-se, no momento, da barra. Lá encontrei alguns conhecidos da cidade, igualmente atraídos pela noite divina para gozarem-na como eu. Aconselho a todo forasteiro acercar-se dêste ponto, pois verá o que a cidade oferece de mais belo.⁽³⁾

Passei um dia agradável em casa do Cônsul da Prússia, Herr Theremien (sic)⁽⁴⁾, que mora numa Schakara (sic), junto à Glória, como chamam aqui as

(3) Foi do Castelo que Burchell, valendo-se, é óbvio, de uma "câmara-lúcida" (como faria W. Smyth em 1831, declaradamente, numa aquarela da coleção Geyer), desenhou seu estupendo panorama circular em que tudo é assinalado com mais precisão do que faria uma câmara fotográfica. Na certa, também Landseer empregou o mesmo artifício mecânico para delinear o seu, da Ilha de Villegaignon (coleção C. Paula Machado).

(4) C. G. von Theremin (1784-1852). Nascido em Berlim, veio para o Brasil em 1817 ou 18 e foi reconhecido Cônsul da Prússia em 1821. Estabeleceu-se com firma própria em 1823 à rua Direita n.º 114, passando-se depois para a do Sabão, n.º 81. Ocupou posição de destaque

casas de campo. Ela é pequena, mas atraente; construída à maneira gótica, tem um aprazível e bem tratado jardim. A vista é de um raro encanto, descortinando-se o pôrto repleto de grandes veleiros, cujas marolas vêm lambe-lhe a muralha.⁽⁵⁾ Era um dia feriado e, justamente quando salvavam os navios de guerra, caiu uma tempestade. Nuvens espessas esconderam o azul do céu, reboavam os trovões, entrecruzando-se os relâmpagos em tôdas as direções. A soberba transição da luz para a sombra e o contraste entre os raios celestes e os dos disparos dos canhões cá embaixo, acompanhados de densa fumaça, compunham nessa esplêndida moldura, um quadro que imortalizaria o pincel de qualquer pintor. Em casa de Herr Theremin vi pela primeira vez uma negra bonita, que, abstração feita da côr, poderia servir de modelo para uma Vênus, tão

nas colônias alemã e suíça. Fundador e diretor da Sociedade Germânia e da Philantropique Suisse. Desenhista emérito, é o autor de vários álbuns de *croquis* do Rio, o primeiro dos quais datado de 1818. Dêles publicou em Berlim uma seleção em 1835 (*Saudades do Rio de Janeiro*). Cônsul-Geral em 1827, foi sucedido nessa qualidade pelo filho, Leo, em 1835. Regressando de vez em 1840, serviu como agente em Berlim do Cantão de Neuchâtel, donde era sua mulher. Pertencia a uma família de fervorosos huguenotes franceses que deu à Prússia pastores, militares e joalheiros. T.

(5) Um desenho seu de 1831 mostra o atual bairro do Flamengo visto de sua sala de jantar (fotografia cedida por G. Ferrez, proveniente de um álbum de família). Também uma tela de A. Müller (coleção Geyer) mostra o mesmo aspecto tomado da Glória em que aparece a casa de Theremin no primeiro plano à esquerda, com suas quatro altas empenas laterais, daí, quiçá, classificá-la de gótica. T.

perfeita era de formas, como no porte e mesmo nos traços fisionômicos. Todavia, no caráter não difere vantajosamente de suas conterrâneas, por melhor tratada que seja pelo seu senhor. Voltei à cidade subindo pela Igreja da Glória, que, situada numa eminência, goza de situação privilegiada. Também entrei na capela dos ingleses, a qual lhes foi autorizada em virtude de tratado, edifício simples mas cuidado, por dentro como por fora, e não distante do Passeio Público.⁽⁶⁾ Nela celebra-se o serviço religioso todos os domingos, que os aqui residentes observam com regularidade e afluência.⁽⁷⁾

Outra tarde interessante passei com o Dr. Dixon, médico inglês que construiu sua casa nas cercanias de Botafogo, ao alto de um morro; passeio bem fatigante, exigindo quase uma hora de marcha sempre em subida.

(6) Pelo artigo 12 do tratado anglo-português de 1810 foi permitida a criação de igrejas protestantes "contanto que se assemelhem a casas residenciais". Primeira levantada na América do Sul, sua pedra fundamental foi lançada em 1819, à rua dos Barbonos, em terras da Mãe do Bispo, depois largo dêsse nome. Em fins do século foi reconstruída em estilo neogótico, Christ-Church, dedicada a São Jorge e a São João (os nomes dos monarcas reinantes) desde 1943 está na rua Real Grandeza.

(7) O Rev. Walsh, entre 1828-29, achou-a, pelo contrário, descuidada e pouco freqüentada (nunca mais de 40 assistentes). O citado Moore registra, porém, divertido, a 5 de julho, 1831, o escândalo do Capelão Crane ante a falsidade desta informação, bem como pelas demais anotações que aparecem à margem no exemplar das *Notices*, existente na "British Library". T.

Admiro sua coragem, instalando-se assim perto do céu, mormente para quem a profissão chama freqüentemente à cidade, mas a situação é tão bonita e a propriedade tão cuidada, embora recente, que, uma vez lá, esqueço o esforço enfrentando um *roast-beef* regado à *champagne*, em interessante palestra com anfitrião bem informado.⁽⁸⁾

(8) O Dr. Dixon, além de médico conceituado, era colecionador de insetos (presenteou sua coleção ao Museu, segundo Ebel). Conforme Maria Graham, que com o mesmo se tratou, essa propriedade era um sítio rural e ficaria para os lados do Mundo Nôvo, daí ser invisível em quase tôdas as vistas antigas de Botafogo, quase sempre tomadas do Morro da Viúva, a menos que corresponda à que ela desenhou, atrás da que ocupou em 1823, visível no primeiro plano de um de seus inéditos no British Museum. T.

Rio de Janeiro, 30 de abril.

Em visita a um amigo em Botafogo, vim a conhecer êsse arrabalde, que fica não longe da Glória, constituído principalmente de chácaras à beira-mar, das quais a mais importante é a do Vice-Cônsul da Rússia, Kielchen.⁽¹⁾ Esplendoroso luar induziu-nos a passear pelo recôncavo da praia. Vimos uns negros que

(1) P. A. Kielchen, como o autor, nascido em Riga (1797). Louro e bem apessoado, possuindo várias línguas, era casado com Rosalie, filha do 1.º casamento de Louis Leceste. Depois da partida real, tendo baixado os alugueis, morou na casa que foi de D.^a Carlota Joaquina, mais a sogra, viúva e doente, duas irmãs desta vindas dos Estados Unidos e a cunhada solteira. Hospedou em 1823 o famoso viajante Otto von Kotzebue, que, em sua *Nova Viagem ao redor do Mundo* (Weimar, 1830), deixou-nos impressões de sua estada de cinco semanas. Depois que lhe morreu a sogra e que a família voltou para Saint-Louis (a fazenda na Gávca), alugou a casa ao Almirante Sir George Eyre em 1825/26 e a Sir Robert Gordon, o enviado britânico em 1826. Foi a mesma comprada por D. Pedro do Conde de Vila Nova da Rainha em 1827, casa espaçosa e já decorada *a fresco* — a sala dos pássaros — pelo artista que trabalhou no Paço de São Cristóvão. Foi depois o palacete Abrantes de gloriosa memória. (W. Pinho: *Salões e Damas*, 1942, pág. 293). T.

pescavam caranguejos à luz de tochas. Havia-os em quantidade e êles apanhavam com uma rêde. Em pouco tempo conseguiram uma porção que logo comiam com avidez. Na manhã seguinte, tomamos um banho refrescante e fomos a seguir ao Jardim Botânico por uma estrada sofrível, em trechos pedregosa, como, de resto, são tôdas as estradas do interior; tufos de nobres palmeiras embelezavam-na.

Deixando Botafogo, chega-se a uma lagoa fechada por uma coroa de montanhas, cobertas de vegetação, em cujas encostas surgem atraentes e esparsas vivendas, oferecendo a mais bucólica visão. Junto ao Corcovado, há que, passar-se sob um espigão rochoso que se projeta no espaço, ameaçando cair a todo instante, mas que assim continuará, provavelmente, milhares de anos.⁽²⁾ No Jardim Botânico,⁽³⁾ tivemos o prazer de encontrar seu diretor, o Padre Leandro, que teve a gentileza de nos servir de guia. O parque é formado por frondoso arvoredo e ocupa uma vasta extensão. Sebes de cardamomos fazem as vêzes de cêrca. Especialmente exube-

(2) Foi desenhado por Chamberlain, Bell e outros, mas o que dá melhor idéia é o de Capt. Streetside. (col. P. Geyer). T.

(3) O Jardim teve sua origem junto à Fábrica da Pólvora, criado em 1808 e foi desenvolvido pelo engenheiro italiano Nacion (depois tenente-general) seu primeiro diretor, que lá aclimatou espécies exóticas trazidas da Guiana Francesa. Em 1819 foi ampliado por D. João VI quando passou a ser chamado: Hôrto Real. Seguindo o exemplo paterno, D. Pedro tornou-o centro de estudos, confiando sua direção ao carmelita Frei Leandro do Sacramento (vide nota (7) da página 86). T.

rante é a fruta-pão que aqui se dá muito bem e em abundância.⁽⁴⁾ Sua folha grande e dentada, verde-escuro, lembra a das nossas noqueiras; estavam elas carregadas de frutas também verdes, do tamanho de uma cabeça de criança. O padre ofereceu-nos umas poucas que depois fiz assar ao forno; têm um sabor enfadonho e farinhento e são, ao que dizem, muito nutritivas. Extraordinária e ainda desconhecida é uma palmeira de apenas sete anos, mas já tão espessa que dois homens mal podem abraçá-la, medindo de 40 a 50 pés de alto. Seu tronco liso apresenta círculos bem marcados e dava frutos pela primeira vez êste ano sob sua esplêndida coroa de palmas.⁽⁵⁾ Entre as demais espécies de palmeiras há o excelente sagu e palmito. Vi também vastas plantações de chá chinês, agora em floração.⁽⁶⁾ O Govêrno está estimulando a cultura dessa valiosa planta que poderá prosperar nas regiões montanhosas

(4) A fruta-pão tem seu *habitat* nas Antilhas e foi introduzida em 1809, depois da conquista de Caiena. T.

(5) É a *palma-mater* plantada por D. João VI com suas próprias mãos. Começava então a dar frutos aos 14 anos e não 7 como escreve Ebel, mal informado. Por sinal, é êle o primeiro viajante a mencioná-la e a descrevê-la. Datam de 1843 as famosas alamedas do Jardim, pois que as primeiras sementes eram reservadas ao monarca que as distribuía como presente régio (*apud* M. de Barros Latif, op. citada, pág. 120). T.

(6) Rugendas mostra-nos essa plantação trabalhada por *coolies* que o Conde de Linhares mandou vir de Macau e levou também para a Real Fazenda de Santa Cruz. Seis mil pés estavam plantados em 1817. Segundo Oliveira Lima, "o plano gorou por causa da subida dos salários e da morosidade dos centos de chineses importados dentre a ralé de Cantão!..." (*D. João VI*, Rio, 1908, pp. 293/94). T.

do interior e talvez trazer para cá o tributo que a Europa paga à China. A cana-índica desenvolve-se muito bem, atingindo 40 pés de alto e mostrando grande semelhança com o bambu. Canela, pimenta, noz moscada, cânfora, cêra, ervilhas e cravo, de tudo há em profusão.⁽⁷⁾ A pimenta verdadeira e a baunilha sobem pelas árvores maiores, das espécies mais variadas que sombreiam por todo o jardim. Graças aos desvelos do Padre Leandro, esta útil instituição desenvolver-se-á, brevemente, tanto em superfície como em novas variedades.

Os três dias da Páscoa são aqui, como em todos os países católicos, dedicados aos exercícios religiosos. Na quinta-feira Santa, à noite, teve lugar a visita usual aos jazigos. Tôdas as igrejas estavam profusamente decoradas com infinidade de flores, expostas as pratas que possuem, das quais São Francisco de Paula tem a maior provisão e era tal a abundância de velas que a claridade chegava a ofuscar. Em cada igreja, o corpo de Cristo, em tamanho natural, fôra coberto com um véu. Os fiéis beijavam-no, depositando uma esmola na

(7) Em 1809, em navio “parlamentário” chegado da Ilha da França com prisioneiros portugueses, trouxeram êstes muitas espécies de plantas das Índias Orientais que os franceses haviam aclimatado na referida ilha em que aquêles haviam estado detidos (*apud* Padre Perereca, v. I, pág. 139). Descoberta em 1505 pelos portugueses a ilha foi ocupada pelos holandeses que a denominaram “Mauritius”, abandonando-a em 1710. Reocupada pela Companhia Francesa das Índias de 1715 a 1767, teve seu nome mudado para Ile de France (cenário do romance *Paul et Virginie*). Conquistaram-na os inglêss em 1810, sendo redesignada pelo seu primeiro nome holandês. T.

bandeja de prata posta ao lado. Em frente às igrejas, sentavam-se muitas negras vendedoras de doces e frutas, enquanto o povo circulava numeroso pelas ruas até a meia-noite. Também o casal imperial, com sua brilhante escolta, visitou as igrejas a pé, alabardeiros formando-lhe ala à entrada, mas só demorava em cada uma o tempo de fazer suas orações. Pude ver nessa oportunidade grande número de mulheres, confirmando-se minha primeira impressão de que, entre as naturais do país, poucas mostram beleza de traços; em compensação não lhes faltam olhos bonitos, negros e expressivos. Sua compleição amarela e descorada, porém não as favorece. Dêste ponto de vista, as mulatas, no geral, mostram uma coloração mais viva, em nada desagradável. Quanto às negras, pouquíssimas chamam a atenção; nenhuma que fosse comparável à de Theremin.

Na sexta-feira da Paixão foi o corpo do Senhor levado num esquife em grande procissão. Esperei pela sua passagem em casa de certo português que havia reunido um grupo de senhoras e senhores, na maioria naturais do país. Sentamo-nos em círculo, as damas abanando-se e os cavaleiros, pronunciando uma que outra palavra de quando em vez. O principal entretenimento consistiu nas mil pirraças com que um bonito garotinho de dois anos se divertia ao centro, calorosamente aplaudido e provocando gostosas risadas.

Fomos salvos, por fim, começando a procissão. Tôda a Rua Direita estava apinhada e, da Capela Impe-

rial à rua dos Pescadores, tão longe alcançava a vista, o cortejo formava uma cadeia ininterrupta de velas e archotes que produzia bellissimo efeito na escuridão da noite. De novo apareceram numerosos anjinhos, cada qual levando um instrumento do martírio *in nuce*. O estrado era conduzido por muitos sacerdotes que seis ferozes barbudos precediam. Seguiam-no São João e Madalena, vestidos a caráter. Vinha atrás um pelotão de soldados com capacetes e longas lanças que batiam firmemente no chão. A seguir, a imagem da Virgem e, por último, um castrado vestido de anjo que segurava um rôlo na mão. O cortejo deteve-se e um negro colocou no meio da rua uma escadinha de mão, cujos degraus o pseudo-anjo subiu e, com voz penetrante, cantou sua litanias, terminada a qual, desenrolou o pano que levava para que a multidão pudesse ver o branco sudário de Cristo, em tamanho natural. Passados uns minutos, beijou-o e de novo, enrolando-o, desceu os degraus para continuar seu caminho.⁽⁸⁾ Nisto consistiu a procissão: pantomímica, musical e religiosa. Na manhã da quinta-feira, em árvores postadas nas ruas principais, uns bonecos estofados haviam sido pendurados, representando Judas. O que ficava à rua do Hospício, caracterizado a

(8) Trata-se do episódio da Verônica, parecendo estranho que o castrado estivesse vestido de anjo. Não obstante, tanto o viajante inglês J. W. Moore em 1831 (*op. cit.*) como a Baronesa de Langsdorff, em 1843, no seu *Journal* (pág. 92), ao descreverem esta procissão e a referida cena, falam também em anjo. Os barbudos representavam os judeus perseguidores de Cristo. T.

capricho, tinha um diabo sentado aos ombros. Outros caricaturavam algum personagem odioso.⁽⁹⁾ As árvores estavam recheadas de fogos, e, às onze horas, da Aleluia, ao primeiro repique dos sinos, passadas duas vezes 24 horas (tanto tempo, Deus seja louvado, descansaram nossos ouvidos) foram os mesmos acesos.⁽¹⁰⁾ Malhadas, caíam as figuras sob o estrondo das explosões envoltas pela fumaça, sendo os destroços pisoteados, esfacelados e jogados na água pelo populacho.

Passando eu, faz dois dias, junto à Capela Real, deparei com uma fila de homens a segurarem velas acesas em plena rua; aproximando-me, foi-me logo oferecida uma igual que aceitei de pura curiosidade, incorporando-me à fila para esperar o que estava por vir. Pouco depois, foi-nos dado sinal e entramos aos pares na igreja. Sôbre um estrado, estava um pequeno caixão todo paramentado com flores e galões, o qual, como um armário, abria duas tampas pela parte de cima. A custo e de bem perto, pude ver, sob as flores e os enfeites dourados, o corpo de uma criança recém-nascida. Depois de ouvir uma ladainha, música de

(9) Certa vez foi um casal inglês que se recusou a contribuir para os festejos, conta-nos Walsh, e, mais tarde, segundo Ewbank (*Life in Brazil*, Londres, 1846, pág. 236), seria o ministro da Inglaterra por causa das represálias navais praticadas contra o tráfico. T.

(10) Debret dedicou à cena uma de suas estampas ("Sábado de Aleluia"), mas bem mais expressivo é o flagrante de Adrien Taunay reproduzido no *Rio de Janeiro 1565-1965* (pág. 86). O silêncio de 48 horas, a que alude Ebel, que precedeu o repique dos sinos, corresponde ao período de trevas entre o entêrro e a ressurreição. T.

órgão e de espargir-se água benta, foi o caixão levado ao cemitério dessa igreja: um compartimento com uma série de jazigos nas paredes, próprios para crianças, quatro dos quais estavam vazios e os demais emparedados. O sacristão, abrindo o caixão, retirou-lhe a coroa dourada, derramou cal virgem abundante sobre o pequeno corpo — o que foi uma cena repulsiva de se olhar, mas, na certa, necessária — depois do que, fecharam-no e foi o mesmo introduzido no nicho n.º 31, que será mais tarde tapado. (11)

Antes dessa câmara mortuária, havia outra maior, cujo teto era totalmente descoberto. Pelas falsas aberturas muradas, via-se que eram destinadas a enterrar adultos. Não há inscrições, mas ao centro da catacumba existe um delicioso e pequeno jardim retangular, bem tratado, onde crescem, entre flores, ciprestes e arbustos similares.(12)

Passei a Páscoa, como de resto os domingos, no campo. O primeiro feriado em casa do jovem Frolich

(11) Na prancha n.º 26 (v. III, intitulada “Diversos Tipos de esquifs”), ilustra Debret e, ao mesmo tempo, descreve-os no respectivo texto, inclusive o usado para “anjos”, com sua coroa de rosas artificiais e enfeites de ouropel. T.

(12) Noutra prancha, n.º 28 (“Catacumbas”) especifica o mesmo Debret tratar-se da igreja dos Terceiros do Carmo, de recente introdução, pois, somente duas as possuíam, sendo a outra São Francisco de Paula. Foi, portanto, a primeira que Ebel viu, sendo o compartimento menor reservado aos filhos dos irmãos. Efetivamente, conforme nota de pé de página de Américo J. Lacombe à sua tradução da *Viagem* de Maria Graham (pág. 187), as catacumbas só entraram em uso em 1785 e foram fechadas em 1850, depois da proibição governamental de enterrar defuntos dentro da cidade. T.

(sic), que possui aprazível quinta a uma légua de São Cristóvão, onde decorreram as horas agradavelmente, junto de quase todos os alemães atualmente no Rio. Fiz o passeio até lá a pé, para gozar da bela manhã.

Quando se chega à Estrada Real, toma-se à direita por uma vereda lateral, que margeando longa fieira de casas, atravessa um vale pitoresco. Num alto, frente ao mar, fica o cemitério dos ingleses em convidativa e romântica situação, que também serve aos demais protestantes. Continuando pela primeira vereda, alcança-se o Saco do Alferes, um arraial de onde se embarca para São Cristóvão, percurso que se faz mediante 80 réis. Como sentisse demasiado o calor, descansei uns instantes em casa de um conhecido que me emprestou seu chapéu de sol e assim pude emprender o caminho de volta sem maior fadiga. Foi quando me surpreendeu estranha ocorrência; isto é, ouvi, qual uma harpa eólia, uma música distante no silêncio da tarde. Em vão procurei a explicação; por fim, acercando-se o som, foi êste cada vez mais perdendo o seu encanto, para transformar-se em estridente dissonância. Percebi então dois grandes carros de boi, carregados de pedras, que se aproximavam lentamente. O irritante chiar das rodas, devido à grande distância e talvez ao eco, havia produzido a deliciosa ilusão que experimentei a princípio.⁽¹³⁾

(13) Repete Ebel a lírica comparação que havia feito Leithold (1820) em sua obra citada, mas sem dar explicação tão convincente. T.

No segundo feriado, fiz um belo passeio de mar, na companhia de Herr Stockmeyer,⁽¹⁴⁾ à Ilha do Governador. Leva-se um par de horas de São Cristóvão até lá; esta mede umas sete léguas de contôrno e está coberta de belas florestas que uma estrada larga atravessa, passando por boas casas e algumas plantações de açúcar.

Herr S. casou com linda brasileira que lhe deu há pouco um filho. Fazendo-lhe uma visita, observei que a ama — uma escrava — alimentava a criança com mingau de tapioca que ela lhe levava à bôca, servindo-se para isso dos dedos.⁽¹⁵⁾ Não pude conter minha estranheza ante um procedimento aos nossos olhos censurável. Com espanto, vim a saber que assim se faz em todo o Brasil. Cada país, seu costume!

A chegada de dois navios, capitães Wetter e Knack, com cêrca de 500 colonos alemães, levou-me a visitá-los no Armazém (sic)⁽¹⁶⁾. Consiste o mesmo num entreposto público, sito à margem direita da baía, na

(14) Christian Stockmeyer, segundo o *Almanach do Rio de Janeiro* era corretor estabelecido à rua do Ouvidor em 1825 e autor de uma *Tabela de Câmbio e de preços do café*, de 1808 em diante, trabalho êste que a Câmara Sindical considerava único (citação do *Jornal do Comércio* reproduzida por Hinden, pág. 46). T.

(15) A tapioca é uma farinha parecida ao sagu e extraída das raízes da mandioca. A.

(16) Os armazéns a que se refere Ebel constituem, na realidade, a histórica Armação, que já não servia para a pesca da baleia, virtualmente extinta desde 1822, razão por que o govêrno se apossou do local e suas benfeitorias, transformando-as em depósito de imigrantes T.

Praia Grande. Espaçosos balcões, ventilados e saudavelmente situados, foram postos à disposição dessa gente pelo govêrno, que vinha suprindo-a, desde a chegada, de carne, pão, legumes, café, açúcar, em suma de tudo, e fartamente. Êstes homens, agora desembarcados, haviam sido contratados por ordem do Imperador pelo conhecido Conselheiro Schaeffer.⁽¹⁷⁾ Na maioria, jovens imprudentes engajados para o serviço militar. No que respeita aos que se destinam à colonização, seu futuro não parece dos melhores. Os imigrados anteriormente, a despeito de haver no Brasil tanta terra fértil e devoluta, devido à ação vergonhosa e egoísta do funcionário responsável que escolheu as inferiores de um amigo, em menos de um ano dispersava-se a colônia na sua quase totalidade, sucumbindo muitos de miséria,

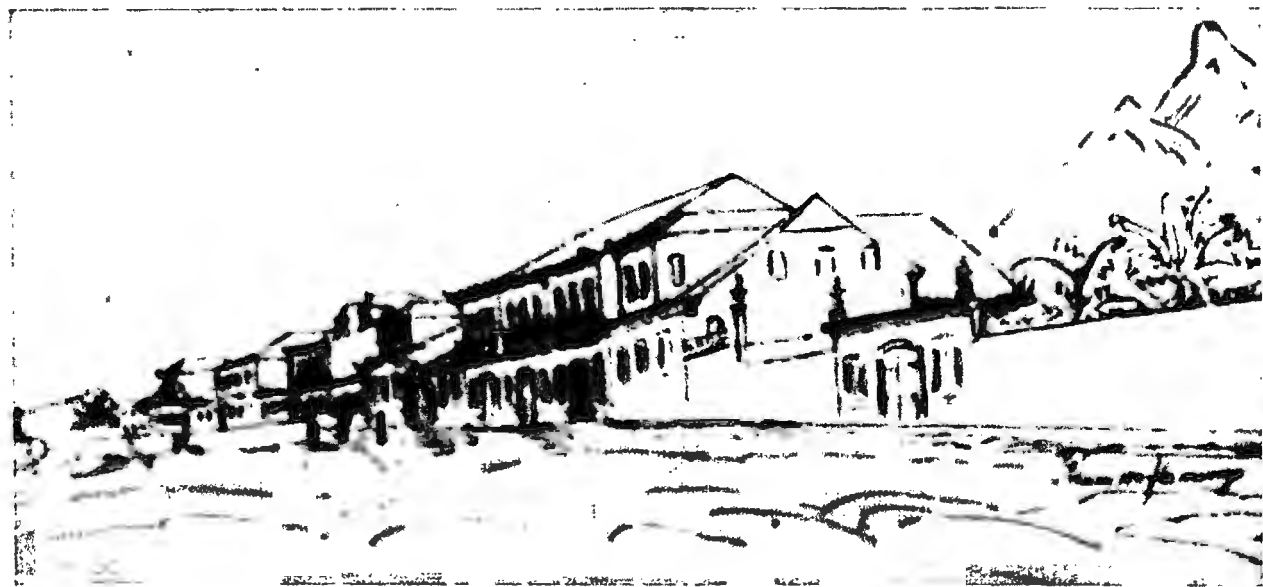
(17) O Major G. A. Schäffer (1779-183?), médico e aventureiro, passou uma primeira vez pelo Rio em 1814, rumo ao Pacífico, a serviço da Rússia. Voltou em 1818 para dedicar-se à agricultura mas logo partiu para a Europa. Em 1821 estava pela terceira vez no Rio, conquistando-se a simpatia de D. Pedro e a confiança de D.^a Leopoldina, que o recomendaria ao pai. De nôvo na Europa, em missão (1822) junto a vários países germânicos, para engajar militares e colonos, já com a patente de major da guarda imperial e o cavaleirato de Cristo (daí assinar Ritter von Schäffer seu citado livro). Nessa missão encaminhou para mais de mil soldados que formaram a legião estrangeira, número que subiria a dois mil (dois batalhões de caçadores e dois de granadeiros, dissolvidos em 1830). Serviu de encarregado de negócios nas Cidades Hanseáticas e na Saxônia (1825-27). Voltou para o seu sítio Franckental, na colônia Leopoldina por êle fundada ao sul da Bahia em 1818, onde teria falecido, terras que visitou M. Bamberg (*Brasilien Land und Lente*, Leipzig) na década de 1880, já erodidas e em plena decadência. T.

isso depois de ter o govêrno despendido forte soma no empreendimento. Daí, os chegados agora (faz quatro meses) e que iam ser novamente encaminhados para o mesmo lugar, recusaram-se terminantemente, apelando com insistência junto à própria Imperatriz, que, por sinal, os atendeu mas ainda aguardavam nôvo destino no Armazém.

Na verdade, não se pode negar que grande número dêstes homens é constituído de vagabundos, muitos não passando do rebotalho de suas pátrias, como a curta observação que tive o ensejo de fazer nessa ocasião, demonstrou-mo à saciedade. Contudo os há também que são indiscutivelmente gente boa e trabalhadora. Será certamente uma injustiça se o govêrno não lhes der um mínimo de ajuda para que possam trabalhar com bons tratos e sem maiores sacrificios.

É chegado o momento de dizer uma palavra sôbre o atual govêrno brasileiro e seu Imperador. Embora longe de pretender que minha opinião seja a certa, dir-te-ei pelo menos o que vi com meus olhos ou ouvi de pessoas insuspeitas. *Humanum est errare.*

D. Pedro I, Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil — assim reza o seu título — é um jovem de vinte e poucos anos, de ótima constituição física, presença sem dúvida imponente e traços aristocráticos. No geral, tem um ar sobranceiro sem ser sombrio, e é dotado, de mais a mais, de coragem e pertinácia. É certo que sua educação foi muito descurada e lhe faltam conheci-









mentos científicos, mas parece que êle se dá conta dessa falha e faz o possível por superá-la.

A Imperatriz⁽¹⁸⁾ é antes pequena, pouco bonita e seu olhar por vêzes duro, quase mal-humorado, não irradia simpatia; em compensação é extremamente culta e ambos vivem na melhor harmonia.⁽¹⁹⁾

Desde a mencionada coação de novembro passado, quando o Imperador dissolveu a Constituinte a tiros de canhão (sic) governa êle o país com poderes tão ilimitados quanto um monarca possa desejar. A Constituição que êle próprio inspirou, ou melhor, outorgou, foi indubitavelmente um ato de fôrça. Entretanto, o que se observa entre gente imparcial é a unanimidade de opinião: o Imperador se empenha de fato em promover com tôdas as suas fôrças e bem do país. Contudo, as coisas não andam como seria de desejar. A Justiça, especialmente, e muitas das administrações públicas funcionam precàriamente, sendo, aliás, várias as causas. Em primeiro lugar, Roma não se fêz num dia — diz o provérbio — e a presente situação no Brasil é tão

(18) Nota de 1828: a Imperatriz faleceu faz dois anos, sinceramente lamentada por seus súditos. A.

(19) A observação quanto à harmonia conjugal em que vivia o casal, diga-se de passagem, é perfeitamente justificada. A despeito dos desvíos a que o impelia sua sanha amorosa — ainda não escandalosos nessa altura — D. Pedro queria à mulher e D.^a Leopoldina secundava prazerosa os predicados musicais do marido, acompanhando-o com freqüência ao piano. Quando ela faleceu o Imperador chorou-a também sinceramente, até em verso. T.

recente que seria injusto esperar de uma feita a perfeição. Em segundo, o Imperador é ainda muito jovem e pouco experiente para que saiba colocar à testa dos ministérios homens que mereçam em tudo sua confiança como a do povo; tampouco pôde êle a um tempo afastar os colaboradores que não lhe convêm, o que parece, por certo, vai ocorrer, pois já se fala de um ou outro ministro caído em desgraça. Finalmente, é o próprio caráter do povo o maior obstáculo para uma rápida melhoria.

São três os partidos principais: o português, isto é: o dos nascidos em Portugal, que seguem seu rei com cega obediência, culpam quanto podem os atos do atual govêrno e contra o mesmo trabalham, conquanto afetem de público o contrário; o brasileiro: o dos que só sonham com a República, considerando violação de seus direitos qualquer imposição da ordem e, de passo, odeiam todos os estrangeiros (infelizmente, constituem a maioria da população branca); e, por fim, um número pequeno de brasileiros e menor ainda de portugueses que pensam com sensatez e efetivamente apóiam o govêrno atual. A carência quase total de educação da grande maioria, cega-a no que respeita ao progresso; a isso havendo que agregar a inarredável indolência, resultante do clima, que lhe dá uma espécie de coragem quando a paixão a domina e ela se julga a mais forte, para logo ceder o passo a uma total covardia se encontra a menor resistência, como ficou amplamente com-

provado por ocasião do vergonhoso atentado na Bôlsa antes da partida do Rei.

Neste capítulo, os estrangeiros não podem entrar em consideração, apesar de numerosos que são. A maioria, por conveniência própria, tem que se submeter necessariamente ao presente govêrno liberal. Com exceção, talvez, de uns quantos inglêses, é gente que para aqui veio ganhar a vida, não possui terras ou imóveis, e, portanto, em cada mudança, só vê sua vantagem pessoal ou momentânea.

Em tais circunstâncias, não é coisa fácil, na verdade, tomar as rédeas do govêrno, tanto mais quanto se vive perenemente sob a ameaça direta ou indireta de um ataque de Portugal. Ninguém ousa confiar no próximo e, além do mais, o tesouro do Estado atravessa terrível maré baixa de que só o tempo e uma boa administração poderão safá-lo. O Imperador faz o que pode. Com coragem pessoal e enérgica conduta soube infundir respeito àqueles de seus súditos que não conseguiu levar por bem; mostra-se sempre e de bom grado ao povo, tendo sabido impor-se; inspeciona em pessoa e amiúde a Alfândega, o Arsenal e outras repartições. Onde surpreende operários desocupados, castiga-os a bengaladas com as próprias augustas mãos, como eu mesmo presenciei no Arsenal. Quando o ano passado rebentou nas Minas uma revolta, para lá se dirigiu prontamente e, como as tropas destacadas para debe-

lá-la não marchassem com a desejada presteza, acompanhado apenas de um ajudante, apresentou-se em Vila Rica — a Capital — onde se haviam reunido na Praça do Mercado os chefes da conspiração. Sem hesitar um instante, investiu-os a cavalo, dissolvendo o agrupamento a chicotadas e em poucos minutos ficou ela vazia. Convocou a seguir os responsáveis, que se curvaram humilhados à sua vontade, e a revolta terminou:⁽²⁰⁾ uma prova a mais de quanto pode um monarca realizar com presença de espírito. Involuntariamente somos levados a comparar o modo de agir do jovem Imperador brasileiro com o de seus primos ilustres do norte da Europa. Oxalá tenham êles a mesma sorte no êxito!⁽²¹⁾

(20) Essa viagem a Minas foi relatada mais pormenorizadamente por Maria Graham que voltara ao Rio poucos meses depois (pág. 234 do seu *Diário*). Segundo seu depoimento, D. Pedro não foi tão afoito nem tão belicoso, como, de resto, é o que confirma Tobias Monteiro em sua *A Elaboração da Independência*. T.

(21) Neste retrato favorecido do príncipe corroboram, nessa altura, todos os contemporâneos (pelo menos os estrangeiros): Maler, Monglave, La Hure, Walsh, Stuart, e tantos outros que focalizaram o cavaleiro emérito, o chefe destemido, o compositor e jornalista de talento, assim como o persuasivo negociador ao qual, na frase de Calógeras (*O Marquês de Barbacena*, p. 114) “ninguém se salientou mais pela firmeza de suas convicções como pela incontestável autoridade”. Sir Charles Stuart, em ofício a Canning, de 6 de setembro de 1825, foi ainda mais incisivo: “I have no hesitation in declaring that affairs treated directly with Himself are settled more rapidly and more satisfactorily than when referred to all or to any one of his official advisers”.

Ator principal no palco da Independência, em princípios de 1824, estava D. Pedro no auge do seu prestígio e popularidade. Reverso da medalha é o testemunho do *Cronista do Warspite* (1831) (*apud* G. Freyreiss, op. cit. IV) T.

O Imperador dá ouvidos a todos sem diferença e em sua vida doméstica pratica tal economia que fica mesmo abaixo da de um burguês. É verdade notória que a Imperatriz quando vem à cidade manda buscar suas refeições de um restaurante local, o Wülffing.⁽²²⁾ Nisto ambos diferem das larguras do último rei e conquanto descontentem aos muitos que delas se aproveitavam, o certo é que, nas circunstâncias, só merecem louvores.

Concentra o Imperador as fôrças do Estado na criação de uma marinha que imponha respeito, pois sòmente contando com esta poderá êle manter a ordem num país de costas tão extensas. Contratou Lord Cochrane⁽²³⁾ em condições altamente vantajosas.⁽²⁴⁾

(22) Friedrich Wülffing tinha sua casa de pasto à Rua dos Ourives, 109, em cujas dependências, como vimos, primeiramente instalou-se a Sociedade Germânia. T.

(23) Nota de 1828. O lorde deixou, entrementes, êsse serviço descontente. A.

(24) Na verdade, o eram para ambas as partes: o Imperador e o almirante. Atraído do Chile em princípios de 1823, com o sòldo anual de 11.500 contos, mais 5:760\$ de passadio, com a promessa de participação nas prêsas, após a submissão do Maranhão foi agraciado com o merecido marquesado dêsse título (1824). Em 1825 deixava, porém, abruptamente, do Maranhão, para a Inglaterra o serviço do país a bordo do Piranga, por descentendimentos em relação às prêsas, depois de carregar dos cofres provinciais 400.000 cruzados. Manteve da Europa azêda discussão de que fêz circunstanciado relato em sua já citada *Narrativa de Serviços*. "Ao morrer em 1861 (segundo Tobias Monteiro: *História do Império*, v. I, pág. 320), êle havia embolsado 447 contos e sua viúva ainda perceberia 60, perfazendo as duas parcelas o total de 507 contos". Em 1875, o govêrno pagou a mais, ao rerdeiro, 40.000

Possui um belo navio de linha, de 90 canhões, o “Pedro I”,⁽²⁵⁾ seis fragatas, uma das quais de 60 canhões, alguns brigues de guerra e canhoneiras. Diariamente trabalha-se com a maior atividade na construção de novas unidades, especialmente das últimas, que são as mais convenientes em costas rasas.

Os fortes que defendem a baía estão em relativo bom estado e o monarca dispõe ainda de uma divisão especial, constituída de aproximadamente mil soldados europeus, quase todos alemães, a qual tem por obrigação ficar imediatamente às suas ordens. A segurança pública é mantida com rigor por soldados que patrulham as ruas tôda a noite e, fora alguns roubos insignificantes, não ouvi falar, durante minha permanência de três meses, de nenhum atentado, pôsto que se pretenda que muitas dessas patrulhas, compostas de brasileiros, cometam elas mesmas excessos. Várias vêzes circulei, tanto de dia como de noite, mesmo pelos arrabaldes afastados, sem ser jamais molestado. Excusado

esterlinos em virtude de juízo arbitral. Se Cochrane, indiscutivelmente, prestou os mais relevantes serviços à causa da Independência, também “nunca servidor algum do Brasil teve tão farta recompensa monetária” (ainda a mesma fonte). T.

(25) Maria Graham dá-nos a lista das unidades de que se compunha a esquadra ao voltar ao Rio a 13 de março, 1823, com Lorde Cochrane (pág. 243 do respectivo *Diário*), cujos progressos o Imperador enumerou por ocasião da abertura da Assembléia (pág. 266 da citada versão em português de sua *Voyage to Brazil*, Londres, 1824). T.

é dizer que ninguém deve se expor afoitamente, pois que em cidade alguma escapará incólume ao perigo.

Finalmente, o Imperador garante o estrangeiro em tôdas as circunstâncias, e assim fazendo, logrará com que sua pátria seja respeitada; também as ciências encontram nêle um efetivo protetor, cuidando diligentemente do museu⁽²⁶⁾ e o faz, pessoalmente, mesmo contra a vontade dos ministros, como o comprova a permissão concedida a certa gráfica francesa.⁽²⁷⁾ Verifica-se aqui a mais perfeita liberdade de imprensa e de palavra, podendo qualquer um, sem receio, imprimir e expressar seu pensamento,⁽²⁸⁾ o que, à primeira vista, por vêzes, leva demasiado longe.

(26) Também se lhe deve a reforma da Academia de Belas Artes, prestigiando Debret, bem impressionado que ficou pelo progresso demonstrado por seus alunos nas aulas de desenho que êle chegou a freqüentar. Em 1826 foi cunhada uma medalha comemorativa da respectiva inauguração com sua effigie. Das sete múnias que o Museu possui, cinco foram compradas por José Bonifácio, a mando do Imperador, da coleção de um francês, Fiengo que, a caminho de Buenos Aires, desembarcou no Rio e acabou leiloada em 1826. T.

(27) Trata-se, evidentemente, da que Pierre Seignot Plancher fundou em 1824 com seu *Spectador Brasileiro*, a que sucedeu na mesma oficina, em 1827, o *Jornal do Comércio*. Plancher, de resto, reconheceu de público essa proteção: "victime d'une intrigue... déjà bani du Brésil... S. M. daignant s'informer de mon affaire, me fit rendre justice" (*apud* M. de Lima Barbosa: *Les français au Brésil*, Paris, 1923, pág. 290). Gestas observava em 1827 a seu govêrno: "Les litographes sont assez en vogue depuis surtout que l'Empereur lui même s'est occupé de ce genre de talent" (Alberto Rangel, *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*). T

(28) Ao assumir a regência, um dos seus primeiros gestos foi a isenção de emolumentos a tôda espécie de livros e a abolição da censura

Mas, para que eu não pareça como cego louvaminheiro, aludirei com franqueza a algumas das falhas de que acusam o Imperador, falhas que são antes de sua educação e, portanto, ao nível da que aqui prevalece, podem bem ser excusadas. Assim, é bem sabido que se êle chega a casa com fome e encontra seus criados à mesa, participa sem a menor cerimônia da refeição; também quando toma banhos de mar em Botafogo, o que é sempre motivo para atrair curiosos, diverte-se o Imperador em brincar com as crianças, jogando-as na água; outras vêzes sai a passeio, muito à vontade, pela praia *in puris naturalibus*, deixando que desconhecidos lhe beijem as mãos, o que às vêzes acontece na presença de mulheres.⁽²⁹⁾ Tudo isso, porém, não passa de excentricidades que em nada obscurecem seu merecimento como soberano e pode-se mesmo afirmar com segurança que êle saberá defender-se vitoriosamente

prévia, que era imposta a todos os escritos impressos nas tipografias do país” (*apud* S. Correa da Costa: *op. cit.*, pág. 129). T.

(29) Bösche em seu *Quadros Alternados* (São Paulo, 1929, pág. 85) confirma esta *sans façon* do Imperador: “O pudor era-lhe totalmente desconhecido. Havia em frente à residência do cônsul-geral da Prússia, von Theremin, uma chácara no Catete, à qual o príncipe ia ter com freqüência para tomar banhos. Um dia achava-se na casa do cônsul numerosa companhia da qual faziam parte senhoras. Para gozar da frescata, aproximaram-se algumas das janelas, quando de repente, no terraço do prédio fronteiro, apareceu o soberano do Brasil, completamente nu, como um jovem Deus, *in puris naturalibus*. As senhoras fugiram espavoridas. . . D. Pedro, porém, soltou estrepitosa gargalhada, atirando-se em seguida ao mar”. Curiosa coincidência essa repetição de palavras! O livro de Bösche apareceu 18 anos depois do de Ebel. T.

contra Portugal, caso a emergência venha a ocorrer.⁽³⁰⁾ Já a maioria das províncias brasileiras se acham sujeitas ao seu cetro e Pernambuco mesmo parece que se rende. Desempenhando, como vem fazendo, seu papel de modo tão destacado, dificilmente se conformará o Imperador com outro de menor relêvo e o que ressalta bem claro é que êle está sèriamente empenhado em defender a independência do país que livremente jurou, causa que, sem dúvida, fortifica-se todos os anos e ela será dentro em breve inviolável para qualquer potência.

(30) Ebel como que antecipava o que, noutro campo e noutras circunstâncias, D. Pedro demonstraria anos depois, até com o sacrifício da vida, na defesa dos direitos da filha ao trono de Portugal. T.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 1824.

Como até aqui conduzi-te apenas pela cidade e seus arrabaldes mais próximos, tens agora que me acompanhar em excursões maiores, as quais empreendi sempre que tive tempo: conhecerás, assim, um pouco do país.

Amavelmente convidado pelo Cônsul-Geral da Rússia, para visitá-lo em suas terras da Mandioca, o barão de Langsdorff⁽¹⁾ proporcionou-me a primeira

(1) Freiherr G. H. von Langsdorff (1774-1852), nascido em Hessen e médico por Göttingen, naturalista que se tornaria dos grandes conhecedores da flora brasileira e cuja memória ficou perpetuada por Martius numa planta (Langsdorffia). Foi para Portugal com o Príncipe de Waldeck em 1797, exercendo a medicina no Hospital Alemão de Lisboa. Voltou para incorporar-se à viagem ao redor do mundo chefiada por Krusenstern (1803-6), expedição russa esta de que êle foi o cronista, passando por Santa Catarina. Nomeado (1812) Cônsul-Geral da Rússia no Brasil, serviu também de encarregado de negócios. Em 1815 estabeleceu-se na Mandioca, fazenda onde o visitavam sábios e viajantes de passagem e onde se tornou dos mais adiantados lavradores, aclimatando várias espécies exóticas européias. Freqüentava na Côrte as melhores rodas e correspondia-se com as sumidades científicas do mundo,

oportunidade, de que me aproveitei em começos de maio, juntando-me nessa ocasião a Herr von Weeg (sic), ex-oficial bávaro que faz três meses estabeleceu-se na fazenda.⁽²⁾ Alugamos uma canoa, de tôlido, a dois remadores mais o voga, e saímos às onze e meia, pela manhã, do Rio. O tempo estava magnífico e na água não sentíamos calor; contudo o vento soprando fraco, ficamos na dependência dos remos, assim mesmo andando bastante depressa. Foi um belo passeio porque a faixa litorânea e as ilhas ofereciam sempre renovadas perspectivas. Muitas destas mostravam construções, outras não passavam de rochedos nus que emergiam da água em formas bizarras. Em frente à do Governador, tomamos à esquerda, aproximando-nos da Serra dos Órgãos, que se destaca qual uma massa de foles. A cúpula redonda do Morro da Mandioca distingue-se clara-

membro que era da Imperial Academia das Ciências de São Petersburgo. Tornou-se um propagandista da emigração para o Brasil, publicando em Paris um *Guide* para emigrantes (1820) e outro em Heidelberg: *Belehrung für auswandernde Deutsche* (1821). Contratou êle mesmo algumas famílias que trouxe para suas terras. Conseguiu do Tsar a missão de chefiar uma viagem científica (1822) que iniciou por Minas em 1824. Depois de uma interrupção no Rio, reiniciou-a em 1825 por São Paulo e Mato Grosso, onde apanhou violento ataque de malária, tendo que voltar ao Rio pelo Pará (1829) com perda das faculdades mentais. Vegetou em sua terra natal favorecido com uma pensão que o Tsar generosamente continuou a lhe pagar. Abundam ilustrações por artistas contemporâneos da fazenda e seus arredores. T.

(2) F. T. von Weech (no Brasil entre 1823 a 27), autor de dois livros *Brasilien Gegenwärtige Zustände* (Hamburgo, 1828) e *Reise nach Brasilien* (3 vols., München, 1831). T.

mente dentre os muitos picos pontiagudos e entramos por fim, pelo Inhomirim a dentro, rio êste que, a despeito da cheia momentânea, corre lentamente, mostrando-se sua água barrenta e suja. As margens são alagadiças e nelas crescem em abundância cristas-de-galo e outras flores odoríferas, perfumando agradavelmente a atmosfera, mas de que não podemos devidamente desfrutar por causa das moscas e mosquitos que nos perseguiram com suas picadas. Dizem que são presenças insuportáveis quando chove. Entretanto, lá na desembocadura do rio, havia-se estabelecido um brasileiro com sua venda, fazendo bons negócios, tal a afluência de mineiros que aqui vêm ter. O rio faz muitas voltas que vencemos com relativa rapidez, graças ao vento constante. Detivemo-nos um momento para admirar a custosa instalação de uma fábrica de pólvora, que ali está sendo erigida.⁽³⁾ Às quatro da tarde, chegamos ao Pôrto da Estrêla, arraial de extenso casario, onde os mineiros, isto é, os habitantes das Minas, têm o seu embarcadouro.⁽⁴⁾ Trazem êles até aqui os produtos de sua província — uma das mais ricas do país — a lombo de mula. Os animais voltam do Pôrto e êles embarcam para o Rio com seus produtos: café, algodão,

(3) A Fábrica de Pólvora da Estrêla, depois transferida para Piquete, São Paulo. T.

(4) Ender, Martius, Rugendas e outros registraram os aspectos pitorescos do rio Inhomirim, do Pôrto da Estrêla e da estrada empedrada que sobe a serra e havia sido pouco antes alargada, assim como das faluas que trafegavam entre o fundo da baía e a Praia dos Mineiros. T.

pimentas, farinha de mandioca e outros víveres. Para êsse fim trafegam continuamente grandes faluas de meia coberta, as quais largam pelas tardes com o vento de terra que sopra regularmente ao anoitecer, detêm-se na mencionada venda e chegam ao Rio antes do sol raiar e de onde saem novamente para o Pôrto, pelo meio-dia, com o vento que se levanta do mar. Os mineiros são homens grandes e robustos, queimados do sol — alguns abastados — fazendo normalmente a cavalo o percurso de terra. Suas roupas são rústicas e folgadas e, quanto a costumes, acham-se no mais baixo escalão.

Deixando a Estrêla, tivemos que andar perto de uma hora para chegarmos ao extremo do arraial; a estrada oferece pouca distração. A cada quinhentos passos encontra-se um casebre, sendo o último a venda de um alemão, Meyer, casado com brasileira e está gahando bem. Comemos aí um saboroso peixe, acabado de pescar, bebeu-se uma garrafa de excelente Pôrto e conseguimos finalmente mulas, mas a bom dinheiro, montados nas quais, continuamos a viagem pelas seis horas. Dois negros carregaram a nossa bagagem à cabeça, acompanhando a pé o passo dos animais. A noite estava divina e esplendoroso luar iluminou-nos boa parte do caminho que só em poucos lugares era ruim: é a larga e nova estrada que o govêrno está construindo até encontrar a calçada que sobe a Serra da Estrêla. De ambos os lados, a floresta derrubada abria-nos com freqüência pitorescas perspectivas, mas admirá-

vel, sobretudo, foi o espetáculo, já noite fechada, dos pililampos que, em profusão, acendiam suas luzes, aqui e acolá, como obedecendo a uma ordem, e logo desapareciam. Assim, serenamente, com paradas para repouso em duas vendas à beira da estrada, nos entreteivemos até chegar à Mandioca, sãos e salvos, depois de atravessarmos um córrego pedregoso. Herr von Langsdorff, não se sentindo bem, já se havia recolhido, mas ainda encontramos reunidos os companheiros da projetada grande viagem pelo interior do Brasil: os senhores Rugendas, pintor, Menetries, ornitólogo, Riedel, botânico, e Rubzow, astrônomo.⁽⁵⁾ Estavam ainda dois conhecidos do Rio. Frente a um assado frio e não menos bom vinho, conversamos animadamente um par de

(5) Voltando ao Rio em março de 1822, Langsdorff passou os três anos seguintes em breves excursões preparatórias. Da que fez em 1824, até Vila Rica, despachou para a Rússia seis caixotes com coleções que compreendiam os trabalhos de Rugendas (hoje na Academia das Ciências de Leningrado), artista com quem se desentenderia, sendo o bávaro substituído pelos franceses Adrien Taunay e Hercule Florence. Os posteriores caixotes foram levados de Cuiabá por Riedel e Rubzow. O público brasileiro só veio a ter conhecimento de todo este material após a frutuosa viagem de D. Clemente da Silva Nigra, a mandado da Fundação Pedro II, divulgando-se seus achados em *O Cruzeiro* de 19 de dezembro, 1964. O livro do falecido acadêmico russo, G. G. Manizer, de 1917, viu a luz em 1969, em tradução na "Brasiliiana" (n.º 329). Trata-se de uma elaboração da *Viagem Fluvial* de Florence que a *Revista do I.H.G.B.* havia publicado em 1875 e foi republicada em 1941 por Afonso d'E. Taunay com 115 ilustrações do reputado artista, à qual foram acrescentados 61 outros desenhos desconhecidos do acervo de Leningrado. Assim como Rugendas, o zoólogo Menetries e seu colega Hasse abandonaram os companheiros ainda em São Paulo (1826), tomando-lhes as vèzes o próprio Langsdorff. T.

horas até que a fadiga nos fêz lembrar que era hora de dormir.

Na manhã seguinte, tive o prazer de encontrar restabelecido nosso anfitrião que teve a gentileza de nos conduzir por uma parte de sua propriedade, cuja extensão é considerável. Da residência pròpriamente, que, a julgar pela planta, deverá ser magnífica, só existem duas alas, uma das quais, habitada por êle e Herr von Weeg, que, durante sua ausência administrará a fazenda; a outra estando ainda por terminar.⁽⁶⁾ A situação dessa casa, ao sopé do Morro da Mandioca, é magnífica e domina amplamente tôda a vizinhança. Tem a ornamentá-la uma fonte de mármore, à qual chega a água do morro por tubulação de chumbo. Muito trabalho deu o nivelamento dêsse terreno, dantes bloqueado de pedras. Do mesmo, sai uma estrada reta, medindo uns quatrocentos passos, que vai dar às dependências da fazenda, e passa por uma fieira de seis cabanas para os escravos, bem construídas, de pau a pique. Cada uma tem três compartimentos, dos quais o maior serve de

(6) No seu livro de viagens (3.º vol.) conta-nos von Weech como, adoecendo, viu-se obrigado a deixar a fazenda em princípios de 1825, confiando sua propriedade a um administrador e partiu para Buenos Aires, onde tampouco se demoraria. De volta ao Rio em 1826, teve a decepção de ver que tudo havia sido abandonado, seus escravos vendidos e suas culturas arruinadas. Decidiu então arrendar a Ilha do Viana, onde se dedicou à produção de leite que vendia no Rio. Mas seu escravo de confiança foi vítima de grave agressão e sòzinho não pôde êle continuar. De nôvo doente, deixou finalmente o Rio desiludido, em 1827, depois de rápida visita a Nova Friburgo e Santa Cruz, de que nos deixou interessante relato. T.

sala e cozinha, os demais são quartos, providos de esteiras limpas. As portas são de fechar e as janelas umas aberturas quadradas. As referidas dependências consistem em duas construções, servindo uma de moradia e a outra de depósito, onde fica o moinho de café, em que Langsdorff beneficia o seu produto, depois de sêco, em cilindros de madeira, sistema mais funcional e preferível a socá-lo, como é aqui o costume.

Às oito e meia, guiados por Rugendas, preparamo-nos para subir a Serra, com tempo excepcionalmente favorável e um céu nublado que só de vez em quando deixava passar os raios de sol, permitindo uma clara visão da paisagem.

A poucos passos apenas da casa, começa a notável estrada que o Rei fêz construir há uns dez anos subindo a Serra. É, na realidade, uma obra gigantesca, que, dadas a dificuldade do terreno e sua importância, pode ser colocada, sem exagêro, ao lado das grandes vias romanas e das famosas estradas napoleônicas.

Sòlidamente pavimentada com grandes lajes da largura de seis braças, ela segue sempre em subida umas três léguas, através de abismos e despenhadeiros dantes quase intransponíveis, até o Alto da Serra e ainda uma distância considerável pela sua cresta — o caminho das Minas — franqueando, assim, essa importante via de comunicação em que anualmente muita gente perdia a vida e malograva-se a décima parte das mercadorias e

animais.⁽⁷⁾ Subimos a íngreme ladeira durante uma boa hora, havendo encontrado pelo caminho diversos colonos de Langsdorff que já têm suas roças prosperando, com cafeeiros e bananeiras plantados, antes de alcançarmos uma venda, onde bonita e simpática brasileira serviu-nos sangria, queijo e pão. Daí, gozamos pela primeira vez de largo panorama sôbre tôda a região que encerra o vale da Mandioca, para reabrir-se adiante até a baía e suas ilhas, o litoral e as montanhas aparecendo velados aos nossos pés por uma névoa azul. Andamos outra hora fatigante, sempre em subida, até uma segunda venda, de onde, mais meia hora, morro acima, atingimos o ponto culminante da estrada que ainda continua por uma milha e pára. Soberbo é o panorama da mata virgem pelos dois lados e infinita a variedade e número de árvores, destacando-se, especialmente, do resto da vegetação, a grande cecrópia (árvore da preguiça), por suas folhas largas e verde-escuras que mostram por baixo um prateado brilhante.⁽⁸⁾ Sobranceira, qual uma sentinela, ergue-se gigantesca araucária brasiliense — isolada — estendendo seus braços lisos, coroados de tufos espinhosos, e dominando as demais, visível a milhas de distância. Infi-

(7) Duas aquarelas de Ender (pág. 150 da obra citada) mostram a nova estrada, alargada e calçada ao tempo de D. João — única no Brasil de então — mas que, como observa Martius, não media mais que uma légua, quando por ela passou (1817). T.

(8) A vulgar imbaúba, talvez a árvore que mais chamava a atenção dos forasteiros na nossa floresta. T.

nidade de caprichosos arbustos, dentre os quais sobressai a pita,⁽⁹⁾ cuja hastes em flor atingem até trinta pés; flores e plantas perfumadas, davam-nos sombra e lenitivo. A tôda hora, passavam tropas de mulas carregadas e filas de escravos novos com seus barretins vermelhos. Grandes e sarapintadas borbolêtas, cigarras a sibilarem e alguns pássaros, embora poucos, animavam o cenário. De quando em vez, rastejava uma serpente, muitas das quais são venenosas, insinuando-se na vegetação, ou lagartos atravessavam a estrada, enquanto macacos nos espiavam curiosos do alto arvoredo.

Onde abre-se uma clareira, grandioso é o panorama que se descortina dêsse ponto mais alto da serra, superando qualquer descrição. De golpe, abrange-se tudo. A imaginação mais ardente mal concebe tanta beleza. Os morros da Mandioca e da Estrêla parecem como que arrancados do caos e, em suas majestosas escarpas, oferecem aos olhos a sublime visão do gênese. Florestas espêssas de árvores centenárias alternam com os lisos monólitos de granitos róseos, à espera da mão civilizadora do homem. Alarga-se ao longe e abaixo, o vale da Mandioca com suas risonhas construções, em isolamento encantador, e, além, a solidão pontilhada aqui e acolá de casinhas brancas, a igreja de Inhomirim, o Pôrto da Estrêla. A seguir: a esplêndida amplitude da baía com seu espelho de água plácido e argênteo.

(9) A pita, característica vegetação da caatinga, mas que também se encontra entre formações arbóreas por todo o país. T.

semecado de verdes ilhas; o Rio de Janeiro — a Capital, — com seu casario espalmado, do qual se ergue tênue neblina que o sol ilumina; o pôrto com sua floresta de mastros; a Praia Grande, do lado oposto, seus arredores, e um romântico pano de fundo de montanhas azuis. E, quando, por trás do Pão de Açúcar, o olhar se perde pelo oceano infinito, encontra apoio na cadeia espetacular do litoral, em que se reconhece claramente o gigante brasileiro prestes a despertar.⁽¹⁰⁾ *Surge et impera!* Já rompeste as algemas de ferro da superstição e da tirania que três séculos te prenderam. Ergue-te deveras e toma o brilhante lugar que te reservam tua grandeza e favorável situação!⁽¹¹⁾

(10) Esta cadeia tem, vista de certa distância, a forma de enorme gigante deitado; e o mote *Surge et impera* é a divisa do Brasil. A. Sem indicar a fonte, Ebel está, obviamente, citando a Eschwege (*Journal von Brasilien...*, Weimar, 1818), em cuja obra aparece, numa das estampas, duplo perfil do litoral mostrando na parte superior a Serra do Mar, isolada da costa, e na inferior um gigante formado pelas mesmas montanhas, boiando de costas no oceano; ao alto entre as nuvens aparece o Padre Eterno, a cujos pés lêem-se aquelas palavras latinas e, entre as duas figuras, o título “Der Genius von Brasilien.” Reproduziu-a Diogo Sturz em sua “Folhinha” de 1837, constituindo ela a orla inferior da série de vinhetas do Rio que a circunda (Vide *Anuário do Museu Imperial*, vol. VI, p. 266). T.

(11) Ao repetir a alegoria do gigante do geólogo alemão, Ebel o vê “prestes a despertar”, antecipando de 24 anos a apóstrofe do poeta em “A Visão” (Gonçalves Dias, *Iris Litterario*, 1848) e a letra republicana do hino nacional.

Já os ingleses apelidavam a Gávea (a cabeça do gigante) de *Lord Hood's nose*. Vide a aquarela inédita de H. Kelsall, oficial de H.M.S. Druid, que o delineou em 1830, exatamente como Eschwege e Debret. T.

O retôrno, em forte e continuado declive, foi por demais fatigante. Então aprecia-se em sua magnitude as reais dificuldades que houve de vencer para a construção dessa estrada. Extenuados, regressamos às duas horas à Mandioca, onde nos aguardava excelente jantar. Depois da mesa, levou-me Langsdorff a visitar sua plantação de café que começa a uns 500 passos da sede da administração. Ela já conta cêrca de 50.000 pés que produzirão êste ano apenas 120 arrôbas, colheita que o proprietário espera pròximamente mais que dobrar. No meio, está a tulha em que se resguarda o café da intempérie e seu terreiro ao lado, o qual é lajeado para secá-lo. Langsdorff não adota o sistema da terra que é espalhar os grãos pelo chão, porque, segundo êle, o produto assim adquire aquêlê mau gôsto que se atribui em geral ao café do Brasil. Uma fábrica de telhas que Langsdorff acaba de instalar, fornece-lhe, além das que necessita para o serviço comum, uma variedade flamenega, de modelo alemão mais funcional que as pesadas de uso corrente no Brasil.⁽¹²⁾ Na volta, passamos pela venda da propriedade, junto à qual há uma mercearia e uma granja ou rancho aberto, para os tropeiros,⁽¹³⁾ a qual está arrendada por 500\$000 réis ao ano, mais duas casas de colonos, o que dá ao conjunto um aspecto de povoado. Em frente, num terreiro amplo, reúnem-se à noite os moradores da vizinhança, com quem, depois

(12) Variedade de tipo quadrado com rebordo de um lado. T.

(13) Uma aquarela inédita de Ender mostra em primeiro plano a venda com a anterior residência ao fundo.

do chá. fomos conversar, passando agradavelmente a noite. Entre êstes havia umas moçoilas simpáticas.

Na manhã seguinte, empreendemos uma excursão pela mata virgem que ainda ocupa considerável extensão da fazenda. É forte a sensação que se tem ao penetrarmos sob a sombra copada de tantas árvores venerandas, cujas raízes abrem-se caminho no solo através de troncos caídos e semidecompostos. Aqui e ali, encontra-se uma picada, provavelmente aberta por caçadores. À claridade do meio-dia, succede uma penumbra verde-escura. Árvores e arbustos de tal modo se entrelaçam que não se alcança ver mais que uns passos à frente. Ai de quem se perder neste labirinto! Sua vida corre perigo. Isto aconteceu ao próprio Langsdorff faz pouco tempo, quando em companhia de três hóspedes e dois escravos, caçando, aprofundaram-se na floresta e não puderam, malgrado levarem bússola, reencontrar o caminho de volta durante 36 horas; sua salvação deveu ao acaso, porque o pessoal da fazenda que os procurava contava com um cão que lhes farejou as pegadas. Enorme é a variedade de árvores, algumas de altura impressionante e troncos lisos, mas a mais admirável é a figueira brava de que vi estupendos exemplares.⁽¹⁴⁾ Suas raízes gigantes erguem-se fora do chão até

(14) Há diversos óleos e desenhos de Rugendas, da mata fluminense, em que aparecem essas figueiras, de proporções mais modestas ao lado dos gigantes amazônicos que Martius ilustrou no primeiro volume da sua *Flora Brasiliensis*, mas que dão uma idéia do emaranhado de cipós e parasitas, qual as viu Ebel. T.

trinta pés e, numa circunferência correspondente, formam ao redor do tronco virtual e ôco labirinto em que se escondem cobras e lagartos. Algumas dessas cavernas são tão vastas que duas pessoas fãcilmente nelas podem se abrigar; de seus galhos imensos e possantes baixam cipós até o chão, como cordas, da largura de dois dedos. Se cortados, dêles escorre abundante uma seiva, branca e viscosa. As altas copas cobrem-se de parasitas que quase as sufocam. Junto a essas veteranas crescem esguias palmeiras, de uma das quais — um palmito nôvo — depois de descascado, extraímos a medula, que fomos comer sôbre as pedras de um regato, a qual tem um sabor a noz, excelente. Matamos a sêde em sua água cristalina com o auxílio de nossos chapéus chile. Daí fomos visitar os colonos de Langsdorff, que contam umas nove famílias, na maior parte suíços-franceses.⁽¹⁵⁾ Apenas um dêles é preguiçoso, os demais, bons trabalhadores, vão indo para a frente. Alguns já possuem cafeeiros que deverão produzir dentro de poucos anos; as bananeiras estão pejadas e o feijão — seu sustento principal — já produzindo. Olhamos de perto a roça de um, instalada faz quatro meses, onde o mato

(15) Como lê-se atrás, Langsdorff trouxe consigo em 1822 nada menos de oitenta colonos para Mandioca, que constituíam umas quinze famílias. Ebel conheceu apenas nove, o que daria uma média pelo menos de oito pessoas por família, média talvez um tanto alta. Ter-se-iam, então, dispersado algumas para zonas mais aptas à cultura do café, como logo fizeram os menos favorecidos de Nova Friburgo na distribuição das terras (*apud* Mathison, obra citada, págs. 35 a 41). T.

era ainda virgem; tudo feito por êle, unicamente com a ajuda da mulher e de um filho crescido. Haviam construído uma boa casa, de pau a pique, como as dos negros, mas ampla e com janelas envidraçadas, por dentro bem arranjada e limpa com camas-mosquiteiros, mesas, cadeiras, etc. Nesse sítio, bastante grande, o feijão já está sendo colhido e os cafeeiros vão crescendo como as bananeiras, os pés de laranja, de limão e os abacaxis; tudo enfim. Em três anos, no máximo, estará êle em boa situação. O aspecto de uma plantação nova como essa é descalvado, mas não se pode menos que louvar a maneira por que é trabalhada: depois de cortado o mato baixo, as árvores grandes são abatidas sempre que possível na mesma direção; deixam que sequem as folhas alguns dias e em seguida queimam-nas com o vento a favor. O grosso vira cinza e somente os troncos mais espessos ou resinosos resistem ao fogo, sendo largados para que apodreçam dentro de um par de anos, quando viram adubo. Êsses troncos servem ao mesmo tempo de proteção às mudas de café, logo plantadas e que precisam de sombra: o mesmo se faz com o feijão, a banana e a laranja. Desde que se eliminem cuidadosamente as ervas daninhas, tudo desenvolve-se com incrível rapidez.

Os colonos são sustentados por Langsdorff durante os três primeiros anos, devendo trabalhar em compensação uma parte do tempo na fazenda; os lotes que cultivam lhes pertencem de propriedade contra o paga-

mento de uma taxa territorial, isto é: a dízima do respectivo rendimento. O sítio de Herrn Veeg está muito bem situado e, pôsto que iniciado faz sòmente três meses, como disse, já plantou boa parte do seu cafèzal graças aos escravos que possui.

Vi ainda e equipamento que Langsdorff levará no grande périplo prestes a empreender por considerável parte do Brasil com fins científicos e na companhia dos quatro senhores atrás referidos. Dispõe êle de duas tendas, quatorze mulas e o número necessário de arrieiros com seu guia, os quais já se encontram reunidos, pois pensam partir depois de amanhã. Só quem conhece o país pode avaliar as privações e perigos a que êles terão que se submeter numa viagem dessas.⁽¹⁶⁾

Depois do almôço, desejamo-nos mùtuamente boa viagem e eu voltei a cavalo para o Pôrto da Estrêla, onde não encontrando a cama que me havia reservado, resolvi fretar sòzinho uma falua de mineiros, pelo preço de cinco mil-réis. A partida teve lugar sob belo luar, mas eu estava tão cansado que logo adormeci suavemente, envolvendo-me num manto, sob a coberta, para chegar ao Rio às seis da manhã.

(16) Dir-se-ia que Ebel estava presentindo as desgraças que iriam ocorrer durante a excursão. Afogou-se Adrien Taunay atravessando a nado um rio. Devido às maleitas, Lagsdorff perdeu a razão e Rubzow chegaria a Petersburgo em condições de saúde tão precárias que pouco depois faleceria. Únicos sobreviventes foram Florence e Riedel que voltariam para constituírem entre nós família e deixaram descendência. T.

Não posso deixar de mencionar que, aqui, como nos países tropicais, tem-se mais medo da lua que do sol: até os negros dela procuram defender-se. Seus raios teriam sôbre a cabeça descoberta uma ação maléfica e eu mesmo tive a ocasião de ver alguém com a cara estuporada por ter dormido ao relento.

Rio de Janeiro, 25 de maio, 1824.

Em suplemento à minha última carta, esta de hoje é para informar-te que realizei afinal meu maior desejo: conhecer a Tijuca e, de passagem, a melhor plantação de café dos arredores do Rio. Domingo passado, mais um amigo, fiz o passeio a cavalo uma vez que o caminho não permite ir de carro. Já estávamos montados às seis horas e chegamos às oito e meia à casa de Baptiste, que, de novo, não encontramos, mas, em companhia de uns brasileiros chegados ao mesmo tempo, também a cavalo, tomamos o pequeno almôço. Para guiar-nos até a cascata, engajamos um negro que, jovialmente, seguiu a pé a marcha dos nossos cavalos. O caminho passa pela Boavista, donde outra vez admiramos o esplêndido panorama; é extremamente acidentado — uma picada em lugares destruída pelas chuvas — que atravessa densa mata e só de vez em quando nos deixava ver a baía. Passamos por um que outro casebre ao longo da légua e meia que dista, aproxima-

damente, a venda chamada da Cascata. Houve mesmo que aprear e continuar a pé, para lá chegarmos. A apreciável distância, já se ouvia seu estrondo. Depois de fazermos uns dois mil passos sempre dentro da floresta, atingimos o local. Na largura de 50 pés, projeta-se um ribeiro de um terraço do mais negro granito, em dois saltos de 40 pés, mais ou menos, cada um. Depois da primeira plataforma, corre o mesmo, espumante, uma pequena distância antes de se jogar da segunda. A quantidade de água agora era tão pouca que eu pude chegar a umas pedras sêcas entre as duas quedas, donde, através do véu branco que se levanta do escuro granito da primeira, de um lado, e a luxuriante garganta pela qual ela se precipita, do outro, apresenta a mais pitoresca visão.

Demoramo-nos um pouco à sombra de saliente penhasco que forma uma gruta natural com duas grandes lajes abaixo — uma mesa com seu banco⁽¹⁾ — onde um grupo de inglêses, chegado momentos antes, fêz-nos partilhar do seu conhaque, que, misturado com água, pareceu-nos uma excelente bebida. Logo voltamos pois havia que refazer três quartos do caminho para atingir a fazenda de van Mook, para quem levávamos uma recomendação. A dita picada dobra para a direita, seguindo pela outra vertente do maciço da Tijuca e é

(1) Ender deixou-nos vários aspectos dos saltos da Cascata Grande da Tijuca, como das duas pedras das Furnas, sendo que uma dessas aquarelas, mais elaborada, pertenceu ao Príncipe de Metternich e vai aqui ilustrada. T.

tão íngreme em pontos que foi preciso apeiar e puxarmos os cavalos à mão. Ao avistar-se o fundo do vale, surpreende-nos a aparição de várias construções de uma importante fazenda e suas dependências, cujas terras sobem pelos morros em tôdas as direções. Depois de cruzarmos alguns córregos e nos deleitarmos na deliciosa frescura da vegetação, logramos o objetivo da nossa jornada. Herr Mook é holandês de nascimento e serviu em 1791 e 92 como médico no exército de seu país, dedicando-se depois ao comércio. Fêz diversas grandes viagens como carregador até estabelecer-se aqui faz seis anos. Construiu-se uma boa casa assobradada, ao estilo holandês e seus diversos anexos, em espaçoso e excelente terreno, no qual já plantou mais de 100.000 cafeeiros e continua a expandir-se.

Recebeu-nos da maneira mais amável e teve a bondade de nos mostrar sua propriedade. Os cafeeiros apresentam-se nas melhores condições, plantados a oito pés uns dos outros, sempre podados à altura de seis pés, isto não só para facilitar a colheita como para robustecer a planta, havendo por vêzes que cortar igualmente os ramos mais esgalhados. Já no terceiro ano começa o cafeeiro a produzir; no quinto está em plena maturidade, podendo-se calcular que cada pé renda em média uma libra; duas, três e quatro são exceções que só ocorrem na vizinhança de alguma esterqueira ou devidamente adubados. Quando bem tratado, um cafeeiro pode viver e produzir até trinta anos. A colheita tem

lugar duas vêzes por ano. Em maio — a principal — e depois em outubro. O curioso é que os grãos não amadurecidos na primeira época, estacionam até a segunda e sòmente então adquirem sua coloração vermelha. Uma vez maduro, o café é esparramado para secar num grande terreiro plano e não lajeado, em frente à casa (Mook pretende contra a opinião de Langsdorff que o contato com a terra não o estraga). Enquanto os grãos ainda estão verdes, a chuva lhes é favorável e ajuda a separação da casca; quando, porém, estão secos há que dela protegê-los. Completamente secado, o café passa por um moinho que consta de duas rodas maciças de madeira, de meio pé de largura, as quais giram em tórno de um eixo sôbre um canal circular em que se jogam os grãos, seguidas de uma espécie de garfo que recolhe os escapados pelos lados, mais ou menos como os nossos moinhos de azeitona. Para tal fim, Mook levantou uma sólida construção de pedra e cal que serve ao mesmo tempo de tulha. A maquinaria do moinho é especialmente resistente e movida pela água de um riacho que cai em abundância, através de leve dispositivo, sôbre uma roda construída das madeiras mais duras. Mostrou-nos depois como a mesma funciona. Em quinze minutos, considerável quantidade de grãos foi separada da casca, os quais passam em seguida por um polidor comum, obtendo-se ato contínuo café da melhor qualidade, que não tem aqui, como no Brasil inteiro, aquela coloração azul-esver-

deada do de São Domingos. Graças, porém, a um processamento cada vez mais apurado, melhorou o mesmo extraordinariamente em relação ao que era antes, disseram-me.

Uma grande horta, não longe da residência, produz tôda sorte de legumes, excelentes aspargos e couves-flores, de que vendem as sobras na cidade a preços altos. Noutros lugares planta-se feijão e mandioca para o sustento dos negros. Num espaçoso balcão, mostrou-nos Mook sua provisão caseira de pão, por êle mesmo amassado e cozido, sendo excelente como seu próprio queijo. Bananas-chinesas, repolhos e outros legumes, tudo é ali arrumado com aquela ordem e limpeza tipicamente holandesas. Um correr de casas decentes, é a senaia dos escravos que lhe fica contígua. Possui Mook um número regular, cuja aparência saudável e contente, tal como a numerosa criançada, comprova o bom tratamento que recebem do senhor. Em suma, trata-se de uma plantação realmente modêlo, merecidamente reputada a primeira entre as melhores do país. O imperador e a Imperatriz já visitaram-na um par de vêzes, demonstrando por tudo tal interêsse que Mook teve que presentear o monarca com uma planta do seu moinho.

Ao regressarmos à casa, encontramos mais dois conhecidos da cidade. Apresentou-nos o anfitrião, a seguir, à sua família, que, além da mulher — inglêsa de origem — compõe-se de uma filha de 16 anos e dois meninos pequenos.

As horas passaram rapidamente durante o alegre repasto. A natural distinção da senhora e os encantos da filha conquistaram-nos à primeira vista, mas nossa admiração pelas qualidades de ambas só fêz aumentar à medida que as íamos conhecendo melhor. A conversa foi animada e conduzida quase sempre em francês e inglês e, por vêzes em holandês e português, línguas estas que a jovem mostrou dominar. Foi para mim grata surpresa encontrar na selva brasileira exemplos como êsse da mais fina educação das capitais européias.

Como os outros regressassem à cidade, aceitei com prazer o convite de Mook para lá passar a noite. Tive, assim, melhor oportunidade de admirar a natural gentileza da bela Henriette, sua maneira calma e compreensiva de cuidar da casa como de tratar os escravos e suas crias, que todos retribuíam-na com real amizade.⁽²⁾

Na manhã seguinte, acompanhando a Mook, voltei a cavalo para a cidade. De um ponto alto, mostrou-me êle a considerável extensão de sua propriedade, do qual era visível em tôda a sua amplitude. Visitamos depois seu vizinho Lezesne, que também possui excelente

(2) Van Mook deve ter falecido antes de 1829, já que no citado diário do inglês Fry aparece freqüentando suas reuniões hebdomadárias, durante sua segunda residência no Rio, na atual Praça José de Alencar, Mrs. Mook, que é quem Morales de los Rios (em seu *Rio-Imperial*) cita como das ricas fazendeiras fluminenses. Seu nome está lembrado na Gávea Pequena pela Estrada do Moca, que atravessa a antiga propriedade, por êle denominada: Fazenda Nassau. Em correspondência oficial da secretaria de Estrangeiros com a legação dos Países-Baixos é chamado Carlos Moke. T.

fazenda de café, embora não comparável à de Mook porque os cafeeiros haviam sido plantados demasiado próximos. O velho Lezesne⁽³⁾ foi o primeiro a plantar café em grande escala no Rio. Já não vive, mas deixou viúva e filhos, casada uma com o Vice-Cônsul da Rússia e o outro é quem dirige hoje a propriedade. Detivemo-nos de passagem na fazenda de certo conde francês, aberta há dois anos, que delicadamente nos fêz provar do seu "Kirsch"; a casa ainda não está pronta, mas a plantação vai bastante bem.⁽⁴⁾

À vista destas observações circunstanciadas, devo acrescentar que fazer agricultura no Brasil não é a tarefa fácil que na Europa se imagina. Contando-se

(3) Louis Lecesne (1760-1823), francês chegado ao Rio em 1816, foi com efeito o primeiro a plantar café em grande escala com a experiência adquirida em São Domingos, de onde fugiu, quando do morticínio dos brancos em 1804, às mãos dos negros amotinados (Dessalines), para Cuba, que teve também que largar em 1812 ao ser invadida a Espanha pelos franceses. Passando pelos Estados Unidos, lá se casou com uma inglesa de recursos e de boa família (Selby); veio para o Rio, e, associando-se aqui ao Duque de Luxembourg, embaixador de Luís XVIII fundou o casal a fazenda de Café Saint Louis na Gávea Pequena, fazenda esta desenhada por Maria Graham, Emeric Vidal e um anônimo (reproduzida no já citado *Rio Imperial*), que é a Quinta Cochrane, pertencente hoje à Senhora E. G. Fontes. Madame Lecesne, depois de enviudar, foi viver com a filha (Madame Kielchen), em Botafogo não suportando o nevoeiro freqüente que caracterizava então a mata da Tijuca. T.

(4) O Conde Gestas, exilado realista, foi encarregado de negócios e cônsul-geral da França entre 1823 e 27. Teve uma fazenda de café que é provavelmente, a que pertenceria depois ao Barão d'Escragnolle, com cuja irmã casou-se Félix Emílio Taunay, seu vizinho na Cascatinha. T.

com muito dinheiro, caso em que será bem improvável que alguém largue a Europa, pode-se, evidentemente, aqui como em qualquer parte, fundar-se uma bela propriedade. A excelência do clima e a fertilidade da terra asseguram uma dupla vantagem, mas, mesmo assim, é preciso levar em conta a imperiosa necessidade de tudo aprender-se do que há mister para que o dinheiro não seja simplesmente jogado fora. Acresce que o terreno acaba saindo tão caro em benfeitorias e equipamentos que o capital empregado dificilmente será recuperável em caso de venda.

Se houve, então, que tomar dinheiro emprestado para realizar a instalação ou para a compra de mais escravos, desaparecem aquelas vantagens, devido ao alto juro que é aqui de 12% por lei. Só mantendo-se favorável à conjuntura, poder-se-ão saldar as dívidas e gozar o fruto dêsses esforços. Na verdade, conheço apenas um meio de se conseguir êxito na exploração de uma fazenda: é seguir o exemplo que deu um certo Sr. Ring⁽⁵⁾, como vim a saber. Chegou êle ao Rio faz uns cinco anos; durante o primeiro, trabalhou como caixeiro numa loja, esforçando-se por adquirir os conhecimentos preliminares em repetidas viagens pelo interior e aprendendo o idioma. Com suas economias, comprou

(5) O dinamarquês Daniel Rink, um dos colonos que daqui emigrou para Nova Friburgo, cuja plantação ficava perto das dos suíços André, Nicolas e Graffenried, a duas horas de cavalo da fazenda March na Serra dos Órgãos (futura Teresópolis) e foi visitada a 11 de setembro. 1826. por E. W. Fry (*apud* seu "Diário" citado). T.

êle dois escravos e as ferramentas essenciais, farinha e carne-sêca, conseguindo do govêrno um lote de terra devoluta nas cercanias da Serra dos Órgãos, o qual nada lhe custou. Lá construiu miserável cabana, onde morava com seus escravos e vivia exatamente como êles, submetendo-se com estóica perseverança aos maiores desconfortos: o dia inteiro a arar, cavar e plantar, a ponto mesmo de superá-los nessas tarefas. Nestas tristes circunstâncias, tão alheias a qualquer ente civilizado, passou quatro anos, quase sem interrupção, de modo que está agora colhendo suficiente café de uma bem planejada plantação e, graças à venda gradativa da sua produção, já aumentou para sete o número de escravos. Sua lavoura progride diàriamente, sem que por isso pense em melhorar o modo de vida ou o conforto de sua casa. Assim e só assim, pode-se e consegue-se — praticamente sem recursos — enriquecer em pouco tempo. Quem estiver disposto a tanto, que se inspire neste exemplo e faça o mesmo! Mas não se esqueça de que nenhuma das mencionadas condições pode ser transgredida; a menor concessão ao bem-estar, e às legítimas exigências sociais de qualquer ser civilizado, fará malograr irreversivelmente o objetivo visado.

Rio de Janeiro, 1.º de junho, 1824.

Acabo de assistir a uma cena verdadeiramente horripilante: a execução de um criminoso. Vinham circulando há tempos falsas notas de banco, conseguindo afinal as autoridades prender os responsáveis, que eram cinco portuguezes. Foram todos condenados à morte; contudo, o Imperador comutou-lhes a pena, mas o Banco interpôs-se incorporado, fazendo ver que não haveria mais segurança no futuro se êste caso não servisse de exemplo, de modo que D. Pedro manteve-a unicamente para o chefe do bando e sentenciou os demais a trabalhos forçados nas Minas.

A execução teve lugar no Morro da Conceição, onde foi levantada uma fôrca. Cheguei lá justo no momento em que aquêle já estava sôbre o catafalco, as mãos atadas, o rosto escondido por amplo capuz que o tornava invisível; um padre à frente fazia sua exortação e dois negros desempenhavam as funções de carascos. Tinham-lhe amarrado a corda ao pescoço, mas

tanto demoraram os dois diabos na terminação dos seus preparativos que foi, sem dúvida, uma falta de humanidade deixar o delinqüente nessas condições, que na certa equivaleu a dez suplícios o tempo levado nesses vaivéns. Finalmente, foi êle empurrado do estrado, enquanto um dos negros pendurou-se de seu pescoço para quebrar-lhe a nuca, tudo terminando depois disso. Na volta, encontrei vários sacerdotes pelas ruas a recolherem esmolas para rezar missas pela alma do enforcado.

Mas, substituamos depressa tão melancólico espetáculo por outro mais ameno! Acompanhe-me em meu último passeio a cavalo. Foi à antiga propriedade do ministro von Hogendorp⁽¹⁾, onde êste notável persona-

(1) Conde Dirk van Hogendorp (1761-1822), holandês. Emigrou da Europa em 1817, após ter sido governador-geral das Índias neerlandesas, ministro da guerra e embaixador durante o reinado de Luís Bonaparte. Ingressando nas hostes napoleônicas como ajudante-de-campo e governador de Hamburgo depois que o Imperador dos franceses incorporou os Países-Baixos à sua Europa. Aqui, adquiriu uma propriedade nas Laranjeiras, onde plantou café, ao lado da que havia pertencido ao cônsul-geral inglês (Chamberlain) que a passou ao compatriota W. Young. Em lembrança da casa paterna, perto da Haia, batizou-a Hogendorp: Nova Sion. Viviu modestamente de seu vinho de laranjas, da lenha e das bananas que êle mesmo levava à cidade. Ficavam essas terras na Ladeira do Acurra e o "Ermilão do Corcovado", como era conhecido, foi ali procurado por D. Pedro às vésperas da Independência. Ao morrer, ignorava Hogendorp que tivesse sido contemplado por Napoleão no seu testamento. Deixou memórias, publicadas na Haia em 1887 e sua biografia foi escrita por P. Mélon (Paris, 1938). Maria Graham fez um belo desenho da casa em que o general era visitado por quanto viajante ilustre de passagem, e descreveu seu gabinete, em cujas paredes negras fêz pintar uma dança de esqueletos. Também ilustrou no seu

gem da era napoleônica passou seus últimos dias e hoje pertence a Herrn Scheiner, um alemão.⁽²⁾ Tomamos o caminho de Botafogo e dobramos à direita pelo vale das Laranjeiras, seguindo por um riacho, ocupado em tôda sua extensão por pretas lavadeiras que batiam como de costume a roupa contra as pedras com tôda a fôrça. Não perdi a oportunidade para lançar-lhes minhas severas admoestações, que, entretanto, não surtiram o menor efeito. Depois de subirmos íngreme picada, chegamos à chácara de Scheiner que nos recebeu afavelmente. Ali construiu êle uma casa atraente com uma vista encantadora sôbre o vale das Laranjeiras e suas risonhas quintas, parte da baía e o oceano distante. A velha casa de Hogendorp serve agora de despejo e alojamento para o pessoal. Seu quarto prêto foi repintado, mas ainda lá está sua antiquada e avoenga poltrona de rodas. A plantação de café avança pelo vale a dentro com seus

Diário a vista que se descortinava da varanda. Afonso d'E. Taunay deu-lhe mais um título: "primeiro lavrador ilustre do café no Brasil". Em 1922, o govêrno holandês fêz colocar uma lápide em homenagem ao "Reformador do sistema colonial holandês" no centenário de sua morte e o então ministro da Holanda realizou uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1923. T.

(2) Franz Scheiner, segundo o almanaque de 1823, sócio da firma Brittain, Scheiner e Co., na rua do Sabão, foi o único alemão associado a um inglês no Rio. Respeitado e trabalhador, retirou-se em 1828 com seu irmão Joseph para uma fazenda em Cantagalo. Manteve estreitas relações com a Côrte (*apud* Hinden, obra citada, pág. 40). Sua propriedade ficou com o sócio, existindo uma aquarela de Vidal (1835), intitulada "Mr. Brittain's house". Dessa continuidade de proprietários, provém a antiga denominação de Morro do Inglês. T.

vinte mil pés, um tanto abandonados nos últimos anos, mas que Scheiner vai recuperando e ainda ocupa-se com seriedade — amador de jardins que é — do cruzamento e da aclimação de frutas. Em frente à gruta que Hogenorp usava como geleira natural, plantou um belo canteiro de açucenas. O regato que escorre espumante para o vale está cercado de bananeiras e, dentro em pouco a propriedade tôda, com os recursos e o zêlo do dono atual, estará em condições.

Depois do desjejum, subimos o Corcovado, o pico mais alto nas imediações do Rio, que não fica longe dessa plantação. A subida é muito difícil e cansativa, mas quando se chega ao cume, somos mais que compensados pelo imenso panorama que de lá se descortina. O oceano perde-se no infinito, o Rio e seus arredores ficam aos nossos pés. A baía com suas ilhas e admirável cercadura de montanhas apresenta-se à nossa vista deslumbrada em tôda a sua amplitude; o espírito sente-se inabilitado a apreender-lhe a grandiosidade. No ponto mais alto está um telégrafo, quase invisível do sopé da montanha.⁽³⁾

Extenuados, juntamo-nos outra vez ao nosso hospitaleiro anfitrião que nos esperava com ótimo almoço.

(3) Debret, Ender, Earle e tantos outros desenharam êste panorama, mas o que melhor transmite essa impressão de grandiosidade é a gigantesca aquarela anônima que guarda o Musée de la Marine em Paris, provávelmente por algum oficial-artista da esquadilha francesa da América do Sul (c. 1830). Outro notável desenho a tinta de Maria Graham, também inédito, produz uma sensação de vertigem, mas é limitado à vertente litorânea e reduzido, pois, à metade da primeira.

A volta para a cidade foi a pé pela estrada do aqueduto, entregues nossos cavalos aos cuidados de um negro. Depois de subirmos a vertente fronteira à casa, encontramos uma picada que, contornando-lhe as pedras, vai ter a uma torrente cristalina que corre em apreciável declive por seu conduto de pedra. Seguimos êste canal artificial e logo chegamos ao santuário das náiades, onde começa o grandioso aqueduto que supre a cidade de grande parte de sua água. Que lugar delicioso! Encontramo-nos dentro de um cinturão de montanhas que mal deixa avistar-se o vale de um lado. Ruidosa e espumante, precipita-se uma torrente de considerável altura, a qual junta suas águas às do canal aludido, numa bacia de granito, daí passando ao aqueduto.⁽⁴⁾ Árvores frondosas e venerandas cercam os penhascos por tôda parte, cujas copas, unindo-se nas nuvens, não deixam penetrar neste asilo um raio de sol. No mais forte do calor — verdadeira geleira — sente-se um calafrio, ao entrar.

Êste aqueduto de pedra, da altura de seis pés e outros tantos de largo, é revestido externamente de espêsso musgo e folhagens. Dentro passa um canal medindo pé e meio de base por outro de alto, o qual

(4) O aqueduto origina-se com efeito dos mananciais do Corcovado, coletando-os numa grande bacia, chamada a “Mãe D’água”, aspecto que M. Graham também fixou em 1825, qual F. E. Taunay, em tela magistral, do Museu de Belas Artes. T.

conduz a água até a cidade. A cobertura tem um mínimo de interrupções — onde necessárias —⁽⁵⁾ para que não a sujem as águas pluviais, mas umas janelas quadradas são suficientes para assegurar a ventilação. No comêço, lê-se numa placa de mármore branco a seguinte inscrição:

REINANDO EL REY D. JOÃO V, N.S., E
SENDO G.^{or} E C.P.^m G.^l DESTA CAP.^a
E DA DAS M.^{as} G.^{es} GOMES FR^e DE AN-
DRA., DO SEU CONS.^o SARG.^{to} MAIOR DE
B.^a DOS SEUS EXERCITOS, ANNO 1744⁽⁶⁾

Dela se conclui que a obra data de 80 anos e foi construída durante o reinado de D. João V.

A estrada acompanha cômodamente o canal. A vista, sempre encantadora, da parte construída do vale, vai a cada curva modificando-se, para por fim alcançar o Pão de Açúcar, a Ilha Redonda, o farol e o oceano justamente aproximando-se da barra oito navios com suas velas enfunadas, brilhando ao sol.⁽⁷⁾

(5) Veja-se o desenho inédito de M. Graham de 1824, intitulado "Head of Aqueduct". T.

(6) "Reinando el Rey D. João V., N. S., e sendo governador e capitam-general desta capitania e da das Minas Geraes, Gomes Freire de Andrade, do seu Conselho, Sargento-Mor de Batalha dos seus exércitos, Anno 1744". T.

(7) Desta visão mais ampla, uma aquarela de R. Bate (pr. 24 de seu álbum) mostra o aqueduto, focalizando o fundo da baía, vista semelhante à de Rugendas (v. I, est. n.º 8). Também Ender pintou-a um par de vêzes, aparecendo as ditas árvores entrelaçadas, uma das quais é inédita (Academia Vienense de Belas Artes). T.

Depois de andarmos uma hora, a estrada vira onde estão dois obeliscos e segue pela crista do morro, erguendo-se ora à esquerda ora à direita, algum rochedo nu e escarpado. Aqui, muda de súbito o panorama, porque o vale fronteiro abre-se à vista, selvagem no comêço e coberto de árvores centenárias, que se entrelaçam, para, gradualmente, tornar-se mais risonho, deixando aparecer Mata Porcos, São Cristóvão, parte da cidade, até que esta surge em sua totalidade ao olhar encantado, com a Ilha das Cobras, o pôrto repleto de navios embandeirados, a baía e, ao fundo, a cúpula da Mandioca e a Serra dos Órgãos, onde se perdem nesse instante os últimos raios do sol.

Do morro de Santa Teresa, continua o aqueduto até a cidade por cima de arcos de pedra e cal. Bem conservados no todo e restaurados de cima abaixo — a última vez — em 1814, pelo então Príncipe Regente, estão sendo agora concertados em muitos pontos.

Tenho hesitado até agora em dar-te uma descrição da população e de sua maneira de viver, justamente por ser êste o ângulo mais sombrio do Rio. Mas, já agora não posso mais postergá-la e procurarei ao menos que seja um relato fiel daquilo que eu vi. O Rio de Janeiro conta ao redor de 180 a 200 mil habitantes, dos quais dois terços são negros; mulatos vêm-se comparativamente poucos. Os brancos são na maioria portuguezes. Há um número igual de brasileiros natos e, finalmente, uns poucos milhares de estrangeiros: inglêses, alemães e

franceses. Quanto aos brasileiros, os homens são de estatura mediana e franzinos, cabelos e olhos prêtos. mas as fisionomias pouco marcadas. O sexo feminino é igualmente miúdo, sendo raras as caras interessantes, mais ainda as realmente belas; só os olhos é que, no geral, escuros, têm-nos verdadeiramente bonitos e suas donas sabem usá-los com feitiço. Quando jovens são bastante esbeltas, apesar de não usarem cintas ou raramente, mas têm forte inclinação para a gordura, logo perdendo êste encanto. Vestem-se comumente à européia e gostam muito de deixar os braços nus, pelo geral bem feitos e usam braceletes e correntes em profusão. A pele dos nativos é mais amarela que branca, faltando aos dois sexos aquela coloração saudável das faces. O mesmo tom baço ou cadavérico também nota-se entre os estrangeiros que passam muito tempo neste clima, por causa, talvez, do calor. Logo reconhece-se um recém-chegado pelo seu aspecto corado. Entre os brasileiros há uma nítida separação de classes e a nobreza mesma não tem quase contatos com a burguesia, pôsto que aquela já não conte com tanta gente de importância ou que se destaque pela riqueza e pelo fausto. Pelo contrário, segue o estilo da Côrte, vivendo modesta e simplesmente. A classe comercial, em via de regra, é pouco considerada, porque nesse meio não imperam a educação ou a cultura; suas exigências não vão, por certo, além do ganha-pão. Sem embargo, já existem algumas exceções dignas de aprêço e conheci diversos

brasileiros que mandam seus filhos a escolas e universidades alemãs. De modo geral, a educação que recebe a gente da terra é deficiente. Masmo nas melhores famílias, os jovens são malcriados e preguiçosos e, como nessa idade, entregam-nos aos cuidados dos escravos, com êstes se parecem sob muitos aspectos. Se um rapaz aprende a ler, escrever e contar, dão por terminada sua educação; outros conhecimentos são grego para êle. Igualmente, no que respeita à moral, sendo da mesma forma seus mestres os negros e, como êstes têm na infidelidade, na preguiça e na licença uma segunda natureza, pode-se imaginar que formação imprimem em seus discípulos.

A educação das jovens ainda é mais desleixada, se possível, já que, até casarem, pouco saem de casa, salvo para ir à missa; contatos com o outro sexo são-lhes proibidos. A educação que recebem é das mães, não menos ignorantes, e das escravas. Raramente falam outra língua que a materna, quando muito entendem algum francês, e em matéria de música tocarão, quiçá, mediocrementemente o piano. A leitura lhes é de todo estranha, pelo que sua freqüentação oferece poucos atractivos, a menos que se goste de mexericos, no que elas são muito fortes e os praticam em sociedade com exasperante naturalidade.

Quanto a intrigas amorosas, são, porém, mais que dotadas e nelas mostram rara habilidade, sendo êste o tema único e exclusivo, ao redor do qual giram as con-

versações. Ouso então levantar minhas dúvidas sobre se uma aliança íntima com elas poderá trazer a felicidade, uma vez que, sem o menor conhecimento da economia doméstica, deixada de todo nas mãos de escravos, sem educação espiritual e, mesmo, em seus hábitos caseiros, sem graça ou asseio, difficilmente agradarão a quem fôr exigente. Sòmente em visita ou desfilando em procissões, é que se preocupam em vestir-se, mas isso sem gôsto e empetecadas.

Em tais circunstâncias, todos concordarão, dispensando meu testemunho, ser impossível a existência de círculos intellectuais. As reuniões em sociedade consistem em sentar-nos em roda, cada qual pregado à sua cadeira, a bocejar sem cerimônia ou dirigindo uma que outra palavra a seu vizinho. Toma-se um copo de água ou chícara de chá e, como variante, alguma dama senta-se e toca uma que outra dança. Dançar mesmo é raro que isso aconteça, porque senhoras quase nunca tomam parte dessas reuniões e, como as salas no geral são acanhadas e dado o calor constante que aqui faz, tais prazeres tornam-se pouco convidativos.

Malgrado ter eu pintado um retrato pouco lisongeiro do belo sexo entre os brasileiros, estou certo de que a maioria dos estrangeiros aqui residentes, confirmará minha opinião. No entanto, a bem da verdade, devo reconhecer que durante esta minha curta estada, tive a oportunidade de encontrar portugêses e brasileiros que constituem louvável exceção à regra acima e

em cuja companhia passei horas agradáveis.⁽⁸⁾ É certo que o estrangeiro tem muito da culpa quando se queixa da falta de convívio social. Em primeiro lugar, pouco se esforça por aprender suficientemente a língua do país, falha esta para a qual não há alternativa se se quer manter uma conversa; tampouco se preocupa em freqüentar as famílias da terra, o que não é tão difícil, como alega a maioria, para quem se considere pessoa educada ou digna de confiança.⁽⁹⁾ Quando, pois, com o tempo, estrangeiros que se prezam delas se aproximarem com aquela intenção e nas condições indicadas, tenho a firme convicção de que logo far-se-á sentir benéfica influência no quadro geral, já que ao belo sexo não faltam, a despeito de suas deficiências, espírito ou inteligência, e trataria de tornar-se mais interessante, aprimorando seus conhecimentos. Assim, a queixa generalizada sôbre a total ausência de trato com o elemento feminino, cessaria automaticamente.

Cabe ainda a observação de que aqui o costume é tratarem-se as pessoas pelos prenomes, por exemplo:

(8) Bem diferente, diga-se de passagem, é o depoimento de Maria Graham, que numa visita que fêz a uma casa brasileira, encontrou "belas mulheres, pela maior parte, irmãs, primas ou sobrinhas da dona da casa" (a baronesa de Campos), várias falando bem o francês: em suma, uma família, talvez uma exceção. Não invalida, pois, o juízo expresso pelo autor, que, de qualquer modo, fêz também suas ressalvas. T.

(9) Também R. Burton, em *The Highlands of Brazil* (Londres, 1869, pág. 263), culpava o "foreigner" que "hail(s) against the people and the institutions, it is... to me the country that has every right to complain of him..." T.

Dona Ana ou Dona Isabel, Senhor Carlos ou Senhor Ernesto, etc.

Os estrangeiros dividem-se no Rio em três nacionalidades que, salvo pouquíssimos casos, mantêm socialmente pouco contato entre si. Os ingleses compõem, sem discussão, a classe mais respeitada pela sua afluência, seus privilégios e mais longa permanência, razão pela qual a todo forasteiro bem vestido chamam aqui de “Senhor inglês”. Estritamente inglês é seu modo de vida; as mulheres só se dão com suas compatriotas. A maioria mora em chácaras pelos arrabaldes, onde os maridos passam as noites assim como os feriados

Os alemães parecem mesclar-se mais com a gente da terra. Alguns já casaram com portuguesas; poucos, porém, construíram casa própria. Comercialmente vêm ganhando terreno cada ano, contando-se entre eles alguns já sòlidamente estabelecidos e influentes.

Os franceses são de longe a colônia mais numerosa, mas, constituída na maior parte de *boutiquiers*, não gozam de maior consideração, raras sendo as exceções. Quanto ao elemento feminino, dizem que muitas pertenceram em sua terra ao mundo galante. Até que ponto isso é verdade, não pude certificar-me. Aquelas, porém, que tive ocasião de conhecer, eram perfeitamente respeitáveis e gentis.

No que concerne a diversões públicas, a situação é lamentável; na verdade, não existem de todo. O bra-

sileiro costuma sentar-se, de noite, à porta da casa para fumar o seu charuto; quando muito vai até a praia ou ao Largo do Paço respirar a aragem do mar, mas raramente o acompanha a família. O Passeio Público já lhe parece demasiado longe, a menos que acaso more na vizinhança; assim mal o podemos considerar lugar de distração. De teatro praticamente não se sente a falta, pois, tal como funciona, só o pode freqüentar a nobreza. Não sòmente há que ir à cidade para saber-se que peça representam como o horário do espetáculo, geralmente das 8 às 12, é, para quem trabalha, de todo inconveniente. Concertos, bailes públicos e locais de reunião populares são coisas que não se conhecem e, como entretimentos, não há mais que as igrejas e as procissões. Dêsse modo, a um estrangeiro culto só resta apreciar a bela e generosa natureza, o que, por certo, é uma esplêndida compensação.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 1824.

Em minhas cartas, relatei-te tudo que me aconteceu de extraordinário e interessante neste país; minhas observações refletem, pois, as reações do momento e a minha convicção. Em várias passagens, terei sido demasiado circunstanciado, mas isto para que te sirvam de guia seguro se jamais te animares a vir até cá.

Já me encontro de nôvo a bordo do meu “Theodor”, rumo à pátria; os amigos que me acompanharam acabam de deixar-me. Enfunam-se as velas. O navio deixa o pôrto e, neste instante, passamos por seu último forte. Adeus, tu, oh mais bela das terras! Cresças e apareças em pujança e cultura, para que em ti descubram aquêlê paraíso que tão fundo embala nossos mais belos sonhos!

ILUSTRAÇÕES

Pág.

- 8 — Planta do Rio de Janeiro, de 1824.
- 15 — A sege de Lorde Marcus Hill — Rio de Janeiro, 1826 (por Charles Landsecr; Coleção Bernardino Pereira).
- 16 — Fonte de águas férreas no caminho para o Alto da Boas Vista, 1828 (pelo Rev. Robert Walsh).
- 21 — Rio de Janeiro, c. 1824 (aquarela anônima; coleção particular).
- 22 — Casa do Cônsul Geral Inglês, onde hoje está o Hotel Glória (óleo pelo Ten. Henry Chamberlain; coleção particular).
- 27 — Valonguinho, 1827 (aquarela e *gouache* de anônimo; coleção Samuel de S. L. Gracie).
- 28 — Mercado de escravos (esbôço aquarelado de M. Rugendas — 1824; Coleção Mário Calábria).
- 35 — Prainha dos Mineiros (aquarela de Thomas Ender — 1817; Academia de Belas Artes, Viena).
- 36 — A Ilha das Cobras vista do Trapiche da cidade, c. 1825 (óleo de Taunay; Coleção A. Soares Sampaio).
- 51 — Em cima: Passeio Público (desenho de Franz Frühbeck — 1817; Hispanic Society of America, Nova York).
Embaixo: Convento e Igreja do Carmo (Biblioteca Real), pormenor de um panorama circular tomado do Morro do Castelo (por W. J. Burchell — 1825; Universidade Witwatersrand, Johannesburg).

- 52 — Praia de Botafogo (desenho de Maria Graham — 1824; British Museum, Londres).
- 53 — Lagoa Rodrigo de Freitas (desenho a lápis e tinta de Maria Graham; British Museum, Londres).
- 54 — “Pedra Santa”, Lagoa Rodrigo de Freitas (pelo Cap. Robert Streatseild; Coleção Paulo Geyer).
- 65 — Cemitério inglês, na Gamboa (por Russell ? ; Coleção A. Camilo de Oliveira).
- 66 — Ponta da Armação, pormenor (óleo pelo Ten. Henry Chamberlain; Museu de Arte, São Paulo).
- 67 — D. Pedro I — miniatura anônima; e tampa de “bombonnière”, em madeira, por E. P. (coleção João Hermes P. de Araújo).
- 68 — Serra dos Órgãos (desenho a lápis e tinta por Maria Graham — 1822; British Museum).
- 81 — “Lord Hood’s Nose”, pormenor (aquarela pelo oficial inglês Henry Kelsall; coleção particular).
- 82 — Rancho e Venda na fazenda Mandioca do Barão de Langsdorff (pelo Ten. Henry Chamberlain; coleção particular).
- 83 — Furnas da Tijuca (aquarela de Thomas Ender; coleção particular).
- 84 — A fazenda St. Louis, de M. Lecegne, na Gávea Pequena (por E. E. Vidal; Coleção Paulo Geyer).
- 99 — Entrada da barra, vista do Corcovado (desenho por Maria Graham — 1824; British Museum, Londres).
- 100 — Aqueduto (desenho por Maria Graham — 1824; British Museum, Londres).
- 101 — Comêço do equeduto, no caminho para o Corcovado (aquarela por Thomas Ender — 1817; Academia de Belas Artes, Viena).
- 102 — O Corcovado, visto da sala de jantar da casa do Cônsul Geral da Prússia (por C. G. Theremin; coleção particular).
- 113 — Em cima: as Estradas Velha e Nova na Serra da Estrêla (*gouche* de F. Hagedorn; coleção particular).
Embaixo: a Glória, sôbre a entrada da barra (óleo por W. Smyth — 1830; coleção particular).
- 114 — Vista da janela do salão, para a Glória, do Cônsul Geral da Prússia, C. G. Theremin (coleção particular).

- 141 — Praia do Flamengo (por C. G. Therman; coleção particular).
- 142 — A Arquiduquesa D. Leopoldina (por J. B. Isabey; Coleção João Hermes P. de Araújo).
- 143 — Figueiras bravas (esbôço a lápis por M. Rupendas para a litogravura "Maryaratibo"; coleção Mário Calábria).
- 144 — Baía do Rio de Janeiro — 1824; esta planta, e a da página 8, figuram na edição original.